

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Simone Maria Monteiro**

**A Escola Normal de Casa Branca: criação, instalação, saberes  
e práticas escolares (1912 – 1932)**

**Piracicaba/SP**

**2016**

**SIMONE MARIA MONTEIRO**

**A Escola Normal de Casa Branca: criação, instalação, saberes  
e práticas escolares (1912 – 1932)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP como exigência parcial da obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar

**Piracicaba/SP  
2016**

Monteiro, Simone Maria

A Escola Normal de Casa Branca: criação, instalação, saberes e práticas escolares (1912 – 1932). – Piracicaba/SP

199 f.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar  
Dissertação (mestrado) – Faculdade Metodista, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação

1. Escolas normais. 2. Casa Branca. 3. Representações

**SIMONE MARIA MONTEIRO**

**A Escola Normal de Casa Branca: criação, instalação, saberes e práticas escolares (1912 – 1932)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP como exigência parcial da obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar

**Banca examinadora:**

**Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar (Orientador)**

**Prof. Dr. Tony Honorato (UEL)**

**Prof. Dr. Cesar Romero Amaral Vieira (UNIMEP)**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Dr. Thiago Borges de Aguiar, meu orientador, companheiro e amigo, a quem devo a oportunidade, incentivo e sugestões que me ajudaram a produzir esta Dissertação.

Aos docentes do programa de Pós Graduação em Educação da UNIMEP, por todos os conhecimentos compartilhados. Em especial aos professores Dr. José Maria de Paiva e Dr. César Romero Amaral Vieira pelas contribuições, discussões e questionamentos.

Ao professor Dr. Tony Honorato pelas contribuições inestimáveis para o aprimoramento da minha dissertação.

Aos meus filhos e Companheiro, pelo apoio, incentivo e principalmente pela compreensão.

Ao meu pai Antônio F. da S. Monteiro que gentilmente me acompanhava durante a coleta dos dados.

A minha mãe Vera L. C. Monteiro pelo apoio e carinho.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - Brasil.

A Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, direção, professores e funcionários que facilitaram a minha permanência no Arquivo da Escola durante a pesquisa.

Ao Secretário da Cultura Sr. Renato Thadeu Lima, por disponibilizar seus arquivos pessoais e pelas indicações de fontes.

Enfim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

A Escola Normal de Casa Branca foi criada em 1912 e instalada em 1913, em um período de expansão das Escolas Normais no Estado de São Paulo. Este estudo analisa o percurso da Escola Normal Primária de Casa Branca desde a sua criação, instalação, seus saberes e práticas escolares, assim como os prédios utilizados durante o período de 1913 a 1932. Por meio de uma abordagem historiográfica, embasada pela História Cultural, fundamentada por Chartier (1990), por Magalhães (2004) e Nóvoa (1992) seguindo a relação da instituição com seu entorno, abordamos a trajetória da Escola Normal de Casa Branca nos seus primeiros anos. Trataremos das representações sobre o projeto civilizador estabelecido pelo regime Republicano ao redor da educação, refletido nas Escolas, consideradas “templos de civilização”, termo utilizado por Souza (1998), simbolizando importância destas instituições para o novo regime. Abordaremos a apropriação destas representações, em particular, pela população casabranquense em torno da Escola Normal. A metodologia utilizada para a pesquisa foi a análise histórica das fontes, dialogando com diferentes documentos e registros levantados deste período. Foram trabalhadas as fontes encontradas no Museu e no arquivo permanente da Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho – antiga Escola Normal; jornais locais do período pesquisado; Câmara Municipal; arquivos particulares; Casa da Cultura. A pesquisa foi dividida em três capítulos: perpassamos pela criação das Escolas Normais no Brasil, no Estado de São Paulo até a sua criação na cidade de Casa Branca; discorreremos sobre os saberes e as práticas escolares, percorreremos os edifícios que abrigaram a Escola Normal no período de 1913 a 1932 quando foi entregue a comunidade escolar o novo prédio escolar.

**Palavras-chave:** Escolas Normais. Casa Branca. Representações.

## **ABSTRACT**

The Normal School of the Casa Branca was established in 1912 and installed in 1913 in a period of expansion of Normal Schools in the State of São Paulo. This study analyzes the course of Primary Normal School of the Casa Branca since its creation, installation, their knowledge and school practices, as well as the buildings used during the period from 1913 to 1932. Through a historiographical approach, based for Cultural History, supported by Chartier (1990), Magellan (2004), Novoa (1992) following the relationship of the institution with its surroundings, we approach the trajectory of the Normal School of the Casa Branca in its early years. We will deal with representations of the civilizing project established by the Republican regime around education, reflected in the schools, which are "temples of civilization", a term used by Souza (1998), symbolizing the importance of these institutions to the new regime. We will discuss the appropriation of these representations in particular by casabranquense population around the Normal School. The methodology used for the study was the analysis of historical sources, dialoguing with different documents and records raised this period. The sources were worked found in the Museum and the permanent archive of the State School Dr. Francisco Thomaz de Carvalho - old Normal School; local newspapers of the period studied; Town hall; private files; Culture house. The research was divided into three chapters: we the creation of Normal Schools in Brazil, in São Paulo to its creation in the city of Casa Branca; will discuss the knowledge and school practices, we will cover the buildings that housed the Normal School in the period 1913-1932 when it was delivered to the school community the new school building.

Keywords: Normal Schools. Casa Branca. Representations

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Arquivo pessoal de Luis Renato Thadeu de Lima – Alvará p/ereção da Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1).....   | 31 |
| Figura 2 - Arquivo Pessoal de Luis Renato Thadeu de Lima – Discurso de Boanerges N. de Lima (2).....  | 37 |
| Figura 3 - Primeiro prédio alugado para a instalação da Escola Normal de Casa Branca situado à Praça do Rosário, nº 12 (Arquivo do Blog de Maria Clara Lira – Velhos Tempos, Belos Dias).....                             | 51 |
| Figura 4 - Foto da inauguração oficial da Escola Normal – Arquivo pessoal Boanerges N. Lima.....  | 56 |
| Figura 5 - Primeira inscrição - Boanerges Nogueira de Lima – (Arquivo pessoal) - Ficha de inscrição - nº 01.....  | 59 |
| Figura 6 - Exame de Suficiência aplicado no dia 05/05/1913(Arquivo pessoal - Boanerges Nogueira Lima).....  | 61 |
| Figura 7 - Cadernos do Arquivo da Escola Normal (1).....  | 91 |
| Figura 8 - Cadernos do Arquivo da Escola Normal (2).....  | 91 |
| Figura 9 - Livros de Registro de Penas - Museu da Escola Normal Primária...95   |    |
| Figura 10 - Livros de Registros da Escola Normal Primária – Museu da Escola Normal Primária.....  | 96 |
| Figura 11 - Foto de Grupo de na frente da casa do Sr. Francisco Thomaz de Carvalho, Comitiva do Sr. Presidente do Estado e diretório político de São José do Rio Pardo (Arquivo pessoal – Boanerges Carvalho de Lima..... | 99 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 12 – Formandas de 1913 na residência do Sr. Coronel Albano, durante o baile realizado em homenagem ao Dr. Altino Arantes e Oscar Rodrigues Alves (Arquivo pessoal – Boanerges Carvalho de Lima)..... | 100 |
| Figura 13 - Quadro entregue no último dia da cerimônia de Formatura de 1913 - Quadro docente, discente e administrativo - Museu da Casa da Cultura.....   | 104 |
| Figuras 14 e 15 - Arquivo do Museu da Escola Normal (1)– Discurso do Paraninfo Dr. Francisco T. de Carvalho.....  | 110 |
| Figura 16 - Foto do Anuário do Ensino de 1926 – Atividade Física.....   | 113 |
| Figuras 17 e 18 - Arquivo do Museu da Escola Normal (2) – Revista Grêmio Normalista.....  | 115 |
| Figura 19 - Fotos da visita do secretário do Interior Dr. Fábio Barreto - Arquivo Scabarozzi (1).....   | 117 |
| Figura 20 - Fotos da visita do secretário do Interior Dr. Fábio Barreto - Arquivo Scabarozzi (2).....   | 118 |
| Figura 21 - 1ª casa alugada e posteriormente comprada para a instalação da Escola Normal.....   | 129 |
| Foto 22 - 4ª casa alugada prédio da Praça Dr. Barreto esquina com a Rua Padre Santana.....  | 130 |
| Figura 23 - Foto do Anuário do Ensino de 1926 (p. 381)- Escola Normal em fase de construção.....  | 138 |
| Figura 24 - Escola Normal em fase de acabamento–Foto do Museu da Escola Normal de Casa Branca.....  | 142 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 25 - Foto da Escola Normal – Arquivo do Museu da Escola Normal (1) – Circulação interna.....           | 143 |
| Figura 26 - Foto da Escola Normal – Arquivo do Museu da escola Normal (2) – Circulação interna.....           | 143 |
| Figura 27 - Foto da Escola Normal – Arquivo do Museu da escola Normal (3) – vista lateral.....                | 144 |
| Figura 28 - Imagem do Livro – Arquitetura Escolar Paulista - 1890 – 1920 (p. 145).....                        | 145 |
| Figura 29 - Imagem do Livro “Arquitetura Escolar Paulista” 1890 – 1920 (p. 143) - Planta do 2º pavimento..... | 146 |
| Figura 30 - Foto arquivo pessoal José Renato Thadeu Lima – Escola Normal em construção.....                   | 147 |
| Figura 31 - Foto atual da Escola Normal.....  | 158 |
| Figura 32 - Foto do Museu Prof. Conceição Paschoal (1).....   | 159 |
| Figura 33 - Foto do Museu Prof. Conceição Paschoal (2).....   | 160 |
| Figura 34 - Foto do Museu Prof. Conceição Paschoa.....  | 161 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Ano de criação dos grupos escolares na região de Casa Branca.....                    | 34 |
| Quadro 2 – Estatística de número de alunos de Casa Branca (1911/1912).....                      | 34 |
| Quadro 3 - Estatística de número de alunos de Mococa (1911/1912).....                           | 34 |
| Quadro 4 - Estatística de número de alunos de São João da Boa Vista (1911/1912).....            | 35 |
| Quadro 5 - Estatística de número de alunos de São José do Rio Pardo (1911/1912).....            | 35 |
| Quadro 6 - Estatística de número de alunos de Tambaú (1911/1912).....                           | 35 |
| Quadro 7 - Distâncias em Km das Escolas Normais ou Complementares da cidade de Casa Branca..... | 36 |
| Quadro 8 - Estatística do Primeiro Exame de Suficiência.....                                    | 58 |
| Quadro 9 - Estatística do primeiro Exame de Suficiência.....                                    | 62 |
| Quadro 10 - Quadro de inscritos para o Exame de Suficiência (1913 – 1934).....                  | 62 |
| Quadro 11- Quadro de matrículas em 1913 - na secção masculina.....                              | 64 |

|  |    |
|--|----|
| Quadro 12 - Quadro de matrículas em 1913 na secção feminina.....                                       | 65 |
| Quadro 13 - Primeiro quadro de funcionários.....   | 68 |
| Quadro 14 - Professores em 1913.....   | 69 |
| Quadro 15 - Quadro das disciplinas do primeiro ano (1913): 1 <sup>o</sup> Ano.....                     | 70 |
| Quadro 16 - Estatística das Escolas Normais em 1914.....   | 71 |
| Quadro 17 – Escolas Normais no Estado São Paulo - realizada nos Anuários do Ensino de 1914 a 1926..... | 71 |
| Quadro 18 - Estabelecimentos Anexos a Escola Normal Casa Branca – 1914.....                            | 72 |
| Quadro 19 - Quadro de matrículas da Escola Normal compreendidos entre 1913 a 1934.....                 | 73 |
| Quadro 20 - Quadro de formandos da Escola Normal de 1916 – 1934.....                                   | 74 |
| Quadro 21 - Registro de funcionários da Escola Normal de 1913 a 1928.....                              | 75 |
| Quadro 22 - Professores da Escola Normal de Casa Branca em 1932.....                                   | 77 |
| Quadro 23 - Quadro de Diretores de 1913 a 1939.....  | 79 |
| Quadro 24 - Quadro das Matérias no primeiro ano (1913) – 1 <sup>o</sup> e 2 <sup>o</sup> Anos.....     | 81 |
| Quadro 25 - Quadro das Matérias no primeiro ano (1913) –   |    |

|   |     |
|---|-----|
| 3º e 4º Anos.....   | 81  |
| Quadro 26 – Primeiros professores da Escola Complementar.....                   | 84  |
| Quadro 27 – Matérias das Escolas Complementares.....                            | 84  |
| Quadro 28 - Quadro de matrículas do Curso Complementar.....                     | 85  |
| Quadro 29 - Quadro das Matérias da Escola Normal em<br>1920.....                | 85  |
| Quadro 30 - Quadro de matérias de 1920 – 1º e 2º Anos.....                      | 86  |
| Quadro 31 - Quadro de matérias de 1920 – 3º e 4º Anos.....                      | 86  |
| Quadro 32 - Quadro das Matérias em 1925 – 1º e 2º Anos.....                     | 88  |
| Quadro 33 - Quadro das Matérias em 1925 – 3º e 4º Anos.....                     | 88  |
| Quadro 34 - Quadro das Matérias em 1925 – 5º Ano.....                           | 89  |
| Quadro 35 - Material do acervo de 1913 a 1934.....                              | 92  |
| Quadro 36 – Primeira turma de formandos da Escola Normal de Casa<br>Branca..... | 106 |
| Quadro 37 – Tabela populacional por ano (1900 – 1940).....                      | 157 |

# SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>14</b>  |
| <br>   |            |
| <b>1. UMA ESCOLA NORMAL PARA CASA BRANCA</b>                       |            |
| 1.1. Surgimento das Escolas Normais no Brasil e em São Paulo ..... | 21         |
| 1.2. Aspiração por uma Escola Normal em Casa Branca.....           | 29         |
| 1.3. A autorização da Escola Normal Primária de Casa Branca.....   | 39         |
| 1.4. Instalação da Escola Normal Primária de Casa Branca .....     | 51         |
| <br>   |            |
| <b>2. SABERES E PRÁTICAS DA ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA</b>       |            |
| 2.1. Seus primeiros agentes escolares.....                         | 57         |
| 2.2. Saberes escolares .....                                       | 80         |
| 2.3. A escola e suas práticas .....                                | 98         |
| <br>   |            |
| <b>3. UMA ESCOLA PEQUENA DEMAIS</b>                                |            |
| 3.1. Prédios provisórios (1913 – 1932).....                        | 127        |
| 3.2. Novo prédio – projeto e construção (1918 – 1932).....         | 131        |
| 3.3. O novo prédio, de fato, é da Escola (1932) .....              | 150        |
| <br>   |            |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                            | <b>163</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem a pretensão de marcar a criação, instalação, saberes e as práticas escolares da Escola Normal na cidade de Casa Branca, problematizando sua história, marcando seu lugar no contexto educacional Estadual e Nacional no período de 1912 a 1932.

As Escolas Normais no Brasil surgiram em por volta de 1835, com a criação da primeira Escola Normal na Niterói, Rio de Janeiro, pela Lei Provincial de 4 de abril de 1835, sendo criadas várias outras em diferentes estados, como em Minas Gerais (1835), Bahia (1836), Maranhão(1840), São Paulo(1846), Paraíba(1854), Goiás (1858), Pernambuco e do Piauí (1864), na corte(1880).

Com o advento da República, em 1889, sob a forte influência dos ideais republicanos, tendo a instrução por finalidade a formação do cidadão, o governo do estado de São Paulo investiu na criação de Escolas Normais. Visando a formação dos professores e na consolidação dos ideais republicanos foram criadas até 1912 oito Escolas Normais no Estado, dentre elas, em 1912, na cidade de Casa Branca, interior de São Paulo.

Apresentando uma localização estrategicamente privilegiada, fazendo divisa com seis cidades e interligando o estado de São Paulo ao sul de Minas Gerais, a pequena cidade vê na chegada da escola, segundo os memorialistas casabranquenses, a possibilidade de desenvolvimento econômico e cultural, colocando-a em posição de destaque na região.

Para a região a vinda da Escola Normal para Casa Branca era a possibilidade de formação e carreira docente, pois seria a única em um raio de 50 km em seu entorno, podendo atender a uma demanda crescente de professores e alunos, em um contexto de expansão das escolas públicas, a qual dava prosseguimento ao projeto civilizador implantado no início da República, visando à transformação social através da educação.

Desta forma, sistematizar e compreender como se constituiu a sua trajetória, torna-se fundamental para a própria escola, hoje Escola Estadual “Dr Francisco Thomaz de Carvalho”, e para a cidade. Para a história da educação,

relevantes informações foram levantadas sobre o início da formação de professores na região de Casa Branca, desta forma esperamos contribuir com futuras pesquisas nesta área, sabendo da escassez de produções acadêmicas sobre este objeto de pesquisa.

Em meu primeiro levantamento bibliográfico senti um grande vazio nos trabalhos acadêmicos sobre a Escola Normal de Casa Branca, em alguns momentos, inserida apenas em dados estatísticos. Neste sentido busquei levantar, catalogar a documentação e as fontes que me possibilitassem compreender sua história e futuramente contribuir com novas pesquisas na área.

Sabendo deste valor atribuído à Escola Normal, por onde passaram inúmeras alunas casabranquenses e que, ainda por volta de 1980, cursar o magistério para as adolescentes na antiga Escola Normal fazia parte da cultura da cidade, sendo eu pertencente a este grupo, despertou-me o interesse em investigar a sua instalação, assim como a circulação de educadores e educandos e sua influência na sociedade e seu entorno.

Por ter feito parte da minha trajetória profissional e ter encontrado ainda relatos sobre o tempo áureo da Escola Normal em Casa Branca, busquei com a minha pesquisa contribuir para a História da Educação, com a construção histórica da cidade e, com isso, da própria escola fazendo a catalogação, registros e a divulgação do material pesquisado.

A pesquisa aqui proposta tem por eixo de problematização a Escola Normal de Casa Branca. Estabeleci como recorte de investigação o intervalo de 1912, ano de sua criação, até por volta de 1932, data da ocupação definitiva do seu prédio próprio.

Dentro deste contexto, o objetivo geral da pesquisa foi refletir sobre sua criação perpassando o movimento de instalação, saberes e práticas escolares, nas primeiras duas décadas de funcionamento. Utilizando-me de diversas fontes encontradas em diferentes instituições, fazendo o seu cruzamento, com o olhar investigativo, levantando os questionamentos sobre as relações entre a documentação e o objeto pesquisado.

Quanto aos objetivos específicos este trabalho se propôs a busca os seguintes aspectos: a) o processo de instalação da Escola Normal em Casa Branca; b) quais foram seus primeiros agentes escolares; c) quais os saberes e suas práticas escolares utilizadas neste período; d) quais os prédios utilizados até a construção de seu prédio; relacionando a Escola Normal de Casa Branca com a história da Escola Normal no Estado de São Paulo.

Foram estes questionamentos que me impulsionaram a investigar a constituição da Escola Normal de Casa Branca, resgatando sua história, levantando sua documentação referente à sua criação, instalação e seus primeiros anos de funcionamento.

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi à documental que contou com o levantamento de fontes no arquivo e no museu da Escola Normal de Casa Branca; o levantamento na coleção dos jornais da cidade onde analisamos edições a partir de 1900 a 1934.

Na Câmara municipal fizemos a leitura das atas a partir de 1893 a 1934; na Casa da Cultura pesquisamos livros e documentos do mesmo período, nos arquivos pessoais do professor Boanerges Nogueira de Lima buscamos discursos e documentos que registrassem os primeiros anos da Escola Normal; assim como nos registros do Dr. Francisco Thomaz de Carvalho.

Como fontes, além das acima citadas, utilizamos os Anuários do Ensino produzidos pelo estado de São Paulo, bem como produções de memorialistas da cidade de Casa Branca.

Como referencial teórico fundamentei-me em Roger Chartier (1990) e Le Goff, dentro da abordagem da história cultural, considerando os conceitos de “representações”, “práticas” e “apropriações”.

Para a história da educação: Justino Magalhães (2004 e Nóvoa (1992) utilizando a meso-abordagem; Rosa Fátima de Souza (1998) e Leonor Tanuri (2000) na fundamentação sobre as Escolas Normais no Estado de São Paulo e recorri a Vidal (2005) sobre a cultura escolar.

Servindo-me da história cultural e de seus conceitos de representação, categorias, práticas e apropriação, visando compreender os processos pelo quais os sujeitos constroem e dão sentido as suas ações, trabalhamos as fontes pesquisadas buscando identificar de que modo e em que momento estas foram construídas, pensadas, escritas, em que realidade social foram construídas, baseando-me na definição de Chartier (2002),

A história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizaram a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Utilizando Magalhães (1999, p. 65), busquei uma renovação na forma de construir a identidade da escola, fazendo um cruzamento e um alargamento das informações, uma meso-abordagem, tratando cada fonte documental com sua especificidade e suas diversidades de interpretações. Na hemeroteca, nos arquivos públicos e pessoais, nas atas da Câmara Municipal, fontes primárias e secundárias com dados da história da educação brasileira. Para o autor:

E se as abordagens de tipo meso e de tipo micro não constituem inteira novidade para os historiadores pois que através da *Nova História* se abriram à interdisciplinaridade, às totalidades (organizadas e- ou em organização), à actualidade, a novas temáticas, novas metodologias e novas fontes de informação, já a construção de um novo objecto do conhecimento historiográfico – a escola como a totalidade organizada e aberta ao exterior -, constitui um desafio inovador. (MAGALHÃES, 1999, p. 65)

Portanto, para Magalhães (1999, p 68) “na meso-abordagem que emerge a renovação do conhecimento historiográfico sobre as linhas de

continuidade e de mudança no percurso histórico das instituições educativas”, passando pela diversidade informações: das paisagens físicas e humanas, na estrutura arquitetônica dos edifícios aos aspectos simbólicos, as relações da comunicação e do poder, a memória individual e coletiva e a relação educativa, investigações que não devem ser deixadas de lado. Ainda de acordo com autor (1999, p. 68):

A evolução arquitetônica, a gestão/adaptação dos espaços e das estruturas, os ciclos de procura de instrução, os ciclos de renovação dos recursos humanos e materiais, as políticas de habilitação e recrutamento do pessoal docente, as políticas de admissão e de sucesso do pessoal discente, são factos, acontecimentos e combinatórias que de igual modo, não apenas não podem ser deixados de fora na preparação do discurso, integrador e problematizante da síntese histórica, como são fundamentais enquanto factores de informação e vias de estruturação da investigação. (MAGALHÃES, 1999, p. 68)

Para desenvolver a pesquisa, sabendo do envolvimento como pesquisadora, reuni diferentes fontes de diversos arquivos para aumentar a confiabilidade e diminuir a subjetividade. Os cruzamentos destas fontes nos levam muitas vezes a novas perguntas e à busca de outras fontes, porém limitamos a pesquisa aos seus objetivos gerais e específicos.

Apenas o levantamento das fontes não nos possibilita a construção historiográfica do objeto, esta construção depende das perguntas feitas pelo pesquisador a elas que, sozinhas, por si só, não produzem história.

É de acordo com o olhar do pesquisador sobre as fontes que reescrevemos a História, cada uma com suas peculiaridades, cabe ao pesquisador investigá-las e questioná-las no seu silêncio ou na sua ausência.

Para a construção historiográfica da Escola Normal de Casa Branca, primeiramente identifiquei os documentos produzidos no período determinado pelo recorte da minha pesquisa, selecionei as fontes e as reagrubei, as quais me serviram de base para a interpretação e escrita do meu objeto.

Ressaltamos que, segundo Le Goff (1990, p. 547) “o documento não é inócuo”, ele resulta de uma montagem consciente ou inconsciente de quem o produziu,

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 1990, p. 547)

Para o autor, cabe ao historiador não ser ingênuo diante de tais documentos, deverá usá-lo “com pleno conhecimento de causa”,

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1990, p. 535)

Diante das fontes, pudemos constatar como os ideais republicanos foram apropriados pela comunidade casabranquense, pelos jornais, discursos acompanhamos a expectativa em torno da Escola Normal, a qual traria a cidade desenvolvimento social e econômico. “Tempos de glória”, é o termo utilizado por alguns memorialistas casabranquenses quando se referem aos anos de funcionamento da Escola Normal, simbolizava um período de reconhecimento regional e cultural, um período em que os “holofotes” estavam voltados intencionalmente, ou não, para esta instituição de ensino.

Infelizmente, com o descarte permitido de tempos em tempos e a falta de políticas públicas e legislação que resguarde os arquivos, muitas instituições não souberam arquivar seus documentos de forma adequada, permitindo a perda de muitas fontes e de uma parte de sua história. O mesmo ocorreu nos arquivos da Escola Normal de Casa Branca, com 102 anos de história, encontramos os documentos em uma sala onde abriga o Museu Professora Conceição Paschoal, com uma parte do acervo e outra parte em um arquivo

permanente, todas sem uma orientação profissional para a sua organização e preservação. Afirma Magalhães (1999, p. 75),

Com efeito, a uma gestão do acto pedagógico de uma forma geral muito selectiva, relativamente à quantidade e à qualidade da informação que os intervenientes entendem dever conservar, nomeadamente por parte dos professores, em relação à produção escrita dos alunos e deles próprios professores, tem vindo a associar-se, por um lado, a ausência de uma política esclarecida sobre a conservação e organização documental, pelo que os fundos documentais das instituições educativas têm ficado dependentes do arbítrio dos agentes responsáveis e dos imprevistos que o tempo e a gestão dos espaços, por vezes exíguos, permitem. (MAGALHÃES, 1999, p. 75)

De acordo com Magalhães (1999, p.76), a falta de políticas públicas na conservação e preservação dos arquivos vem comprometendo o trabalho do historiador, sabendo que boa parte da história das instituições educativas ainda está por fazer, e afirma que este é o momento de se lançar um novo olhar sobre a documentação: “Muito provavelmente, este é o momento oportuno para um novo olhar sobre a documentação que traduz e informa acerca do quotidiano da educação; acerca da complexidade das práticas educativas”.

Neste sentido, fica evidente a importância de um projeto que vise levantar, catalogar a documentação e as fontes que possibilitem compreender essa história através do arquivo escolar, como ressalta Vidal (2005),

Integrado à vida da escola, o arquivo pode oferecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da Instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que a produziram, e mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com o seu entorno.(VIDAL, 2005, p. 23)

No meu primeiro contato com o arquivo realizei um levantamento das fontes encontradas, registrando-as por datas e assuntos na forma em que encontravam dispostas, as que para Magalhães é relevante para entendermos a relação do arquivo com a rotina da instituição e a forma em que foi organizado,

[...] o mergulho num arquivo ainda que não organizado, deverá, previamente a qualquer intervenção, proceder a um registro rigoroso da documentação, organização e estado de conservação, tal como a encontra, no pressuposto de que esse retrato corresponde ao estado da situação gerado pelas práticas e pela rotina da instituição. (MAGALHÃES, 2004, p. 137)

Na organização encontrada no Museu da Escola pudemos verificar que os documentos / fontes estão expostos em mesas e estantes seguindo uma ordem cronológica, com alguns livros de registros escolhidos aleatoriamente pelo organizador do Museu.

Apresento a pesquisa em três capítulos, partindo a criação das Escolas Normais no Brasil, pelo Estado de São Paulo, chegando a sua instalação na cidade de Casa Branca em 1912, seus saberes e práticas escolares de 1913 até por volta de 1932, quando o novo prédio é entregue a comunidade escolar.

No primeiro capítulo faço um relato da criação e da expansão das Escolas Normais no Brasil, no Estado de São Paulo até a sua instalação na cidade de Casa Branca. Acompanhamos pelas notas dos jornais locais o trabalho de políticos locais na Assembleia pela aprovação da criação da Escola Normal nesta cidade como também o clima de expectativa produzido pela mídia na população casabranquense.

Para Chartier (2002 p. 17) as representações do mundo social são determinadas pelos interesses de um grupo social que as impõem para legitimar um projeto reformador ou a justificar suas escolhas e condutas. Portanto as representações neste período fortaleciam a importância dada a educação e as escolas na formação do novo cidadão e ao projeto civilizador.

No segundo capítulo abordo os saberes e práticas escolares: seus primeiros alunos, professores e funcionários, faço um levantamento estatístico sobre os exames de suficiência, matrículas e formandos, trabalhamos com cadernos de alunos, festividades cívicas, encontros e visitas. Destaco as atividades físicas muito presente no dia a dia da Escola Normal, como também a inauguração dos Grêmios estudantis que de acordo com Nery (2011) desempenhavam importantes funções na formação dos futuros docentes,

As associações de alunos das escolas de formação de professores são representantes de uma significativa parcela das práticas desenvolvidas nestas instituições. Além de serem responsáveis por boa parte das atividades extraclasse, tais associações também se ocupavam da publicação dos periódicos dessas escolas. Estratégia de organização do campo e de conformação da profissão docente em São Paulo, essas associações de alunos eram intituladas Grêmios Normalistas. (Nery, 2011)

Passando para o terceiro capítulo, apresento os prédios por onde se instalou a Escola Normal de Casa Branca e o processo de construção de seu novo edifício. Perpassamos pelo seu projeto arquitetônico, sua construção e paralisações constantes, acarretando um longo período de 12 anos para a finalização da obra, após a Revolução Constitucionalista de 1932.

Para trabalhar este capítulo utilizei Nóvoa e Magalhães em cultura material no que se refere a espaços e arquitetura dos edifícios, construção, adaptação, conservação ou transformação ocorridas no período de 1912 a 1932.

A Escola Normal da cidade desde a sua criação passou por várias alterações ao longo dos 103 anos, seguindo as legislações educacionais do Estado de São Paulo, inicialmente em 1912, como Escola Normal Primária de Casa Branca, em 1921 Escola Normal de Casa Branca, em 1940 Escola Normal Dr. Francisco Thomaz de Carvalho<sup>1</sup>, em 1943 Colégio estadual e escola Normal Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, 1953 Instituto de Educação Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, em 1966 Instituto de Educação Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, 1976 Escola Estadual de 1º e 2º Graus Dr. Francisco Thomaz de Carvalho e 1996 Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho.

Hoje o prédio abriga a Escola Estadual “Dr. Francisco Thomaz de Carvalho”, atendendo alunos do fundamental II, Ensino Médio e EJA nos períodos da manhã, tarde e noite.

---

<sup>1</sup> Dr. Francisco Thomaz de Carvalho – Natural de Casa Branca, diplomou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo em 1886 com 26 anos. Em 1887 candidata-se e elege a Deputado à Assembléia Provincial. Com o advento da República elegeu-se Deputado à Constituinte Paulista de 1891, durante a República advogou em todo o estado, principalmente na média mogiana.

O prédio foi tombado pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turismo do estado de São Paulo; sendo recentemente restaurado e sua obra entregue em 2014; inaugurado juntamente com a entrega da obra o Museu Professora Conceição Paschoal<sup>2</sup>, onde se encontram os documentos do início da sua fundação em 1912 até a presente data.

Relevante destacar, que durante as minhas visitas à escola visando colher fontes para a pesquisa, apreciei alguns projetos desenvolvidos, com o apoio da direção, pelos professores de história junto à comunidade escolar no intuito de preservar o patrimônio cultural e manter viva a memória da Instituição. Projetos de pesquisa com professores de história sobre a criação da Escola, patronos, que resultaram em exposições organizados nos corredores da escola durante todo o ano, buscando a valorização, a conservação e a preservação do Patrimônio Histórico Escolar.

---

<sup>2</sup> Maria Conceição Paschoal – Natural de Casa Branca, filha de Eufrosina Rocha Paschoal e Tito Paschoal - secretário da Escola Normal. Formou-se professora na Escola Normal de Casa Branca em 1949. Diplomou-se em Direito pela PUC – Campinas/SP, Pedagogia em São João da Boa Vista/SP, Professora de matemática em Guaxupé /MG. Atuou como Orientadora Educacional, assistente de direção e professora no Instituto de Educação, aposentando-se em 1981.

## **CAPÍTULO I – UMA ESCOLA NORMAL PARA CASA BRANCA**

### **1.1. Surgimento das Escolas Normais no Brasil e em São Paulo**

O presente capítulo tem por finalidade fazer uma breve retomada da história do processo de instalação da Escola Normal no Brasil, especialmente no estado de São Paulo.

As primeiras Escolas Normais surgiram após reforma constitucional de 1834, a qual descentralizou o ensino público e designou às Assembleias Legislativas Provinciais, entre outras, a atribuição de legislar sobre a instrução pública, conforme artigo 10, parágrafo segundo,

Art. 10. Compete às mesmas Assembleias legislar  
2º Sobre instrução publica e estabelecimentos proprios a promover, não comprehendendo as faculdades de Medicina, os Cursos Juridicos, Academias actualmente existentes e outros quaesquer estabelecimentos de instrução que para o futuro forem creados por lei geral (Lei nº 16, 12/08/1834)

Esclarece Tanuri (2000, p. 62) que o Governo Central ocupou-se com o ensino em todos os graus na capital do Império e do ensino superior de todo o país, deixando para as províncias a expansão do ensino primário e secundário, causando um desequilíbrio na organização da educação primária e secundária entre os Estados. Apesar de muitas reclamações e projetos apresentados a partir de 1870 para que o Poder Central auxiliasse na criação dos estabelecimentos de ensinos nas províncias, não saíram do papel, de propostas e do campo das ideias.

Para atender a expansão da instrução primária gratuita determinada pela legislação, irrompe a necessidade de escolas para preparar professores para atender a nova demanda.

Neste período, os professores que atuavam no ensino eram constituídos de mestres improvisados, que tinham sua formação nas escolas de ensino mútuo, que segundo Tanuri (2000)

Essa foi realmente a primeira forma de preparação de professores, forma exclusivamente prática, sem qualquer base teórica, que, aliás

seria retomada pelo estabelecimento de professores adjuntos.  
(TANURI, 2000, p. 62)

Acrescenta a autora que a formação desses professores era custeado pelos seus próprios ordenados, de acordo com a Lei de 15/10/1827 que dispõe no seu artigo 5º,

Art. 5º Para as escolas do ensino mútuo se aplicarão os edifícios, que couberem com a suficiência nos lugares delas, arranjando-se com os utensílios necessários à custa da Fazenda Pública e os Professores que não tiverem a necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitais.(Lei de 15/10/1827, art.5º)

Segundo Tanuri (2000) poucos resultados foram obtidos das providências tomadas pelo Governo Central referente ao preparo dos docentes pela lei acima citada. Neste contexto, foi criada a primeira Escola Normal brasileira na Província do Rio de Janeiro, Niterói, pela Lei Provincial de 04 de abril de 1835 destinada à formação de novos professores e para aqueles que atuavam no ensino mútuo e não haviam adquirido a instrução necessária. De acordo com Tanuri (2000, p. 63), o modelo implantado no Brasil foi o europeu,

Mais especificamente o francês, resultante de nossa tradição colonial e do fato de que o projeto nacional era emprestado às elites, de formação cultural européia [...] Assim as primeiras iniciativas pertinentes à criação de escolas normais coincidem com a hegemonia do grupo conservador, resultando das ações por ele desenvolvidas para a consolidar sua supremacia e impor seu projeto político.(TANURI, 2000, p. 63)

Na primeira Escola Normal de Niterói, a gestão estava a cargo do diretor que atuaria também como único professor com a função de preparar professores para as primeiras letras, com duração de dois anos, seguindo o currículo: a ler e escrever pelo método Lancasteriano (mútuo); as quatro operações e proporções; língua nacional; elementos de Geografia; os princípios de Moral Cristã.

A Escola aberta em 1840 é fechada em 1849 pela falta de interesse da comunidade pelo curso de formação de professores. Para Tanuri (2000,p. 65) todas as escolas normais da época tiveram a mesma trajetória, fechadas e reabertas, alcançando algum êxito a partir de 1870 com o prenúncio de mudanças no regime político, fomentado pelas ideias liberais de

democratização, obrigatoriedade e liberdade de ensino. De acordo com Souza (1998, p. 27) o projeto liberal dos republicanos teria a educação um papel civilizador da sociedade,

Um amplo projeto civilizador foi gestado nessa época e nele a educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social. A exigência da alfabetização para a participação política (Eleições diretas), tornava a difusão da instrução primária indispensável para a consolidação do regime republicano.(SOUZA, 1998, p. 27)

Ressalta Tanuri (2000,p. 65) que a desvalorização da profissão, pelos baixos salários, somada ao desinteresse da população por estudos acarretaria a instabilidade das escolas normais da época.

Provavelmente, a reduzida capacidade de absorção das primeiras escolas normais foi devida não apenas às suas deficiências didáticas, mas sobretudo à falta de interesse da população pela profissão docente, acarretada pelos míseros atrativos financeiros que o magistério primário oferecia e pelo pouco apreço de que gozava, a julgar pelos depoimentos da época. (TANURI, 2000, p. 65)

E acrescenta a estes fatores, falta de compreensão da importância da formação do professor e a sociedade agrária e dependente do trabalho escravo que não exigiam um maior desenvolvimento da educação escolar.

Com a propagação das ideias da obrigatoriedade de ensino elementar para todos, as Escolas Normais passam a ser reclamadas com maior ênfase. Neste período foram criadas Escolas Normais em várias Províncias como de Minas Gerais em 1835, da Bahia em 1836, do Pará em 1839, do Ceará em 1840, de São Paulo em 1846, da Paraíba em 1854, de Goiás em 1858, de Pernambuco e Piauí em 1864 e da Corte – Rio de Janeiro em 1880, seguida de várias outras.

Todas as Escolas Normais brasileiras abertas neste período foram implantadas, segundo Tanuri (2000, p. 65), com a mesma estrutura simples da Escola Normal de Niterói, um ou dois professores, cursos de 2 anos e um currículo com conteúdos dos conhecimentos primários.

Muitas Escolas Normais foram abertas e fechadas durante este período, acarretando um desinteresse da população, conseguindo sua estabilidade apenas no final do Império e o início da República. Os poucos resultados das Escolas Normais fizeram algumas Províncias optar por professores adjuntos, que aprendiam o ofício como auxiliares dos professores em exercício.

O insucesso das primeiras escolas normais e os poucos resultados por elas produzidos granjearam-lhes tal desprestígio que alguns presidentes de Província e inspetores de Instrução chegaram a rejeitá-las como instrumento para qualificação de pessoal docente, indicando como mais econômico e mais aconselhável o sistema de inspiração austríaca e holandesa dos “professores adjuntos”. (TANURI, 2000, p. 65)

Observa Tanuri (2000, p. 67) que mesmo com a proclamação da República e sua primeira Constituição em 1891, não houve alteração no funcionamento das escolas normais, conservando a descentralização, mantendo sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e o ensino normal.

A Constituição republicana de 24/2/91 não trouxe qualquer modificação da competência para legislar sobre o ensino normal, conservando a descentralização proveniente do adendo Constitucional de 1834. (TANURI, 2000, p. 67)

A falta de apoio da União na organização e manutenção das escolas normais na primeira república levou os estados a organizarem seus sistemas de acordo com seus reformadores, destacando-se a província de São Paulo pelos seus avanços qualitativos e quantitativos sob a liderança dos reformadores progressistas, conclui Tanuri (2000, p. 68)

A atuação dos reformadores paulistas nos anos iniciais do novo regime permitiu que se consolidasse uma estrutura que permaneceu quase que intacta em suas linhas essenciais nos primeiros 30 anos da república e que seria apresentada como paradigma aos demais estados, muitos dos quais reorganizaram seus sistemas a partir do modelo paulista: Mato Grosso, Espírito Santo, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas, Ceará, Goiás e outros. (TANURI, 2000, p. 68)

A Escola Norma Normal de São Paulo foi ressignificada a partir dos ideias liberais de expansão do ensino primário, procurando por em prática os ideais republicanos, uma escola para a difusão e consolidação do novo regime,

onde o professor ficaria responsável pela missão reformadora da sociedade, conforme afirma Souza (1998, p. 27)

A escola pública emerge dos sentidos desta relação intrínseca – é uma escola para a difusão dos valores republicanos e comprometida com a construção e a consolidação do novo regime; é a escola da República e para a República. Esse vínculo entre a educação popular e o novo regime democrático era exaltado pelos profissionais da educação. (SOUZA, 1998, p.27)

Para Souza (1998, p. 62) é importante observar que a valorização do professor e o início da profissionalização do magistério constituem fatores importantes para as transformações ocorridas no final do século XIX no Estado de São Paulo,

A importância dada à educação popular nesse período propiciou a constituição de representações sobre a profissão docente nas quais o professor passou a ser responsabilizado pela formação do povo, o elemento reformador da sociedade, o portador de uma nobre missão cívica e patriótica. Era pelo professor que se poderia reformar a escola e levá-la a realizar as grandes finalidades da educação pública. (SOUZA, 1998, p. 62)

Para a autora o professor passou a ter um papel importante na manutenção e propagação do novo regime político, sendo responsabilizado pela formação do povo, sendo o “portador da nobre missão cívica e patriótica”.

A primeira Escola Normal da Província de São Paulo foi criada pela Lei nº 34 em 16 de março de 1846, funcionando em um edifício ao lado a Catedral do Largo da Sé, atendendo exclusivamente alunos do sexo masculino maiores de 16 anos, livres e de bons costumes.

Dando início à formação dos professores primários do estado de São Paulo, aponta Almeida (1995, p. 665), o currículo da Escola Normal em 1846 contava com as seguintes disciplinas: Lógica, Gramática Geral e da Língua Nacional, Teoria e Prática de Aritmética, Noções Gerais de Geometria Prática e suas Aplicações, Caligrafia, Princípios da Doutrina Cristã e Métodos e Processos de Ensino distribuídos em 2 anos de curso, com aulas de 1 hora e meia por dia, todos os dias úteis da semana. Observa-se a ausência no currículo de disciplinas formativas para o magistério, destacando-se mais o

aspecto de uma cultura geral do que a pedagógica, um curso que formava para a cultura geral e não para a formação profissional.

Segundo Monarcha (1999, p.45), o primeiro e único professor no período de 1846 -1867 foi o Dr. Manuel José Chaves, formado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1835. Em 1864 a Assembleia Provincial aprovou a reforma na instrução pública a qual propunha o mesmo tempo na formação, ampliando o quadro docente para dois professores e duas cadeiras, porém esta reforma não chegou a ser implantada, por conta do veto do presidente da Província Francisco Ignácio Homem de Mello.

Fechada em 1867, a Escola Normal de São Paulo é reaberta em 1875, em meio às aspirações republicanas de segurança, propriedade e instrução, que de acordo com Monarcha (1999, p. 77) período do “surto de desenvolvimento”, consideravam a necessidade de superar o desequilíbrio entre o desenvolvimento material e o desenvolvimento moral e intelectual formando professores, discípulos, que levariam a população a instrução necessária para esta transformação intelectual da sociedade. Segundo o autor “a época concebe a escola normal como um centro de formação profissional, difusão do progresso intelectual e multiplicador de conhecimento”.

Ainda conforme Monarcha (1999, p 96) com curso de dois anos, para alunos a partir de 16 anos, as disciplinas foram assim distribuídas (para seção masculina e feminina<sup>3</sup>) em 1876:

1ª Cadeira – Língua Nacional e Língua Francesa; Aritmética e Sistema Métrico; Caligrafia; Doutrina Cristã; Metódica e Pedagogia, com exercícios práticos nas escolas da capital

2ª Cadeira – Noções de História Sagrada, Universal (inclusive do Brasil); Geografia (especialmente do Brasil) e Elementos de Cosmografia.

No primeiro ano de funcionamento a Escola Normal de São Paulo matriculou-se 33 alunos, e seus professores Paulo Antonio do Valle e Américo Ferreira de Abreu, nomeados interinamente para a primeira e a segunda cadeira respectivamente, segundo Monarcha (1999, p. 96).

Durante os anos de 1876 a 1878, a Escola Normal de São Paulo passa por várias reformas, dentre elas, nos requisitos de matrícula, onde o candidato

---

<sup>3</sup> O Presidente da Província Dr. João Theodoro Xavier sanciona a Lei prevendo a possibilidade da criação de uma seção feminina.

deveria ter no mínimo 18 anos, saber ler, escrever, contar e executar as quatro operações de aritmética e caligrafia; também foram criadas mais duas cadeiras.

Sem verbas explícitas no orçamento provincial de 1875 a 1877, a Escola Normal de São Paulo funcionava em difíceis condições, sem casa própria, sem mobília e sem professores, é fechada novamente em 1878, pelo então Presidente da Província D. João Batista Pereira. De acordo com Monarcha (1999, p. 103) a Escola Normal não era um estabelecimento modelo,

Não compreendo Escola Normal pautada pelo molde acanhado de uma medíocre escola de instrução primária; a que funcionava na capital muito longe estava de satisfazer as exigências de um estabelecimento modelo; para isso tudo faltava. (MONARCHA, 1999, p. 103)

Em 02 de agosto de 1880, a Escola Normal de São Paulo é reaberta, definitivamente, pelo Presidente da Província Dr. Laurindo Abelardo de Brito, com a proposta de um novo começo.

Segundo Monarcha (1999, p. 112), a Escola Normal de São Paulo passa a funcionar no pavimento térreo do prédio do tesouro Municipal, com aulas mistas. Durante esta década, há um aumento significativo das matrículas, ocorrendo várias reformas, entre outras, o aumento de duração do curso de 2 para 4 anos, criação de novas cadeiras. Em seu interior, neste período há um confronto entre ideologias, de um lado defensores da declinante Religião do Estado e do outro os defensores da Religião da Humanidade.

Segundo Monarcha (1999, p.168), com a proclamação da República que ocorre em 1890 e é “concebida como a luz sobre a noite – Monarquia”, e enfatiza:

A república é representada como um clarão intenso sobre as consciências, a iluminar a condição dos pobres e dos humildes, que, durante séculos, viveram na obscuridade, submetidos a toda sorte de despotismo. Subitamente, transformam-se em cidadãos republicanos e são convidados, insistentemente, a ocupar o trono vazio do imperador. (MONARCHA, 1999, p.168)

Para Monarcha (1999, p.171) “pensa-se a educação não como condição de ascensão social, mas como condição prévia para o bom funcionamento das instituições republicanas”; empenham-se na instrução popular.

Partindo dos princípios republicanos que atribuía ao ensino o progresso e o processo civilizador da população brasileira, o Estado de São Paulo inicia um processo de reestruturação e expansão do ensino primário e normal. Segundo Tanuri (2000, p. 68) a reforma inicia-se pela da Escola Normal sob a direção de Caetano de Campos, que influenciado pela estrutura do ensino norte-americano, seguindo os ideais republicanos de ensino gratuito, obrigatório, laico, colocou a formação do professor como ponto fundamental para a melhoria do ensino.

Dentre as melhorias ampliou a parte propedêutica do currículo, criou as escolas-modelo anexas para que os alunos realizassem suas práticas de ensino, além de ampliar o curso para 4 anos e os exames para o ingresso na Escola Normal. Destaca Tanuri (2000, p. 68),

Na Escola Normal, as alterações foram significativas: embora uma única cadeira continuasse responsável pela formação pedagógica do professor – Pedagogia e Direção de escolas – destacam-se a amplitude do currículo, com ênfase nas matérias científicas, o prolongamento de seu curso para quatro anos, e a exigência de uma cultura enciclopédica, a ser avaliada através de exames, para o ingresso na referida instituição. (TANURI, 2000, p. 68)

A reforma iniciada na Escola Normal por Caetano de Campos em 1890, expandindo-se para o ensino público do Estado de São Paulo através da Lei nº 88 de 08/09/1892 sancionada por Bernardino de Campos e executada pela direção de Cesário Motta Junior, amplia o ensino primário para 8 anos, divididos em preliminar e complementar.

O ensino preliminar era obrigatório para crianças de 7 a 12 anos, regidos pelos professores normalistas; o ensino complementar seria ofertado aos alunos concluintes do ensino preliminar, sendo intermediário entre o preliminar e o secundário.

Segundo Honorato (2013) o governo republicano não previu recursos para a reforma da instrução pública, como também o quadro de professores existentes na época para atender as instituições almeçadas,

ao ambicionar uma estrutura de ensino avançada e complexa quando comparada a existente no Império objetivando colocar em circulação um modelo cultural de civilidade, o governo republicano não previu, conscientemente ou não, recursos para implementação da reforma da instrução pública.(HONORATO, 2013)

Segundo o autor os representantes da instrução pública paulista iniciaram a reforma sem docentes qualificados, sendo que até 1897 o único instituto pedagógico era a Escola Normal da Capital, para interior do estado permanecia a falta de professores para atender a nova proposta da instrução pública.

Ainda de acordo com Honorato (2013), para solucionar a falta de professores qualificados, converteu-se as escolas complementares em institutos pedagógicos para a formação de professores para as escolas preliminares, tentando, desta forma, atender rapidamente a falta de docentes para atuarem na nova proposta da instrução pública.

Para Tanuri (2000, p. 69) atendendo a falta de docentes imposta pela expansão da instrução pública, o curso complementar criado para dar continuidade ao ensino primário, passou a ter como objetivo principal formar professores para o ensino preliminar que, com um ano de prática de ensino nas escolas modelo estariam habilitados a dar aulas, de acordo com a Lei n. 374 de 03/09/1895. Conclui Tanuri (2000, p. 69),

Com isso inicia-se uma dualidade de escolas de formação de professores, o que foi de fundamental importância para que se pudesse expandir o sistema de formação de docentes em proporções significativas para a época e prover o ensino primário de pessoal habilitado. (TANURI, 2000, p. 69)

Para a autora inicia-se a dualidade na formação de professores, fato porém importante para aumentar significativamente o número de docentes para atender o ensino primário.

Segundo Honorato (2013) a conversão das Escolas complementares em institutos pedagógicos acarretou a descentralização do sistema de formação dos professores, para ele uma solução paliativa,

A conversão das escolas complementares em institutos pedagógicos foi uma solução paliativa no tocante a supressão da exigüidade de professores, mascarando a inconsistência da estrutura de ensino paulista proposta pelos reformadores da instrução no início da República. Todavia, neste estudo considera tais escolas relevantes invenções republicanas no que dizia respeito à educação popular. (HONORATO, 2013)

No final da década de 1890, segundo Monarcha (1999, p. 212) o estado de São Paulo contava com 2 escolas Complementares na capital: Escola Complementar Anexa à Escola Normal(1897) e Escola complementar Prudente de Moraes (1897) e outras 2 no interior: Escola Complementar de Itapetininga e Escola Complementar de Piracicaba em 1897.

Neste período destaca-se a Prática de Ensino nas Escolas Modelo, instituída por Caetano de Campos, o aumento da carga horária e a formação dos professores pelo curso Complementar, conforme aponta Almeida (1995, p. 681).

O treinamento prático na Escola-Modelo tornou-se requisito indispensável na formação dos professores, tanto que, no caso das escolas complementares, era fornecido aos alunos o diploma de professor da escola preliminar somente após estágio de um ano nas Escolas-Modelo. Como no currículo das Escolas Complementares as disciplinas não pertenciam ao elenco das pedagógicas, a formação profissional do professor ficava exclusivamente limitada ao desempenho e ao treinamento na escola – Modelo, sem que houvesse uma fundamentação teórica proporcionada por disciplinas da área pedagógica, mais condizente com os objetivos formativos propostos pela escola Normal. (ALMEIDA, 1995, p. 681)

Neste contexto de expansão do ensino primário no Estado de São Paulo são abertas outras Escolas destinadas à formação de professores: Escola Complementar de Campinas e Escola Complementar de Guaratinguetá (1903), Pirassununga, Botucatu e São Carlos Escola Normal Primária em 1911, em Casa Branca e no Brás – Capital Escola Normal Primária (1913).

## 1.2. Aspiração por uma Escola Normal em Casa Branca

A Cidade de Casa Branca está localizada a nordeste do Estado de São Paulo, na macrorregião de Campinas, com aproximadamente 29.700 habitantes distribuídos em 865 km<sup>2</sup>(IBGE/2010).

Fazendo divisa com as cidades de Mococa, Tambaú, Itobi, Vargem Grande do Sul, Aguaí, Santa Cruz das Palmeiras, tendo rodovias importantes que interligam o Estado de São Paulo ao Sul de Minas Gerais, a cidade de Casa Branca se encontra em uma localização privilegiada, servindo de passagem para várias cidades e de diferentes regiões.

Casa Branca teve sua fundação, diferentemente das outras freguesias, com características próprias, conforme observa Trevisan (1979, p. 41),

Portanto Casa Branca teve fundação peculiar, toda própria, fugindo ao esquema geral de capela, patrimônio e depois freguesia. A Freguesia foi criada por resolução e alvará régios, em local determinado unicamente por ser o centro da região, com vista à agricultura e povoamento; tanto assim que foram ali planejada e construídas casas e capela para o Governo da Capitania alojar um grupo de imigrantes açorianos destinados à agricultura. Formou-se assim, Casa Branca, a povoação dos ilhéus. (TREVISAN, 1979, p. 41)

Segundo Trevisan (1979, p. 67) a povoação começou a se organizar com a construção da capela, cadeia e cemitério, sendo que, a primeira rua de Casa Branca partia da capela e estendia-se até ao pouso de Casa Branca situado à beira da estrada dos Goiás, onde se estabeleceram as primeiras vendas e algumas construções. Reforça Trevisan (1979, p. 142) que a hipótese da criação da cidade de Casa Branca se deu pela sua localização:

Tal hipótese foi a da criação da freguesia de Casa Branca se deu por ato oficial, por motivos políticos e com o objetivo de povoação da região semi-deserta por uma população sedentária facilitando assim a fixação dos indivíduos nômades de passagem pelo caminho de Goiás, bem como das populações migrantes da mineração decadente, conhecidos como “entrantes”. Através dos documentos oficiais percebe-se claramente a vinculação entre a criação da Freguesia, a escolha da localidade de Casa Branca unicamente por

ser o centro da região e o objetivo de incentivar a agricultura com a criação de um núcleo de povoamento. (TREVISAN, 1979, p. 142)

O alvará para a criação da nova freguesia foi assinado pelo Príncipe Regente, para cumprir a Resolução do Decreto de 15 de março de 1814 e despacho da Mesa de Consciência em 18 de março de 1814. A data da expedição do alvará real para a instalação da freguesia, 25 de outubro de 1814, é considerada como a da fundação da cidade, conforme cópia do Alvará para ereção da Freguesia de Nossa Senhora das Dores no lugar denominado "Cazabranca":

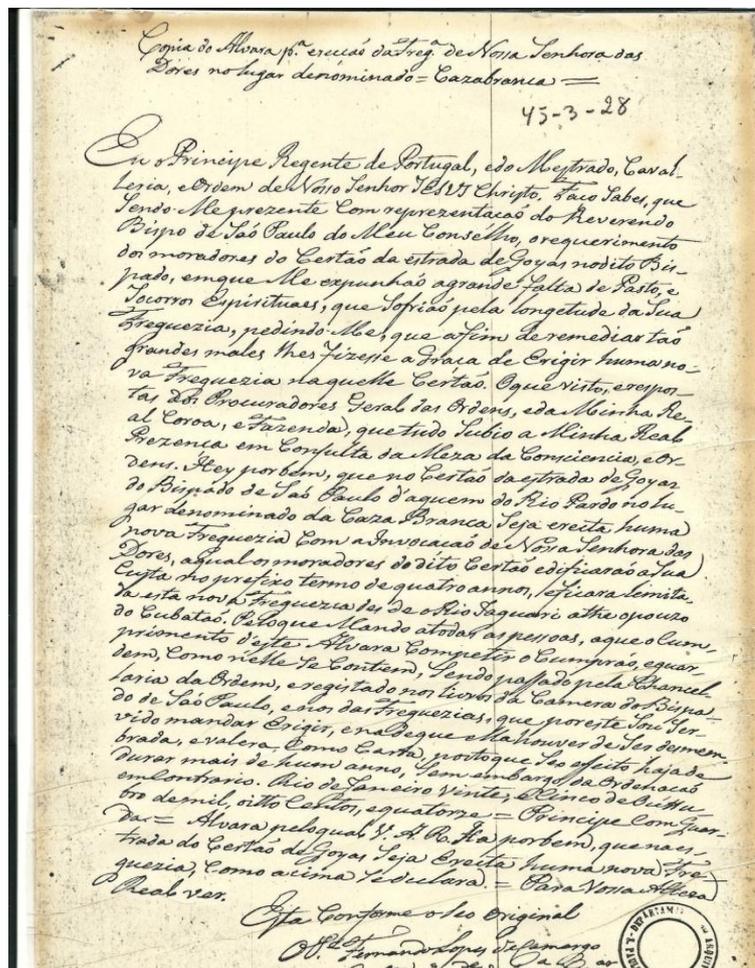


Figura 1 - Arquivo pessoal de Luis Renato Thadeu de Lima (1)

### Transcrição:

“Eu, Píncipe Regente de Portugal e do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Faço saber que sendo-me, com representação do reverendo Bispo de São Paulo do Meu Conselho, o requerimento dos moradores do Certão da estrada de Goyaz no dito Bispado, em que expunham a grande falta de pasto e socorros espirituais que sofriam pela longitude de sua freguezia, pedindo-Me, que, afim de remediar tão grandes males lhe fizesse a Graça de erigir uma freguesia naquele Certão. O que visto, e respostas dos Procuradores Geraes das Ordens e da Minha Real Coroa e Fazenda, que tudo subio a Minha Real Presença, em Consulta da Mesa de Consciencia e Ordens: Hei por bem, que no Certão da estrada de Goyaz, do Bispado de São Paulo, d’ aquém do Rio Pardo, no local denominado da Caza Branca, seja erecta uma nova Freguezia, com a invocação de Nossa Senhora das Dores, a qual os moradores no dito Certão edificarão a sua custa no prefixo termo de quatro anos e ficara limitada esta nova Freguezia desde o Rio Jaguary, até o pouso de Cubatão. Pelo que mando a Tôdas as pessoas o cumprimento deste Alvará competir e cumpram e guardem como nelle se contem. Sendo passado pela Chancellaria da ordem e registrado nos livros da Camara do Bispado de são Paulo, e nas Freguezias que por esta For servido mandar erigir, e na de que Ella houver de ser desmembrada e calerá com Carta, posto que seu efeito haja de durar mais de um ano, Sem embargo da ordenação em contrario: Rio de Janeiro, vinte e cinco de outubro de mil oitocentos e quatorze. = Principe com Guarda. = Alvará pelo qual V.A. Real Há por bem que na estrada de Certão de Goyaz, seja Erecta uma nova Freguesia como acima se declara. = Para Vossa Alteza Real ver.

João Gaspar da Silva Lisboa o fez. Por uma imediata Resolução de S.A. Real de quinze de março de mil oitocentos e quatorze e despacho da Mesa de Consciencia e Ordem de dezoito do mesmo mês e ano.”

Casa Branca é elevada a Vila, por meio da Lei Provincial nº15 de 25 de fevereiro de 1841, abrangendo a Freguesia de Caconde e o Curato (Capela) de São Simão. Instalada em 1842 a primeira Câmara Municipal sendo o primeiro Presidente Manoel Thomaz de Carvalho<sup>4</sup> que era também o Intendente ou Prefeito.

Pela Lei nº22 de 27 de março de 1872, Casa Branca foi elevada a Cidade e pela Lei nº 46 em 08 de abril de 1872 é criada a Comarca,

---

<sup>4</sup> Sr. Manoel Thomaz de Carvalho, natural de São João d’El Rei, agricultor, e militante na política, avó de Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, político e advogado que participou efetivamente na instalação da Escola Normal Primária de Casa Branca

Lei 22 de 27 de março de 1872

O Bacharel formado José Fernandes da Costa Pereira Junior, Presidente da Provincia de S. Paulo, Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei, a seguinte Lei:  
**Art. 1.º** - E' elevada á categoria de Cidade a Villa de Casa-Branca.  
**Art. 2.º** - Ficão revogadas as disposições em contrario. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio do Governo de S. Paulo, aos vinte e sete dias do mez de Março do anno de 1872.”  
 (L. S.) (Lei Provincial nº 22, 27/03/1872)

Entre os anos 1870 a 1900, ocorreram várias inaugurações que contribuíram para o crescimento da cidade, tais como o tráfego da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro até a cidade de Casa Branca em 1878. Em 1885, foi inaugurado o Mercado Municipal e nos anos seguintes a Santa Casa de Misericórdia, e a Sociedade Italiana Príncipe Di Nápoli<sup>5</sup>. Em setembro de 1889, a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores e em janeiro de 1903 foi instalado o primeiro Grupo Escolar. Apesar de todas estas, inaugurações a pequena cidade encontrava dificuldades para se desenvolver.

O Grupo Escolar de Casa Branca foi criado pelo decreto de 21 de fevereiro de 1903 no governo do Dr. Bernardino de Campos, inaugurado solenemente em 10 de março 1903, sendo anexada a Escola Normal Primária de Casa Branca pelo Decreto 2.476 em 24/03/1914.

Para Souza (1998) os grupos escolares surgiram do amplo projeto civilizador do novo regime republicano da época onde a educação popular era ressaltada como uma necessidade política e social. Segundo a autora,

É assim que a escola primária adquire uma finalidade cívica, moral e instrumental. Para cumprir tão elevado desígnio era preciso fundar uma escola identificada com os avanços do século, uma escola renovada nos métodos, nos processos de ensino, nos programas, na organização didático-pedagógica; enfim uma escola moderna em substituição à arcaica e precária escola de primeiras letras existentes no Império. (SOUZA, 1998, p. 29)

---

<sup>5</sup> Sociedade Italiana Di Nápoli foi fundada pela colônia italiana da cidade de Casa Branca, clube inaugurado em 29/04/1888, á rua Capitão Horta, hoje abriga o Colégio Cooperpro Objetivo.

Portanto os Grupos Escolares surgem da nova proposta de educação popular do regime Republicano, a qual introduziu várias modificações e inovações no ensino primário, de acordo com Souza (1998) “ajudou a produzir uma nova cultura escolar, repercutiu na cultura da sociedade mais ampla e encarnou vários sentidos simbólicos da educação no meio urbano, entre eles a consagração da República”.

O Grupo Escolar surge da criação de escolas centrais, reunindo em um só prédio as escolas existentes em uma localidade, esclarece Souza (1998),

“Dessa forma, foram criados os grupos escolares, por via de um artifício legal segundo o qual, havendo mais de uma escola no raio de obrigatoriedade escolar, o governo poderia autorizá-las a funcionar em um só prédio”. (SOUZA, 1998, P. 46)

A denominação Grupo Escolar, de acordo com Souza (1998) foi preferido ao invés de escolas centrais, reafirmando o sentido de reunião de escolas no mesmo prédio.

De acordo com o levantamento realizado no Anuário do Ensino de 1907/1908, havia os seguintes Grupos Escolares na região de Casa Branca:

Quadro 1 – Ano de criação dos grupos escolares na região de Casa Branca

| Cidade                | Ano de criação |
|-----------------------|----------------|
| São João da Boa Vista | 1896           |
| Mococa                | 1901           |
| Casa Branca           | 1903           |
| São José do Rio Pardo | 1908           |

Fonte: Anuário do Ensino de 1907/1908

Já no Anuário do Ensino de 1911/1912 encontramos a estatística do número de alunos da cidade de Casa Branca neste período:

Quadro 2 –Casa Branca (1911/1912)

| Escolas               | Número de Alunos   |
|-----------------------|--------------------|
| Grupo Escolar         | 724                |
| Escolas Isoladas      | 61                 |
| Escolas Municipais    | 103                |
| Escolas Particulares  | 173                |
| Total                 | 1061               |
| População sem escolas | 54,3% da população |
| População na escola   | 45,7% da população |

Fonte: Anuário de Ensino de 1911/1912, p.212

Podemos também acompanhar no mesmo Anuário 1911/1912 o número de alunos na região de Casa Branca:

Quadro 3 - Mococa (1911/1912)

| Escolas               | Número de Alunos |
|-----------------------|------------------|
| Grupo Escolar         | 396              |
| Escolas Isoladas      | 169              |
| Escolas Municipais    | 125              |
| Escolas Particulares  | 71               |
| Total                 | 761              |
| População sem escolas | 62% da população |
| População na escola   | 38% da população |

Fonte: Anuário de Ensino de 1911/1912, p. 292

Quadro 4 - São João da Boa Vista (1911/1912)

| Escolas               | Número de Alunos |
|-----------------------|------------------|
| Grupo Escolar         | 466              |
| Escolas Isoladas      | 186              |
| Escolas Municipais    | -                |
| Escolas Particulares  | 71               |
| Total                 | 723              |
| População sem escolas | 13% da população |
| População na escola   | 87% da população |

Fonte: Anuário de Ensino de 1911/1912, p. 389

Quadro 5 - São José do Rio Pardo (1911/1912)

| Escolas               | Número de Alunos   |
|-----------------------|--------------------|
| Grupo Escolar         | 806                |
| Escolas Isoladas      | 129                |
| Escolas Municipais    | -                  |
| Escolas Particulares  | 55                 |
| Total                 | 990                |
| População sem escolas | 78,9% da população |
| População na escola   | 21,1% da população |

Fonte: Anuário de Ensino de 1911/1912, p. 396

Quadro 6 - Tambaú (1911/1912)

| Escolas               | Número de Alunos   |
|-----------------------|--------------------|
| Grupo Escolar         | -                  |
| Escolas Isoladas      | 221                |
| Escolas Municipais    | 238                |
| Escolas Particulares  | 23                 |
| Total                 | 482                |
| População sem escolas | 39,8% da população |
| População na escola   | 60,2% da população |

Fonte: Anuário de Ensino de 1911/1912, p. 42

Diante desta estatística podemos concluir que havia uma demanda de professores para atuarem nesses estabelecimentos de ensino, visto que era grande ainda a população sem escola.

As instituições com finalidade de formar professores se encontravam distantes desta região, sendo a mais próxima Pirassununga, como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 7 - Distâncias em Km das Escolas Normais ou Complementares da cidade de Casa Branca

| Cidades  | Distância em Km |
|----------|-----------------|
| Campinas | 138,7 Km        |

|              |          |
|--------------|----------|
| Piracicaba   | 153,1 Km |
| Pirassununga | 49,7 Km  |
| São Carlos   | 105,2 Km |

Elaboração pessoal partindo de mapas eletrônicos

Considerando as distâncias apresentadas no quadro acima e a demanda de professores apontada anteriormente, concluímos que havia a necessidade da instalação de uma Escola Normal ou Complementar na região da Mogiana para a formação de professores para atuarem na instrução pública atendendo o crescente número de alunos em busca de instrução, considerando nas tabelas acima a população sem escola, ou seja, ainda sem atendimento escolar.

Atendendo esta região tínhamos apenas a Escolas Normais de Piracicaba, de Campinas e de Pirassununga e que de acordo com a tabela acima a mais próxima, Pirassununga, estava a 50 km distante de Casa Branca. Podemos também concluir que naquele período o meio de transporte mais utilizado era o ferroviário e que não disponibilizava grande flexibilidade de horários e itinerários .

Para entendermos as representações em torno da criação e a instalação da Escola Normal em Casa Branca, buscamos no discurso proferido pelo professor Boanerges Nogueira de Lima<sup>6</sup>, no 19º aniversário da Escola Normal, datado de 07 de abril de 1936, o período que antecede a criação da escola:

Corria o ano de 1912. Casa-Branca – quase secular – ameaçava desaparecer. Construções novas não pontilhavam nem de longe o casario, constituído de velhos edifícios, como se vêem ainda na parte baixa da cidade, mais antiga, que demora a noroeste; via transitável dentro do perímetro urbano só se conhecia uma: a rua principal da cidade, cujo calçamento está em véspera de conclusão; a atual rua Altino Arantes, que se estende aqui ao lado, não oferecia passagem às carroças, nem aos carros de bois – semelhava leito abandonado de rio, mostrando o ventre côncavo, à guisa de calha de telha; a iluminação precária, ameaçava, a cada instante, afogar a população na escuridade; as repartições públicas pouco rendiam; a Prefeitura dispunha de minguada receita para fazer face às despesas mais urgentes; o comércio era a miniatura da retraída atividade que caracterizava o meio atual; era preciso salvar da derrocada a

<sup>6</sup> Professor Boanerges Nogueira de Lima, natural de Casa Branca, primeiro inscrito para o exame de Suficiência da Escola Normal Primária de Casa Branca, formado em 1916, lecionou no grupo escolar modelo e na escola complementar todas ligadas à antiga Escola Normal. Mesmo depois de aposentado esteve presente na vida da Escola até a sua morte em 1984.

nonagenária combalida, em véspera do centenário, exausta e anemiada pela fuga do elemento vital, que escoava para outras localidades, a menos distância das sedes das propriedades agrícolas pertencentes ao município. Mister se tornava uma transfusão de seiva nova, para reanimar a debilitada e a salvação só se podia encontrar em órgão novo, capaz de sacudir e reavivar as células do velho aparelho depauperado. Falo-se na instalação aqui de núcleo da Companhia Antártica, então estabelecida em Ribeirão Preto; deu que falar a “inépcia” dos nossos dirigentes e, pouco há, veio à baila o fato, com irreverente comentário, em que se punha em destaque a “inhabilidade” dos administradores públicos locais dessa época. Foi então que um dos poóceres dos tempos de hoje e quase daqueles tempos, pelas folhas casabranquenses, tomou a palavra e explicou o acontecido e reprovou a injustiça que se cometia.

As múltiplas dificuldades por que passamos na vida, na maioria, quero crer, não se resolvem por faltar-lhes iniciativa; o passo inicial em qualquer empresa – o mais difícil sem dúvida – é o prenúncio da realização e o marco que prediz o termo feliz da obra; e era o que ia-nos faltando, não falou, porém, o homem que provou trazê-la consigo, salvando Casa-Branca!

(Discurso de Boanerges Nogueira de Lima do dia 07/04/1936)

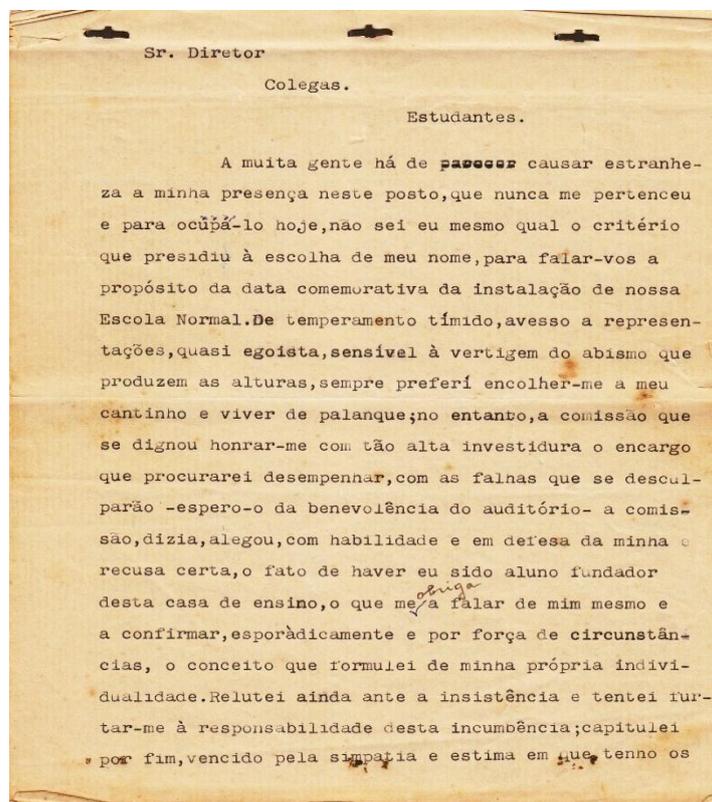


Figura 2 - Arquivo Pessoal de Luis Renato Thadeu de Lima (2)

Nesta parte do discurso, o Professor Boanerges enfatiza a necessidade da chegada de um novo estímulo para o desenvolvimento da cidade. Este estímulo, em seu discurso, seria a criação da Escola Normal em 1913, trazendo para a cidade esta “seiva nova” com a promessa de tirá-la da inércia. Este estímulo surge durante o Governo do Conselheiro Rodrigues Alves, quando cogitou-se a instalação de uma Escola Normal na Média Mogiana.

As representações criadas em torno da instrução pública como um projeto civilizador, uma necessidade política e social, produziram nas cidades grandes expectativas pela criação e instalação de escolas como sinal de progresso social. De acordo com Chartier (1990) as apropriações das representações se fazem através da prática, da estratégia utilizada pela classe dominante, sendo a forma como os indivíduos dão sentido aos que veem e leem, dando sentido e interpretando-os. Podemos acompanhar no discurso acima como o Professor Boanerges e a comunidade casa-branquense se apropriou das representações difundidas no início da República.

Seguindo este anseio paulista, Casa Branca trabalhava politicamente para receber uma Escola Normal, para a sua instalação, a cidade contou com o apoio do Deputado Provincial Dr. Francisco Thomaz de Carvalho<sup>7</sup>, que diante de tal possibilidade, solicitou a ajuda de correligionários e diretórios das cidades vizinhas para fortalecer sua intenção. Retomaremos seu apoio na instalação da Escola Normal no próximo capítulo.

Em um momento em que educação popular é difundida como necessidade política e social, a criação de uma Escola Normal na cidade seria colocá-la em um lugar de destaque entre as outras, segundo a importância dada a estas instituições neste período.

De acordo com Souza (1998, p. 9) a profissão docente passou a ser valorizada, ganhando novas representações e importância, tendo a Escola

---

<sup>7</sup>Dr Francisco Thomaz de Carvalho, Neto, pelo lado paterno, de Manoel Thomaz de Carvalho, citado anteriormente, primeiro presidente da Câmara Municipal de Casa Branca. Casabranquense, descendente de famílias de agricultores e políticos, se formou em direito e entrou na política aos 28 anos como Deputado à Assembleia Provincial em 1887,

Normal responsabilidade pela formação destes novos professores, “os reformadores da escola e da sociedade”,

Os primeiros governos do estado republicano em São Paulo investiram na formação dos professores e na valorização do magistério por meio da reforma da escola Normal, sobretudo, incisivos na conclamação moral do magistério, ressaltando-o como apostolado e sacerdócio (SOUZA,1998, p.9)

Apropriando-se das representações difundidas em torno da instrução pública, e conseqüentemente sobre a formação de professores, a pequena cidade de Casa Branca deposita na criação da Escola Normal as expectativas de progresso social e destaque regional.

Nos primeiros anos da República, as instituições escolares eram considerados símbolos de progresso e serviam para a divulgação e perpetuação das ideias republicanas, que consideravam a instrução como elemento formador dos indivíduos, imprescindível para a formação do cidadão. De acordo com Souza (1998, p. 62) assim como os Grupos Escolares, a Escola Normal era o “templo de Luz”, e formariam “Profissionais de sólida competência, cômicos de sua missão, formados pela escola Normal – o “templo de Luz”, o viveiro de onde saíam os heróis anônimos da República”.

Para Souza (1998, p. 40) a propagação dos ideais republicanos passava principalmente pela formação dos professores,

Os reformadores acreditavam na imprescindibilidade da formação dos professores para a renovação da escola pública. Essa renovação era concebida especialmente em termos da adoção de novos processos de ensino consubstanciados no método intuitivo.(SOUZA, 1998,p.40)

Segundo a autora, o novo professor sairia da imagem desoladora construída pelo Império, para ser exaltado como apóstolo da instrução primária, o sucesso da nova escola estava na formação dos professores,

Sobre a desoladora figura do mestre-escola do Império, combalido, sem vitalidade e sem ânimo, vergado pelo abandono e pela precariedade de recursos financeiros e materiais – sobre a figura do mestre-escola da palmatória e do compêndio – foi construída a figura enaltecida dos apóstolos da instrução primária. (SOUZA, 1998, p. 62)

A Escola Normal Primária de Casa Branca surge como a “salvação” da pequena cidade, enraizados nos discursos daquele período, como pudemos acompanhar no discurso do prof Boanerges Nogueira de Lima e em notas dos jornais locais. A Escola nasce no contexto de uma representação pautada na ideia de progresso, construída anos que antecederam a sua criação e instalação.

### **1.3. A autorização da Escola Normal Primária de Casa Branca**

Passaremos apresentar os acontecimentos que marcaram a criação da Escola Normal Primária de Casa Branca em 1912 a sua instalação em 1913.

A Escola Normal Primária de Casa Branca foi fundada em 1912 pela Lei n 1.359 de 24/12/1912, iniciando suas atividades em 07 de abril de 1913 por empenho político, principalmente pelo Deputado Dr. Francisco Thomaz de Carvalho que defendeu, junto ao Governo, a criação de uma Escola Normal em Casa Branca.

Em 1911, conforme Furlani (2003), a pequena cidade situada a nordeste do Estado de São Paulo vivia em torno da agricultura e da estrada de ferro que trouxera progresso e crescimento, fazendo com que se expandisse rumo à estação com surgimento de novas ruas, com construções de novas casas e novos comércios, porém a cidade precisava de um novo impulso para dar continuidade ao seu crescimento, tendo em 1900 por volta 16.133 habitantes.

Apesar de sua boa localização geográfica, fazendo divisa com Vargem Grande do Sul, Mococa, Tambaú, Itobi, São José do Rio Pardo, Aguai, Santa Cruz das Palmeiras e além de ser o caminho para o sul de Minas Gerais, a cidade encontrava dificuldades para se desenvolver.

De acordo com alguns memorialistas<sup>8</sup> com a expansão da estrada de ferro na região, desmembramentos de linhas e estações, freia o

---

<sup>8</sup> Fazem parte destes memorialistas casabranquenses: Juca Thomaz, Sergio A. Scacabarozzi que escrevem sobre fatos da cidade baseados em documentos encontrados em arquivos, discursos e relatos.

desenvolvimento da cidade de Casa Branca, que passa a ter a sua economia centrada na agricultura cafeeira.

O professor Boanerges N. Lima, morador da cidade em 1912, discorre em seu discurso de 07/04/1936 a expectativa da cidade em alcançar o progresso, tão embalado pelo novo regime “a cidade esperava por um novo benefício que a tirasse da inércia”. A vinda de um estabelecimento de ensino representava o progresso e o prestígio social, e que, de acordo com ideais republicanos, atribuíam às escolas o papel da formação do cidadão, responsável pela perpetuação da república.

Igualmente, a Câmara Municipal ansiava por um estabelecimento de ensino que dignificasse a cidade perante as outras na região, encontramos no livro de atas da Câmara Municipal a indicação de instalar em Casa Branca uma Escola Normal na 4ª Sessão Extraordinária da Câmara Municipal em 23 de fevereiro de 1893 pelo vereador Sr. Lafayette de Toledo<sup>9</sup>,

Indicação do Snr.Lafayette para que a Câmara solicite do Governo do Estado a designação desta cidade para o estabelecimento de uma das escolas normaes ultimamente creadas pela reforma da Instrução – Aprovada.”(Livro de Atas da Câmara Municipal, sessão extraordinária de 23/02/1893, folha 129, verso).

No ano de 1911, o movimento para a instalação da Escola Normal envolvia a sociedade casabranquense. No jornal “O Casa Branca” do dia 10 de junho de 1932 encontramos um abaixo assinado datado de 15 de fevereiro de 1911 o qual foi entregue ao Secretario do Interior em São Paulo pedindo a sua criação na cidade,

“Exmo” Senhor Doutor Presidente do Estado. Nós abaixo assinados, moradores nesta cidade de Casa Branca, interpretando o sentimento do povo deste município, vimos á presença de V.Excia.manifestar todos os esforços que empregamos para que uma das Escolas Complementares, que vão ser creadas possa ser uma delas instalada nesta cidade.Neste mesmo sentido a nossa edilidade já representou junto a V.Excia. como a mais alta autoridade do nosso glorioso Estado, pondo a disposição do vosso patriótico governo a verba de

---

<sup>9</sup> Lafayette de Toledo, vereador da Câmara Municipal de Casa Branca

vinte conto de reis e o terreno necessário para a construção do competente edifício. Não obstante os esforços empregados pela Camara Municipal, diversos cavalheiros no intuito de melhor auxiliar tão grande e filantrópico desideratum, trabalham com reais aplausos angariando altos donativos para mais facilitar tão **santa obra**. É desnecessário vos mostrar as vantagens que decorrem da criação de uma Escola Complementar nesta localidade, visto ser um centro, para onde, sem grandes dificuldades poderão se transportar todos aqueles que **buscam o precioso néctar da instrução**, como também pelas condições higiênicas e climatericas que são das melhores do Estado. Independente disso, tendo o vosso patriótico governo as ( continua na 6ª pagina)vistas voltadas para a instrução publica, ensino primário e profissional, base sobre que há de proximamente assentar futuro brilhante reservado, ao nosso estado de São Paulo, justo é que V Excia. mais uma vez deixe bem patente a patriotica campanha de difusão do ensino, beneficiando **esta zona com a referida escola, pois de Campinas á Franca**, nenhuma deste gênero há, e é justamente em Casa Branca o ponto mais conveniente pelas condições expostas. Certos e plenamente convictos de que V Excia., se dignará voltar a vossas vistas sobre a nossa justa representação, muito esperamos de alta justiça e alevantado critério, que sempre presidiram os vossos atos, aproveitando ao mesmo tempo a oportunidade para vos protestar o nosso grande reconhecimento e verdadeira solidariedade.

Casa Branca, 15 de fevereiro de 1911.

(AA) Joaquim Ferreira de Castro <sup>10</sup>

Fernando de Barros Junior

João Rabelo Cintra

Osorio Vasconcelos Bittencourt

Rafael Padua Lima

Fernando Musa

José Lima Horta

Sebastião Antonio de Carvalho

Luiz Gonzaga de Silos

Adalberto Santos Figueiredo

Augusto de Paula Lima

Otavio de Barros

Joaquim Aguiar

---

<sup>10</sup> Coronel Joaquim Ferreira Castro, fazendeiro, atuou como provedor da Santa Casa e Juiz de Paz na cidade de Casa Branca. Junto à comunidade casabranquense angariou fundos para a instalação da Escola Normal Primária de Casa Branca.

Francisco Tomaz de Carvalho  
Domingos Vilela de Andrade  
Godofredo Nogueira de Carvalho  
João Sasso  
Delduque de Silos  
Pedro Evangelista de Silos  
José Candido Carneiro Araujo  
Joaquim Martins Manaia  
Carlos Tito Rossi  
Salvador Greco  
Brasilio de Silos  
José de Araujo Macedo  
Luiz José Musa  
Augusto de Paula Lima  
Julio de Silos  
Maria Vieira  
Anesia de Silos  
Izaura de Silos  
Moisés Julio A. Macedo  
José Basilone  
José Quita de Lima  
João de Paula Lima  
Sebastião de Lima Horta  
João Batista Carneiro de Macedo  
Mario Robertson de Silos  
Luiz Nogueira de Lima  
José Gonçalves de Andrade  
Antonio Caitano de Lima  
José de Paula Lima Junior  
Norberto Pereira

João Caitano de Lima

Pascoal G. Greco

Rosa Gonçalves

Antonio José Musa

Justino de Castro”

(jornal “O Casa Branca” do dia 10 de junho de 1932,n. 23, primeira página)

Podemos verificar no abaixo assinado acima que o pedido foi por uma Escola Complementar e não por uma Escola Normal Primária como foi criada posteriormente. Havia diferenças entre a Escola Normal da capital, as Escolas Normais Primárias e as Escolas Complementares, contudo todas estas escolas atuavam na formação docente, porém, com diferentes estruturas pedagógicas. Passando em 1911 as Escolas Complementares convertidas em Escolas Normais Primárias, concluiu-se que por ter sido fundada em 1912, de acordo com a nova legislação, foi criada a Escola Normal Primária e não a Escola Complementar.

Destacamos no texto, a interpelação pela instalação da Escola Normal na cidade baseando-se na localização de Casa Branca e a distância dos centros que ofereciam a formação de professores, o que reforça a hipótese levantada anteriormente.

A importância dada à educação também é outro ponto que ressaltamos, termos usados “como precioso néctar da instrução”, “santa obra” refletem os ideais republicanos para a instrução ( projeto civilizador através do ensino), representações difundidas no início da república e que ainda e faziam presentes

Em 1912, com a notícia de que o Governo do Estado pretendia instalar<sup>11</sup> uma Escola Normal na zona da Mogiana, além do abaixo assinado encaminhado ao Presidente do Estado, o casabranquense advogado e Deputado do Partido Conservador Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, valendo-se de sua influência política, atuou junto ao governo estadual, aos seus

---

<sup>11</sup> BusHJcamos informações sobre a intenção de instalar uma escola normal na zona da Mogiana, fontes estas encontradas apenas em notas de jornais locais, discursos e livros da época.

correligionários e diretórios das cidades vizinhas para a instalação da Escola Normal em Casa Branca, conforme nota no jornal local “O Casa Branca”<sup>12</sup>

#### Escola Normal

Foram ao Congresso do estado as representações das Câmaras de São José do Rio Pardo e Cajuru pedindo a criação de uma Escola Normal, nesta cidade. (Jornal “O Casa Branca”, 31/03/1912, n°529, primeira página)

Podemos concluir que apesar da distância de 50km da Escola Normal mais próxima – Pirassununga, naquela época os meios de transporte não favoreciam tais deslocamento, portanto Casa Branca com sua localização geográfica contribuía para a sua instalação, ficando distante de várias cidades em torno de 10 a 30km, atendendo a um novo público e uma nova região carente desta formação.

Os jornais locais publicavam nas edições, fatos e acontecimentos em relação à criação da Escola Normal, fomentando ansiedade e expectativa na população casabranquense, como podemos acompanhar nesta nota do jornal local “O povo espera ansioso a criação da Escola Normal nesta cidade, cujo acto do governo será uma verdadeira justiça” (Jornal “O Casa Branca”, 18/08/1912, n.549, primeira página).

Tais notas e publicações produziam na população representações de progresso social em torno da instalação da Escola Normal, criando um clima de justiça e reconhecimento da cidade diante do estado e das demais cidades.

De acordo com o discurso proferido pelo Professor Boanerges Nogueira de Lima no dia 07 de abril de 1936, em comemoração aos vinte três anos da Escola Normal, constatamos as representações criadas em torno da instalação da Escola Normal na cidade

“VOX POPULI, VOX DEI”

Meados de 1912. **Corria com insistência, até então entreouvida notícia, que o governo do Estado pretendia localizar uma escola**

<sup>12</sup> Jornal “O Casa Branca”- Em 1912 o Jornal pertencia ao Orgam do Partido Republicano, não conseguimos identificar o diretor. Em 1913 o jornal passa ser de propriedade de uma associação de diversos redatores, como Diretor César Leite.

**normal na zona Mojiana.** Sabia-se que Pirassununga, há menos de um lustro, sentia a angústia que os oprimia e **graças à escola normal que aí se localizara, o progresso era notável e a cidade se reconstruía. Muitos eram os jovens que partiam daqui para lá, em busca da instrução de que careciam e todos se referiam com entusiasmo à renovação inesperada e surpreendente!**

A concorrência parecia esmagar-nos: as cidades vizinhas, mais fortes, bem aparelhadas de tudo, inclusive dinheiro e voto, disputavam para si a escola que seria colocada, consonante a vontade do governo, na mogiana. As representações, os abaixo-assinados, os empenhos choviam e o caíam insistentes e com impertinência na sede do governo paulista, na capital do Estado. **Era preciso agir e o ensejo não era desprezar! Resolutamente, enérgico, se bem aristocrata e habilidoso, o chefe político de Casa Branca, sem alarde, para não alvoroçar os vizinhos, fez as malas e partiu para São Paulo, lá ficando meses a fio, do hotel para a secretaria do Interior, para o palácio do Governo, a rogar, pedir, insistir e a convencer os altos poderes da necessidade da criação da escola normal em Casa Branca, com despesas à própria custa e manutenção às próprias expensas!** Fôra o seu maior trabalho conquistar das “personas gratas” do governo, secretários, deputados e senadores, a adesão indispensável à causa que patrocinava e tanto fez que até um dia, cheios de esperanças, lemos no Correio Paulistano, porta-voz oficial, que a escola normal que se pretendia criar, seria localizada em “Santa Branca”, resolução definitiva e indisfarçável! Calculai, senhores, o desalento que todos assaltou! Felizmente, poucos dias depois, falava-se que houve confusão quanto ao nome da cidade a ser contemplada com o sonhado estabelecimento que nos acolhe: publicou-se Santa Branca por Casa Branca, mas que se subentendia este último nome. A retificação foi como água fria na fervura, para esfriar o ânimo dos concorrentes, que assediavam, sem cessar, os altos dirigentes da administração estadual; outros justificavam o engano como para despistar.

Aproxima-se o fim de ano. Temia-se que o congresso se encerrasse, sem agraciar-nos. Seis dias apenas para o termo das sessões legislativas nos restavam, eis senão quando, alviçareira, vibrante como a bomba que agita o ambiente ao explodir, ecoou em poucos minutos aos quatro cantos da cidade, a notícia telegráfica da aprovação, na Câmara dos deputados, da la. discussão relativa para todos! Não havia semblante que não refletisse a alegria incontida. **Não se via rosto que não estampasse a emoção que produz o bem alcançando, a aspiração coletiva de um povo!** Bem me lembro! Não houve quem não saísse, já ao lusco-fusco, a festejar a primeira vitória do batalhador inegalável. **Não tenho palavras para descrever o delírio das manifestações: as bandas de música percorriam as ruas, os foguetes estrugiam no ar quente de dezembro e a população, sem distinção de classe, abraçando-se nas ruas, aclamava em altos brados, como se tivesse o mundo a seus pés. Papai Noel não se esquecera de Casa Branca: era 24 de dezembro e a promessa indestrutível do presente de Natal**

**não falhara.** Mais alguns dias e com o encerramento do Congresso Estadual, renovamos os festejos com a aprovação final e definitiva do projeto que nos concedeu a mercê do que temos de mais sagrado e expressivo: a Escola Normal.

Poucos dias se passaram. Mais um dia de festa para os casabranquenses. As ruas apresentavam, sol a pino, movimento desusado; a caminho da estação férrea local, como fontes que convergem para o regato, este para o rio e para o mar, os cordões, os grupos confluíam para a rua principal e daí para a estação. A banda musical executou um dobrado festivo e os foguetes, num pipocar ensurdecedor, anunciaram a chegada do comboio que trazia aquele que lograra a maior dádiva a Casa – Branca.(arquivo pessoal de Boanerges N. Lima)

Destacamos no primeiro trecho a citação do professor Boanerges sobre a notícia da instalação de uma Escola Normal na zona da Mogiana, fato este localizado em notas de jornais e no livro que registra a memória do Dr. Francisco Thomaz de Carvalho escrito pelo memorialista Thomaz (1965). Fato este já elucidado no texto no que se refere à instalação nesta região de uma Escola Normal.

Em outro trecho do discurso ressaltamos a ligação feita entre a Escola Normal e o progresso trazido a cidade de Pirassununga; esta era a expectativa fomentada pelos jornais locais na população casabranquense em torno da instalação desta instituição de ensino na cidade. Pelo discurso podemos estabelecer as relações e as representações em torno da instrução pública e das instituições escolares, símbolos de progresso e civilidade, todas difundidas no início da República.

Neste mesmo trecho, professor Boanerges considerava as cidades vizinhas mais preparadas economicamente para receber a Escola Normal e destaca o empenho de alguns casabranquenses que enviaram para a sede do governo paulista várias representações, abaixo assinados a favor da instalação em Casa Branca.

Ainda no discurso acima citado, professor Boanerges aponta a importância da atuação do Chefe político Dr. Francisco Thomaz de Carvalho em prol a instalação da Escola Normal nesta cidade; pudemos verificar esta referência em várias notas de jornais e em livros de memorialistas

casabranquenses atribuindo a ele a sua criação e instalação. Atualmente ainda atribuem ao Dr. Francisco T. de Carvalho a criação da Escola Normal em Casa Branca, sendo protagonista dessa “conquista”, não levando em conta outros fatores que colaboraram para a sua instalação.

Em outro trecho, professor Boanerges descreve as manifestações de alegria pela população casabranquense pela aprovação da instalação da Escola Normal, sendo comemorada com apresentações de bandas musicais, fogos de artifícios e carreatas pelas ruas da cidade. Neste relato podemos constatar como essa sociedade se apropriou das representações construídas ao longo do tempo sobre a instrução pública e o papel das escolas neste projeto civilizador.

Pudemos acompanhar algumas fases da autorização da Escola Normal Primária de Casa Branca nas edições do jornal “O Casa Branca” como esta abaixo,

Vindo de S. Paulo já acham na cidade, o nosso illustre chefe e distinto amigo Sr. Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, digno presidente do directorio governista local. A sua estada na Capital teve por fim trabalhar em prol da criação da escola Normal, local. E digamos com justiça e sem rebiços o dr. Chiquinho, assim como o seus denodados companheiros dr. Octavio de Barros e coronel Francisco Pereira de Castro, têm sido incansáveis e todos os méis possíveis têm sido empregado, resta agora o governo do Estado lazer a devida justiça. (“O Casa Branca”, 14/ 09/1912, n. 553 primeira página)

Permanecendo em São Paulo do final de agosto até dezembro de 1912 para acompanhar de perto todo o processo de autorização para a instalação da Escola Normal em Casa Branca, o Deputado Dr. Francisco Thomaz de Carvalho retornou a cidade após a sua aprovação; o que fortaleceu a indicação de que seria o responsável pela criação da instituição.

De acordo Thomaz (1965, p. 41) a última carta do D. Francisco Thomaz de Carvalho para a sua família em Casa Branca, datada de 20 de dezembro de 1912, faz referência a sua volta e a criação da Escola Normal na cidade,

Acabo de receber um telegrama do Chiquinho e do Luiz dizendo que todos de minha família estão com saúde e me pedindo para ficar, como medida de prudência, até passar a escola na Camara dos Deputados. Não posso fazer mais esse sacrifício. Na Camara o projecto terá uma só discussão e passará com certeza por unanimidade de votos. **Estou providenciando no sentido de fazer o projecto entrar para a Camara e ser lido ali. Depois disso irei embora...**

**P.S. Diga ao Chiquinho que a gente de Mogy-Mirim chegou ao extremo desespero para impedir que a escola fosse para Casa Branca e que, sendo vencida, o directorio resignou o mandato.**

Consta por aqui estão querendo fazer banzé com a minha chegada. Por caridade não consinta nessas cousas. Depois de passar na Camara até eu soltarei os foguetes, porque é justo que todos fiquem alegres. (THOMAZ, 1965, p. 41)

De acordo com a carta acima citada, destacamos o trecho em que menciona a sua preocupação com a aprovação do projeto de instalação da Escola Normal em Casa Branca de encaminhá-la para Câmara antes de retornar.

Em outro trecho, observamos a disputa entre as cidades pela instalação da Escola Normal nesta região, Dr. Carvalho cita a cidade de Mogi Mirim que, durante os trabalhos para a autorização, tenta impedir a vinda para Casa Branca. Observamos por meio deste relato a importância destes estabelecimentos de ensino para as cidades e as representações construídas em torno da Escola Normal.

Retornando à cidade, Dr. Francisco Thomaz de Carvalho foi recebido por “bandas de músicas, Fogos de artifício, desfilando em carro aberto pelas ruas da cidade, recebido como um “herói, reafirmando as representações fomentadas durante o período que antecederam a sua criação. A sua chegada foi registrada em nota pelo jornal “O Casa Branca” do dia 29/12/1912,

Foi assim que no dia 24 do corrente divulgada a notícia do regresso do Carvalho da Capital do Estado onde estivera com o fito especial de conseguir dos altos poderes do Estado a **criação de um estabelecimento de ensino superior – uma ESCOLA NORMAL**, nesta cidade, vibrou a alma casabranquense numa harmonia de

gratidão e cada um casabranquense, nato, ou forasteiro, procurava demonstrar o seu contentamento a sua satisfação em recebê-lo o mais carinhosamente...**Durante o trajeto as duas bandas musicais se alternavam em alegres marchas.** Ao chegar em sua casa, usou da palavra o exmo.Sr.dr. Fernando Antonio de Barros apresentando as boas vindas e agradecendo o serviço prestado em nome da cruzada em prol do progresso local...

...Aqui nestas linhas “O Casa Branca”, registra uma salva de palmas ao illustre amigo e distinto cavalheiro exmo sr.dr Francisco Thomaz de Carvalho e na pessoa delle ao benemérito governo do Estado que acaba de erguer num verdadeiro sentimento de altruísmo a minha CASA BRANCA. (jornal “O Casa Branca”,29/12/1912, n.568, primeira página)

Na nota do jornal acima citada apontamos a confusão ao se referir a Escola Normal como ensino superior, como também a não indicação de que seria uma Escola Normal Primária, que diferenciava da Secundária.

Para Honorato (2015) as diferenças entre as escolas primárias e secundárias seriam entre outras: a existência de diferentes cursos anexos a cada modelo escolar; a estrutura arquitetônica dos prédios escolares; o número de cátedras e os currículos ofertados.

Esta dualidade na formação dos professores já ocorrerá anteriormente quando foram utilizadas as escolas complementares como opção para a formação de professores ao lado das Escolas Normais pela Lei n. 374 de 03/09/1895 e de acordo com Tanuri (2000)

Com isso dá-se novamente a dualidade de escolas de formação de professores, o que foi de fundamental importância para que se pudesse expandir o sistema de formação de docentes em proporções significativas para a época e prover o ensino primário de pessoal habilitado. (Tanuri, 2000, p. 69)

Em relação às Escolas Normais Primárias e Secundárias, Honorato (2015) ressalta que existiram diferentes níveis de interdependência entre elas e esclarece,

Se, por um lado, os indivíduos nas escolas normais primárias dependiam das inovações pedagógicas produzidas nas escolas normais secundárias, os indivíduos das normais secundárias

dependiam das normais primárias para disseminar um padrão de ensino na sociedade republicana paulista. (HONORATO,2015, p. 131)

Essa relação de interdependência não implicava em serem reprodutores ou improdutivos, mas sim em nível de complementaridade, de aplicação e disseminação do padrão de ensino, testado e desenvolvido.

Ainda sobre a criação e autorização da Escola Normal Primária de Casa Branca, destacamos o artigo publicado no jornal “O Casa Branca” do dia 10 de junho de 1932, em comemoração ao 19º aniversário de inauguração da Escola Normal de Casa Branca,

A idéia dormia no seio da ubérrima terra casabranquense mas, germinava...

**...Partindo da ideia da criação da Escola Normal em 1893, só em 1910, por conseguinte daí a 17 anos depois, é que novamente se tratou do movimento pró-Escola Normal nesta cidade...**

**...Pelas vielas falava-se que a Escola seria localizada em Mogy Mirim, para Mococa, para São Simão e até para Santos...Coube ao senhor coronel Joaquim Ferreira de Castro uma luta homérica para conseguir a criação da Escola Normal. Andava por ai à fora a pedir adesões, apresentando uma lista nestes termos....**

...Estavamos nesse movimento pró Escola Normal, quando em junho de 1911, soube-se que os Doutores Carlos Guimarães, secretario do Interior, e Washington Luis, secretario da justiça, estavam em Ribeirão Preto, e que por aqui passavam. “Boa ocasião”, diziam os chefes Doutores Francisco Thomaz de Carvalho e Otavio de Barros, “de prespegar-se-lhes o nosso pedido de **encaminhamento da lista promovida pelo Coronel Joaquim castro, em forma popular e o nosso pedido como chefes políticos!**

**No dia 6 de junho de 1911, acompanhados de diversos políticos e representantes da imprensa da Capital, são os visitantes recebidos com uma suntuosa manifestação. Fazia parte da comitiva dos políticos, o Dr. Rocha Barros, deputado estadual, que já havia residido em Casa Branca, onde fora medico e onde prestara generosos serviços á Santa Casa local.**

O Doutor Rocha Barros lembrou a Idea de enviar a representação a S. Paulo porque em São Simão, após o oferecimento de um lanche na estação férrea, foi feito um pedido desta natureza e produziu mau efeito: foi o assunto das conversas durante o trajeto de São Simão a Casa Branca e os humoristas comentavam:foi um lanche cobrado à vista!

Afinal os políticos visitaram o Grupo Escolar, Santa Casa e a Camara Municipal.

Na estação desta cidade, falaram os senhores Doutores Otavio de Barros e Renato Paes Barros. Em nome do Grupo escolar falaram os meninos Fernando de Brito e Anete da Costa Manso, oferecendo esta ultima um ramilhete de flores naturais ao senhor Doutor Washington Luis.

O Doutor Francisco de Carvalho, não confiou muito no Doutor Carlos Guimarães porque era dissidente paulista mas para controlar o caso o dr. Otavio de Barros tinha sido dissidente também.

Seguiram os políticos para a capital e dias depois o Doutor Secretario do Interior, enviava ao Congresso Estadual o pedido do povo de Casa Branca, relativamente á criação da escola Normal que hoje marca seu 19ª aniversario de inauguração oficial.

(Estamos escrevendo com documentos á vista, é preciso que os nossos leitores o saibam). ("O Casa Branca", 10/06/1932,n.32, primeira página)

Apesar de 20 anos passados da instalação da Escola Normal em Casa Branca, continua sendo notícia nos jornais locais e motivo de orgulho para os casabranquenses.

Destacamos na nota acima, a referência aos 17 anos que se passaram entre a indicação na Câmara Municipal de Casa Branca por uma Escola Normal até 1910, quando se retomou o movimento pró-Escola. Muitas especulações sobre onde seria instalada Escola Normal e a atuação do coronel Joaquim Ferreira Castro junto à comunidade casabranquense pedindo adesões para um abaixo-assinado que seria encaminhado ao Governo Central, já citado no texto anteriormente, conseguindo um valor mais alto que o doado pela Câmara Municipal da cidade.

Outro trecho relevante, foi a visita na região do dia 06 de junho de 1911 do Dr. Carlos Guimarães, Secretario do Interior e do Dr. Washington Luís, Secretario da Justiça, alguns políticos e representantes da imprensa da Capital, quando seria entregue o abaixo-assinado pela instalação da Escola Normal. Após um consenso, o abaixo assinado não é entregue nesta ocasião, sendo encaminhado posteriormente ao Governo Central.

Retomando a homenagem prestada ao Dr. Francisco Thomaz de Carvalho na sua chegada após a "conquista" da Escola Normal, esta também é

destacada no discurso do Professor Boanerges N. Lima, como podemos observar,

Até aqui temos falado do **milagre; passemos aos santos, isto é, aos homens: era o exmo Sr. Dr. Francisco Tomaz de Carvalho** que desembarcava, depois de meses e meses de ausência do lar, esquecido dos interesses, como a banca de advocacia, a propriedade agrícola, dominado até a paixão da idéia de ser útil, da preocupação de dotar o berço natal, a terra que sempre venerara, de instituição que a elevasse material e intelectualmente ao nível de tantas outras cidades do estado. A multidão que se acotovelava na plataforma e se comprimia no saguão da antiga estação da Mogiana e praça fronteira, rumou, a pé, rua Coronel José Júlio abaixo, acompanhado o homenageado até à sua residência. Tôda a população se moveu para hipotecar apôio e solidariedade ao grande benfeitor; aqueles que não puderam deixar os misteres, aguardavam do primeiro ponto de passagem do benemérito; eram homens, em grupos ou isolados, a aplaudi-lo; moças e senhoras que cobriam de flores ou salvavam-no com bater de palmas frenético e prolongado.

Era o presidente do estado o exmo Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves; secretário do Interior, o exmo Sr. Dr. Altino Arantes; aquele foi sempre por Casa-Branca, este não opôs obstáculos à criação da nossa escola. Dois nomes se destacaram como amigos da cidade e patronos de nossa aspiração: Lacerda Franco e Rubião Junior. Êste último já ligara o próprio nome ao grupo escolar da cidade. Vencidas todas as resistências, justo seria lembrar o nome se mais alguns valiosos auxiliares, que não recusaram prestar serviços oportunos e indispensáveis; receio, entretanto, omitir nomes e com isso cometer injustiças. (Arquivo pessoal Boanerges N. de Lima, 07/04/1936)

Importante destacar no discurso acima, os termos utilizados como “milagre” e “santos” para se referir ao ato de criação da Escola Normal Primária em Casa Branca. Encontramos nestas palavras valores atribuído ao novo ideário de ensino concebido pela República; o ensino como instrumento reformador da sociedade.

E, finalmente, a Escola Normal Primária de Casa Branca é criada sob a Lei nº 1359 de 24 de dezembro de 1912:

**LEI N. 1.359 , DE 24 DE DEZEMBRO DE 1912**

*Crêa uma escola normal primaria no districto do Bras, da capital do Estado e outra na cidade de Casa Branca.*

O doutor Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente do Estado  
de São Paulo.

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei

seguinte:

**Artigo 1.º** - Ficam creadas mais duas escolas normaes primarias, localizadas, uma no districto do Braz, da capital do Estado e outra na cidade de Casa Branca.

**§ unico.** - A Escola Normal do Braz poderá ser destinada pelo governo ao ensino exclusivo de professoras

**Artigo 2.º** - O governo poderá aproveitar, independentemente de concurso para o provimento das cadeiras, que se forem creando nas novas escolas, as professoras das extinctas escolas complementares, addidas ás escolas normaes primarias da Capital e do interior.

**§ unico.** - Poderá igualmente aproveitar, na escola do Braz, os professores de mathematica e geographia e historia, actualmente em exercicio em classes desdobradas na Escola Normal Primaria da Capital.

**Artigo 3.º** - A organização, regimen e funcionamento das novas escolas serão os das outras existentes, percebendo o director da do Braz 700\$000 mensaes de vencimentos e o secretario 500\$000 mensaes.

**Artigo 4.º** - o governo abrirá os necessarios credits para a execução da presente lei.

**Artigo 5.º** - Revogam-se as disposições em contrario. O secretario de Estado dos Negocios do Interior assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, em 24 de Dezembro de 1912.

FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES  
ALTINO ARANTES.

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em 27 de Dezembro de 1912. - O director geral, Alvaro de Toledo. (<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1912/lei-1359-24.12.1912.html>)

A Câmara Municipal, em 03 de dezembro de 1912, mesmo antes da criação da Escola Normal, reuniu-se em sessão extraordinária sob a presidência de Luiz Gonzaga de Sillos aprovando um auxílio de “50 contos de réis” e com o prédio adaptado para a instalação da Escola Normal, lembrando que destes 50 contos de reis, 30 contos de reis foram doados pela sociedade casabranquense e 20 reis pela prefeitura municipal,

A Câmara Municipal de Casa Branca decreta:

Art. 1º Como auxilio para a criação e instalação nesta cidade, de uma Escola Normal Primaria, a Municipalidade de Casa Branca concorrerá com a quantia de cincoenta contos de réis e com o prédio convenientemente adaptado.

Art. 2º Para esse fim, fica o Prefeito Municipal, autorizado a fazer as necessárias operações de credito.

Art. 3º A presente lei entrará em vigor no dia de sua promulgação.

Art. 4º Revoga-se a lei n. 170, de novembro de 1910 e demais disposições em contrário.

Sala das Sessões, 3 de dezembro de 1912.

Luiz Gonzaga de Sillos, Fernando Musa, José de Lima Horta, Osorio de Vasconcellos Bittencourt, Sebastião Nogueira Carvalho.(Ata da sessão extraordinária da Câmara Municipal, realizada em 3 de dezembro de 1912, folha 3)

Casa Branca receberia um “Templo de Luz” trazendo consigo desenvolvimento e progresso, cumprindo seu papel republicano na formação dos novos “apóstolos da civilização”, termos utilizados por Souza (1998) para caracterizar a relevância destas instituições e de seus formandos.

Como pudemos acompanhar pelas notas publicadas nos jornais locais, é depositada na Escola Normal a esperança de desenvolvimento para a cidade, colocando-a em um lugar de destaque e prestígio na região, sendo esta a principal representação que circulava nos jornais.

#### **1.4. Instalação da Escola Normal Primária em Casa Branca**

Nos primeiros meses de 1913, iniciaram as adaptações necessárias para a instalação da Escola Normal Primária, tendo em vista a abertura do ano letivo deste ano, especialmente, em maio. O prédio locado pelo município era do Sr. Luiz Gonzaga de Castro<sup>13</sup>, localizado no Largo do Rosário<sup>14</sup> foi adaptado ao funcionamento da Escola Normal, servindo para este fim até o final de 1931, quando ocorreu a inauguração do novo prédio.

---

<sup>13</sup> Sobre Sr. Luiz Gonzaga de Castro e sua família nos arquivos pesquisados não foram encontrados nenhuma informação.

<sup>14</sup> Largo do Rosário é a primeira praça da cidade, recebeu este nome por ter ali construído a Igreja do Rosário.



Figura 3 - Primeiro prédio alugado para a instalação da Escola Normal de Casa Branca, situado à Praça do Rosário, nº 12 (Arquivo do Blog de Maria Clara Lira – Velhos Tempos, Belos Dias)

O primeiro prédio alugado foi um casarão antigo localizado na Praça do Rosário, no centro da cidade, não identificamos a sua ocupação anterior a locação para a Escola Normal, porém, depois de algumas entrevistas com alguns memorialistas, acreditasse que o casarão encontrava-se vazio para locação.

O jornal “O Tempo” de 18 de janeiro de 1913, registra a nomeação do primeiro diretor da Escola Normal, a indicação do professor Moysés Horta de Macedo,

A Nossa Escola

**A maior aspiração do povo casabranquense, nestes últimos tempos, foi, sem duvida, a criação da Escola Normal.**

**Creada a escola, cumpre-nos erguel-a ao mais alto prestígio, de sorte que Ella alcance um nome digno: para isto é mister que a sua direcção seja entregue a um homem de energia, talento e critério.**

Segundo um consta d’ “A Platéia” o governo pretende nomear para tão alto e honroso cargo o nosso conterrâneo o professor Moysés Horta de Macedo, inspector escolar.

Melhor escolha, por certo, não poderá fazer o ilustre dr. Secretario do; o professor Moysés reúne, com grandeza, todos os predicados, indispensáveis para ser o director de qualquer estabelecimento de ensino; enérgico e trabalhador, s.s. não se descuida um instante de seus affazeres, mostrando se um homem de acção da tempera

daquelles que têm honrado o seu paiz com o seu esforço inaudito; de talento, bem o demonstra **a posição alcançada no magistério em pouco tempo e ainda moço; de critério, provam-no sobejamente a belíssima direção que deu ao nosso grupo escolar, ao 1º grupo escolar de Campinas e as amizades innumeradas que conta entre os professores e alumnos que estiveram sujeitos à sua direção.**

Melhor, repetimos, não poderá ser o nome do professor Moysés Horta, que goza em nosso meio de grande prestígio e de alta consideração; a sua energia, o seu talento e o seu critério mais uma vez irão alevantar a um grande prestígio o nosso novo estabelecimento de ensino, como já o fez com o nosso grupo escolar.

A aspiração de Casa Branca é sua nomeação para aquelle alto cargo, que elle tanto o merece; e o governo do Estado sábio em suas decisões, terá o franco applauso deste povo, nomeando-o director da nossa Escola Normal. (O Tempo” de 18 de janeiro de 1913, n. 18, primeira página)

Na nota acima, destacamos no trecho o qual o jornal relata a possibilidade de escolha pelo Prof. Moysés Horta de Macedo para direção da Escola Normal. O professor citado atuou na direção do Grupo Escolar de Casa Branca e de Campinas, e, segundo o jornal gozava de grande prestígio e talento, o que agregaria valores a nova instituição criada. Podemos atentar nas notas dos jornais locais a importância atribuída a Escola Normal desde a escolha pelo seu diretor, que ocuparia uma função de destaque diante da cidade. Trataremos no próximo capítulo a importância atribuída aos diretores, suas atribuições e quais foram os diretores no período de 1913 a 1932.

Como já nos referimos anteriormente, a Escola Normal ocupava semanalmente lugar de destaque nas notas dos jornais locais, marcando a sua relevância e fomentando as representações em seu entorno. Destacamos abaixo mais uma nota do jornal “O Tempo”, que na sua edição do dia 2 de fevereiro de 1913, registrou a visita do engenheiro da Repartição Geral de Obras Públicas para examinar o prédio para dar início às adaptações para a instalação da Escola Normal de Casa Branca,

Esteve nesta cidade, no dia 28 p. passado, o Dr. Raul Porto, engenheiro da Repartição Geral de Obras Publicas, que veio examinar o prédio offerecido para funcionar a Escola Normal

O prédio apresentado é de propriedade do Sr. Luiz Gonzaga de Castro, e acha-se situado no Largo do Rosario; será

convenientemente adaptado para nelle funcionarem as aulas do primeiro anno.

**A secção feminina, completamente separada da secção masculina, terá a sua entrada pelo Largo do Rosario; a secção masculina terá a sua entrada pela rua Barão de Casa Branca.**

A escola, segundo noticiou “O Correio Paulistano” de 29 do p.passado, será installada em março próximo. (jornal “O Tempo”, 02/02/1913,n. 29, verso da primeira página)

Vale ressaltar nesta nota que a seção feminina funcionaria completamente separada da masculina, tendo suas entradas também independentes, sendo a seção feminina pelo Largo do Rosário e a masculina pela rua Barão de Casa Branca. Esclarecendo que o prédio locado tinha a sua frente para o Lago do Rosário e os fundos para a rua Barão de Casa Branca. De acordo com a legislação vigente as seções masculinas e femininas funcionavam separadas nas Escolas Normais, a coeducação dos sexos aconteceu a partir da lei n 1.750 de 08/12/1920, como pudemos constatar nos livros de registros encontrados no arquivo permanente da instituição pesquisada.

Na mesma página, logo abaixo, outra notícia da Escola Normal, a qual informava a ida a São Paulo do Sr. Fernando Musa com a quantia de 50 contos de réis para depositar no Thesouro do Estado, 30 contos de réis deste dinheiro foi arrecadado junto à comunidade casabranquense pelo Coronel Joaquim Ferreira de Castro<sup>15</sup> e os 20 contos de réis integralizados pela Câmara Municipal da cidade.

Deve seguir, nestes dias, para São Paulo, o Sr. Fernando Musa, que vae depositar no thesouro do Estado a quantia de 50 contos, auxilio offerecido pela nossa Camara Municipal para a installação da Escola Normal desta cidade

Dauqella quantia, 30 contos foram angariados por subscripção popular, tendo a Camara completado a importância referida.(jornal “O Tempo”, 02/02/1913 ,n. 29, verso da primeira página)

---

<sup>15</sup> Sobre o Sr. Coronel Joaquim Ferreira de Castro não encontramos nenhum documento que pudéssemos identificá-lo, através das notas dos jornais soubemos de sua atuação junto a comunidade para angariar recursos para a instalação da Escola Normal Primária em Casa Branca.

O Coronel Joaquim Ferreira de Castro teve um papel importante no período que antecedeu a criação da Escola Normal Primária, saindo às ruas de Casa Branca angariando adesões para o abaixo-assinado, já citado anteriormente, e arrecadando fundos para a sua instalação, resultando em 30 contos de réis, valor maior do qual foi doado pela Câmara Municipal. O fato acima citado demonstra a importância atribuída a esta instituição para os casabranquenses.

Podemos concluir que, de acordo com Honorato (2013), o projeto de expansão do ensino público foi concebido sem a provisão de recursos, o qual ficava a cargo das cidades a sua adaptação e manutenção, ocasionando algumas deficiências estruturais e pedagógicas, as quais relataremos nos próximos capítulos.

Nas edições semanais os jornais locais, publicavam-se notícias sobre as obras de adaptação do prédio para a instalação da Escola Normal, promovendo uma atmosfera de expectativa e ansiedade em seus leitores,

Já foram iniciadas as obras de adaptação do prédio onde deve funcionar, em breve, a nossa Escola Normal.

A planta apresentada pelo engenheiro ao Dr. Altino Arantes, foi aprovada e vae ser executado.( jornal "O Tempo", 16/02/1913, n.21, segunda página)

Os jornais locais traziam a cada edição novas informações sobre a Escola Normal, desde a aprovação da sua planta para adaptação do prédio, como a visita do engenheiro Dr. Raul Porto da Repartição Geral de Obras Públicas, chegada do mobiliário escolar, entre outros.

O jornal "O Tempo", em nota, comunica que a obra da Escola Normal se encontra em fase de finalização, para o início de suas atividades em abril de 1913,

Escola Normal - Deverão ficar concluídas no dia 25, impreterivelmente, as obras do predio onde devera funcionar a nossa Escola Normal; virá a esta cidade, receber o predio, o Dr. Altino Arantes ou um inspetor escolar, caso o Dr. Secretario do Interior não possa vir.

O material para a escola, isto é, as carteiras e demais utensílios estão preparadas, esperando somente a conclusão do prédio para serem remetidos de São Paulo, pelo Governo. (Jornal “O Tempo”, n.25, de 23/3/1913, pag. 1).

Enquanto o prédio para receber a Escola Normal estava sendo adaptado, na Sessão da Câmara de 12 de abril de 1913 os proprietários da casa locada para o seu funcionamento propõem a venda do imóvel para a prefeitura, o que é aprovado pela Câmara Municipal na sessão ordinária em 19 de abril de 1913,

Lei n 188, de 22 de abril de 1913.

A Câmara Municipal de Casa Branca decreta:

Art.1º Fica o prefeito autorizado a adquirir o prédio n 12 da Praça do Rosário e respectivo terreno, de propriedade do Sr. Luiz Gonzaga de Castro e sua mulher, pela importância de (25:000\$000) vinte e cinco conto de réis, pagos em quatro prestações anuais e juros de 8% ao ano.

Art. 2º Revogados as disposições em contrário.

Fernando Musa

Prefeito Municipal

Na sessão ordinária do dia 17 de maio de 1913 (p. 11), o Prefeito Municipal comunica ter recebido a escritura do prédio onde funcionaria a Escola Normal Primária das mãos do Sr. Luiz Gonzaga de Castro e sua esposa D. Anna Claudina de Barros Castro.

Dando início às atividades da Escola Normal, é publicado no jornal “O Tempo” do dia 10 de abril de 1913 o edital para inscrições dos candidatos os exames de Suficiência para o primeiro ano no jornal “O Tempo”,

Escola Normal Primaria de Casa Branca.

Exames de Sufficiencia

De ordem do Sr. Director e faço publico que, de conformidade com as disposições regulamentares, estarão abertas nesta Secretaria, de 10 a 16 do corrente mês, das 11 horas da manhã às 3 horas da tarde as inscripções para os exames de sufficiencia de candidatos à matricula no curso d’esta Escola.

Será admitido a inscrever-se o candidato que o requerer ao Director, provando por certidão, attestado ou documentos equivalentes, sendo todas as firmas reconhecidas por tabellião, os requisitos seguintes:

- A) idade mínima de 14 annos para qualquer dos sexos;
- B) Moralidade;
- C) ter sido vaccinado ou revaccinado nos últimos 3 annos, e não soffres de moléstia contagiosa ou repugnante, não ter deffeitophysico ou psychico que o incompatibilise com o magistério;
- D) licença do pae, tutor ou seu representante, sendo menor.

Secretaria da Escola Normal Primaria de Casa Branca, 9 de abril de 1913.

O Secretario

Theophilo Motta (jornal "O Tempo", 10/04/1913, n.26, verso da primeira página)

No edital de inscrições para o Exame de Suficiência, destacamos a preocupação com a moralidade, condições físicas dos candidatos e a idade mínima de 14 anos, porém não encontramos a indicação de estudos anteriores como pré requisito para a inscrição. No Decreto 2.025 de 29/03/1911 que regulamenta os exames de suficiência também não encontramos informações a este respeito, apenas complementamos que as inscrições deveriam ser realizadas separadamente para a seção feminina e masculina e que haveriam dois exames para a seleção dos candidatos: uma escrita e outra oral, as quais destacaremos no próximo capítulo.

Abertas as inscrições para os candidatos ao primeiro ano da Escola Normal Primária durante o período de 09 de abril a 05 de maio de 1913, sendo o exame realizado no dia 05 de maio do mesmo ano.

Apesar de suas aulas terem iniciado no dia 18 de maio de 1913, sua inauguração oficial se deu no dia 11 de junho com a participação do representante do Governo Professor Gallet.

No jornal "O Casa Branca" do dia 01 de junho encontramos informações sobre os preparativos para a inauguração oficial que ocorreria no dia 11 do corrente mês com a convocação de alguns alunos da Escola Normal Primária para a decoração das salas,

Escola Normal

Para fazer os respectivos enfeites das salas, para os festejos por ocasião da inauguração, marcada para 11 do corrente, foram

nomeadas as seuhorinhas: Aurea Nogueira, DesdomonaSartini, Guiomar Carvalho, Maria das Dores de Siqueira, Raulina Lima Rodrigues, Sarah Correia e os moços: Boanerges de Lima, José Nogueira de Barros, Euripedes Moacyr Perreira, José Musa, Leopoldo da Silva Monteiro e Oscar Pereira da Silva.

Por esta ocasião deverá estar presente o inspetor geral da Instrução Publica Sr. Dr. João Chrysostomo Ribeiro dos Reis.( jornal "O Casa Branca", 01/06/1913, n.770, verso da primeira página)

A inauguração oficial aconteceu como previsto, no dia 11 de junho de 1913 com a participação do representante do Governo o Inspetor Escolar Professor Gallet, alunos e professores da Escola Normal Primária.



Figura 4 - Foto da inauguração oficial da Escola Normal – Arquivo pessoal Boanerges N. Lima

Com este breve relato busquei propiciar uma (re) leitura da trajetória das Escolas Normais especialmente no Estado de São Paulo e especificamente na cidade de Casa Branca.

Com o ato de sua criação, pudemos entender como os casabranquenses se apropriaram das representações difundidas, principalmente pela mídia escrita, sobre a instrução pública e suas instituições escolares neste período.

Levantamos através das fontes personagens que tiveram uma importante participação no processo de criação e instalação da Escola Normal na cidade, assim como ao cenário político, econômico e social que a recebeu neste período.

## **CAPÍTULO 2 – SABERES E PRÁTICAS ESCOLARES DA ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA**

No presente capítulo abordaremos a Escola Normal Nas suas primeiras duas décadas de funcionamento, seus agentes, suas práticas e saberes escolares no período de 1912 a 1932.

Para este levantamento historiográfico buscamos fontes nos arquivos e no Museu da Escola Normal de Casa Branca, jornais locais e em arquivos pessoais. Após a investigação e a Identificadas as fontes, realizamos o cruzamento destas informações e passamos para a interpretação e a escrita histórica.

Para Magalhães (2004) compreender a realidade histórica de uma instituição é integrá-la em um quadro mais amplo que o sistema educativo, é contextualizá-la em seu meio sociocultural,

A relação entre a instituições educativas e a comunidade envolvente estrutura-se numa abordagem cruzada dos planos macro, meso ou micro-histórico, por uma dialética de convergência / divergência / convergência e de uma reconceituação espaço temporal: o nacional / universal, o regional, o local. É nesse redimensionamento que as abordagens de tipo meso permitem representar com rigor e atualidade a instituição educativa como totalidade, em permanente relação e desenvolvimento. (MAGALHÃES, 2004, p. 134)

Buscando essa relação entre o local, regional, nacional citado por Magalhães (2004) trabalhamos no alargamento das fontes e no seu cruzamento, contextualizando-a em seu espaço sócio cultural.

Para o autor a interpretação das informações centra-se na mediatização entre a memória e o arquivo, e complementa,

A hermenêutica fundamental centra-se na mediatização entre a(s) memória(s) e o(s) arquivo(s), mas os desafios de interpretação não se resolvem pela acumulação ou justaposição informativas, mas sim pela interpelação do devir espaciotemporal e sociocultural, como principal produto da relação entre estruturas, circunstâncias, agentes, meios, atitudes, culturas, valores, interesses, motivações, racionalidades, expectativas, destinos de vida que caracterizam e substantivam o processo educacional. (MAGALHÃES, 2004, p.135)

Seguindo esta orientação, levantei a relação da Escola Normal de Casa Branca com o seu entorno sociocultural. Neste intento, apresento estatísticas escolares, nomes e registros de professores, alunos e funcionários; suas festividades, formatura, comemorações cívicas, visitas escolares, entre outros.

## **2.1. Seus primeiros Agentes Escolares**

Após a sua criação e adaptação do casarão para abrigar a instituição, a Escola Normal de Casa Branca, em abril de 1913, inicia suas atividades, com a abertura das inscrições para os exames de suficiência, exame este aplicado em todas as escolas normais primárias do estado de São Paulo, seguindo o decreto 2.025 de 29/03/1911.

O edital foi publicado no jornal local “O Tempo”, do dia 10 de abril de 1911, para as inscrições dos candidatos aos exames de Suficiência para o primeiro ano de funcionamento da Escola Normal. Citado no texto anteriormente traz a preocupação com o perfil do candidato, tais como: moralidade, defeito físico e idade mínima de 14 anos, não trazendo referência a estudos anteriores como pré requisito para inscrições.

Confrontando-os, Decreto e edital, constatamos ausência no edital da condição citada no Decreto pelo estado civil de solteira para as mulheres candidatas ao curso; apesar da nossa investigação sobre o assunto, não identificamos a sua exclusão ou omissão no edital, outro ponto que não aparece no edital são as inscrições realizadas separadamente: a seção feminina da masculina.

Neste mesmo Decreto, no artigo 21 constam as matérias que deveriam ser aplicadas nos exames de suficiência nas Escolas Normais Primárias, as quais eram: português, aritmética, geografia geral e do Brasil, história pátria e desenho a mão livre.

Abertas as inscrições durante o período de 09 de abril a 05 de maio de 1913, a Escola Normal de Casa Branca recebeu 220 inscritos para os exames de suficiência, os quais levantamos a estatística abaixo:

Quadro 8 - Estatística do Primeiro Exame de Suficiência

|           | Secção Masculina | Secção Feminina | Total |
|-----------|------------------|-----------------|-------|
| Inscritos | 48               | 172             | 220   |

Elaboração pessoal a partir dos livros de Suficiência de 1913

O livro para os Exames de Suficiência foi encerrado no dia 12 de maio de 1913 e a sua primeira inscrição foi localizada no arquivo pessoal do Sr. Boanerges Nogueira de Lima, como podemos verificar no documento abaixo,



Figura 5 - Primeira inscrição - Boanerges Nogueira de Lima (arquivo pessoal)

Ficha de inscrição - nº 01

Em seu discurso no dia 07 de abril de 1936, no 23º aniversário de fundação da Escola Normal professor Boanerges Nogueira de Lima descreve sua inscrição para os exames de suficiência da Escola Normal Primária de Casa Branca,

Como candidato aos exames de suficiência, em 1913, coligi os documentos indispensáveis à inscrição, atendendo ao toque de chamada; passadas que foram as primeiras horas, à espera de que alguém se apresentasse para preenchimento dos primeiros lugares, dirigi-me à secretaria; preparada a inscrição, com a verificação dos papéis que levava, certo de que não seria um dos primeiros inscritos, convidou-me o secretário – Mota, falecido na segunda quinzena do mês de março último na capital do Estado – a assinar na primeira linha, **correspondente ao n° 1**, declarando, ao entregar-me um cartão, à guisa de senha, que ninguém queria iniciar a inscrição. Fui, portanto, o primeiro candidato que se inscreveu em exame de admissão para esta escola e daí o conhecer-lhe a história, que **procuro contar-vos com fidelidade e isenção de ânimo, em linhas gerais.** (Arquivo pessoal Boanerges N. de Lima)

Destacamos no discurso acima o trecho que prof. Boanerges N. de Lima narra ter sido o primeiro inscrito para os Exames de Suficiência no primeiro ano da Escola Normal, conforme ficha de inscrição no texto acima. Notamos em seu discurso a expectativa em torno das inscrições e a importância a ela atribuída.

Utilizando o discurso como fonte historiográfica, podemos ressaltar que apesar da intenção de não atribuir valores e emoções ao texto, este é um relato de memórias, lembranças e sentimentos vividos pelo autor. Destacamos no texto a sua preocupação em relatar a sua imparcialidade: “procuro contar-vos com fidelidade e isenção de ânimo, em linhas gerais”. Para Le Goff (1990) os documentos não são inocentes, para o autor

Quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade), as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. (Le Goff, 1990, p. 110)

Em seus discursos, podemos identificar a apropriação das representações do início da República em torno da educação como projeto civilizador, colocando no professor a responsabilidade de formação do novo cidadão.

O exame de suficiência escrito foi realizado no dia 05 de maio contendo seguintes matérias: Português, Aritmética, História do Brasil, Geografia, seguindo o Decreto 2.025 de 29/03/1911. Eram aplicados também

exames orais, as quais não encontramos registros da data de sua aplicação ou qualquer outra informação que nos possibilitassem algum levantamento ou análise.

A orientação para a classificação, pelo Decreto 2.025 artigo 32, parágrafo único, deveria ser a média entre os exames, com as seguintes nomenclaturas:

- a) Reprovação, quando a média for inferior a seis;
- b) Aprovação simples, quando for seis ou sete;
- c) Aprovação plena quando for oito ou nove;
- d) Aprovação com distinção, quando for compreendida entre 10 e 12, correspondente esta à distinção com louvor.

Já no livro de registro dos exames de suficiência encontramos ao lado das médias dos candidatos a classificação: Distinção – 10; Plenamente – 9 e 8; Simplesmente – 7 e 6; Inabilitado – abaixo de 6.

O primeiro exame escrito de suficiência aplicado em 1913 também foi encontrado no arquivo pessoal do Sr. Boanerges Nogueira de Lima,

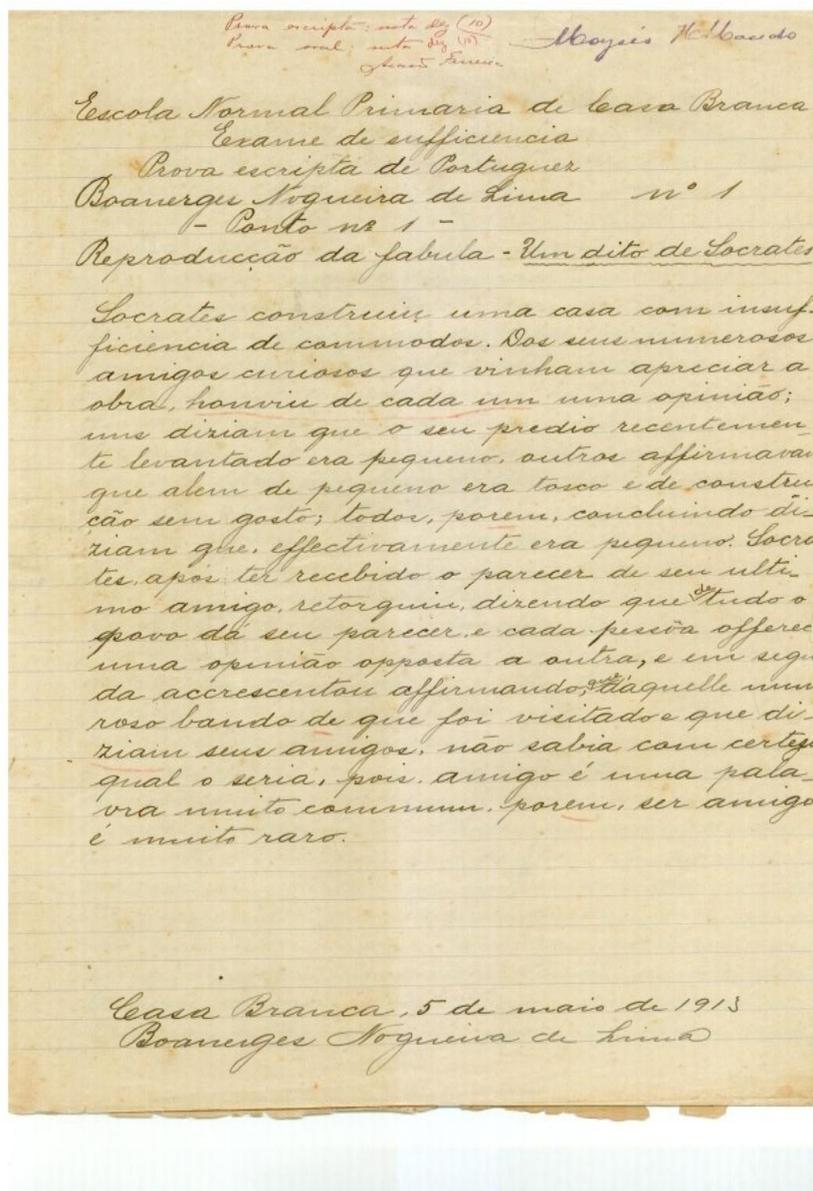


Figura 6 - Exame de Suficiência aplicado no dia 05/05/1913  
(Arquivo pessoal - Boanerges Nogueira Lima)

Como informado acima, as matérias dos exames de suficiência deveriam ser aplicadas igualmente em todas as Escolas Normais Primárias, de acordo com o Decreto 2.025, o qual converteu as Escolas Complementares em Escolas Normais Primárias e determinou seu regulamento.

Após os exames de Suficiência levantamos a seguinte estatística dos inscritos no livro de Suficiência encontrado no arquivo da Escola Normal Primária de Casa Branca,

Quadro 9 - Estatística do primeiro Exame de Suficiência

|                    | Secção Masculina | Secção Feminina | Total      |
|--------------------|------------------|-----------------|------------|
| Inscritos          | 48               | 172             | 220        |
| Reprovados         | 05               | 15              | 20         |
| Total de Aprovados | <b>43</b>        | <b>157</b>      | <b>200</b> |

Elaboração pessoal baseado no livro de Exame de Suficiência de 1913

Ressaltamos que pela localização geográfica da cidade de Casa Branca, a Escola Normal Primária recebeu candidatos de várias cidades da região. Podemos comprovar esta afirmação através do livro de matrículas do primeiro ano onde encontramos os registros de diferentes cidades. Além da sua localização, ressaltamos que esta era a única Escola Normal em um raio de 50 km em seu entorno, portanto acolhendo candidatos de toda a região.

Todo início de ano eram publicadas nos jornais locais as inscrições dos exames de suficiência e exames de segunda época, como podemos observar no jornal “O Casa Branca” no dia 11 de janeiro de 1914,

#### Escola Normal

Amanhã, 12, as 11 horas da manhã, terão início os exames de suficiência, sendo os editais de chamada afixados no Portão da Escola, na véspera dos exames.

Os dependentes de exames de 2ª época deverão apresentar um requerimento, ao director da escola, para prestarem esses exames.

Os promovidos, igualmente, deverão requerer sua matrícula ao director.

Esses requerimentos serão sellados com sellos estaduais de 1.000 reis. (jornal “O Casa Branca”, 11/01/1914, n.800, primeira página)

Através do Livro de Exames de Suficiência, levantamos os inscritos no período de 1914 a 1934, separados em seções masculina e feminina até 1921, que, de acordo com a lei n. 1750 de 08/12/1920 – reforma da Instrução Pública do Estado de São Paulo, que estabeleceu a unificação das escolas normais e permitiu a abertura de classes mistas, passando então, o registro neste livro misto a partir de 1921, sendo eles,

Quadro 10 - Quadro de inscritos para o Exame de Suficiência:

| Ano  | Masculino    | Feminino     | Total        |
|------|--------------|--------------|--------------|
| 1913 | 48           | 172          | 220          |
| 1914 | 15           | 93           | 108          |
| 1915 | 18           | 55           | 73           |
| 1916 | 58           | 120          | 178          |
| 1917 | 34           | 109          | 143          |
| 1918 | 12           | 60           | 72           |
| 1919 | 7            | 54           | 61           |
| 1920 | 9            | 38           | 47           |
| 1921 | 5            | 22           | 27           |
| 1922 | 9            | 43           | 52           |
| 1923 | 3            | 33           | 36           |
| 1924 |              | 37           | 37           |
| 1925 | 3            | 35           | 38           |
| 1926 | 5            | 40           | 45           |
| 1927 | 8            | 40           | 48           |
| 1928 | 14           | 72           | 86           |
| 1929 | 31           | 77           | 108          |
| 1930 | Sem registro | Sem registro | Sem registro |
| 1931 | 27           | 51           | 78           |
| 1932 | 9            | 6            | 15           |
| 1933 | 6            | 10           | 16           |
| 1934 | Sem registro | Sem registro | Sem registro |

Elaboração pessoal baseado no livro de Exame de Suficiência

Apesar de estarem mistos os registros dos candidatos ao curso da Escola Normal de Casa Branca a partir de 1920, separamos por sexo para nos dar a proporção de homens e mulheres que se candidatavam neste período. Podemos verificar que o número de mulheres inscritas é maior desde os primeiros anos, conseqüentemente o número de matrículas e formandas, do sexo feminino, no decorrer dos anos também são maiores.

A inserção da mulher nas Escolas Normais, segundo Tanuri (2000) estava ligada ao prolongamento de papel de mãe a atividade de educadora; além dos baixos salários da profissão que afastava o interesse dos homens por tal atividade. Para a autora “o magistério feminino apresentava-se como solução para o problema de mão-de-obra para a escola primária, pouco procurada pelo elemento masculino em vista da reduzida remuneração”; desta

forma a Escola Normal inseriu as mulheres no mercado de trabalho e na educação escolarizada.

As informações sobre editais, exames, inscrições e matrículas, ocupavam as primeiras páginas dos jornais locais, sempre em lugares de destaque, demonstravam a importância atribuída a Escola Normal pelos jornais neste período.

No livro de matrícula do primeiro ano da Escola Normal de Casa Branca, 1913, identificamos a abertura de 2 classes: seção feminina com 60 alunas e a seção masculina com 46 alunos, sendo eles:

Quadro 11- Na seção masculina:

|    | Aluno                           | Cidade natal             |
|----|---------------------------------|--------------------------|
| 01 | Annibal Homem de Mello          | Pindamonhagaba/SP        |
| 02 | Alpheu Dominiguetti             | Casa Branca/SP           |
| 03 | Amado Gonçalves dos Santos      | Casa Branca/SP           |
| 04 | Anesio Agostinho                | Casa Branca/SP           |
| 05 | Antonio Garcia Figueiredo       | São João da Boa Vista/SP |
| 06 | Antonio de Lima Mendonça        | Casa Branca/SP           |
| 07 | Antonio Martins de Oliveira Jr. | São José do Rio Pardo/SP |
| 08 | Archimedes Bertoncini           | Tambaú/SP                |
| 09 | Aurelio Fedinghi                | Vargem Grande do Sul/SP  |
| 10 | Boanerges Nogueira de Lima      | Casa Branca/SP           |
| 11 | Carlos Bastos                   | São Carlos do Pinhal/SP  |
| 12 | Cesar Ferreira de Lima          | Migi Mirim/SP            |
| 13 | Eurico de Tavora Barreto        | São Sebastião do Anato   |
| 14 | Euripedes Moacyr Pereira        | Itatiba/SP               |
| 15 | Francisco Ribeiro de Sousa      | São José do Rio Pardo/SP |
| 16 | Fiorangelo Antonio Padula       | São João de Dourado      |
| 17 | Francisco da Silveira Coelho    | Piracicaba/SP            |
| 18 | Francisco de Napoli             | Palmeiras/SP             |
| 19 | Guilherme André Pontes          | Santa Cruz da Conceição  |
| 20 | Hildebrando Leite Terra         | Monte Verde              |
| 21 | João Vanunci                    | Casa Branca/SP           |
| 22 | João Ribeiro de Noronha Jr.     | São José do Rio Pardo/SP |
| 23 | José Ezequiel de Souza          | São José do Rio Pardo/SP |
| 24 | Jose Maria da Cunha             | Ribeirão Preto/SP        |
| 25 | Jose Nogueira Barros            | Vargem Grande do Sul/SP  |

|    |                             |                          |
|----|-----------------------------|--------------------------|
| 26 | Jose Nogueira de Carvalho   | Casa Branca/SP           |
| 27 | Jose Magalhães Musa         | Casa Branca/SP           |
| 28 | Jose Rabello Alves          | Muzambinho/ MG           |
| 29 | Ladislau de Campos          | Jundiaí/SP               |
| 30 | Leopoldo da Silva Monteiro  | Mogi Mirim/SP            |
| 31 | Lino Avancini               | Itapira/SP               |
| 32 | Luis Furlani                | São José do Rio Pardo/SP |
| 33 | Lycirgo Benedicto Leitão    | Mogi Mirim/SP            |
| 34 | Mario dos Santos Meira      | Casa Branca/SP           |
| 35 | Mario Horta Silva           | Casa Branca/SP           |
| 36 | Miguel Romeiro Pinto        | Pindamonhangaba/SP       |
| 37 | Nicolino Giraldi            | Mogi Mirim/SP            |
| 38 | Oscar Pereira da Silva      | Pirassununga/SP          |
| 39 | Paulo Bonetti               | São Paulo/SP             |
| 40 | Pascoal Grecco Junior       | Casa Branca/SP           |
| 41 | Raul Bittencourt Lima       | Casa Branca/SP           |
| 42 | Renato Franchi              | Casa Branca/SP           |
| 43 | Romeu Prezia                | Poços de Caldas / MG     |
| 44 | Vicente Peixoto             | São José do Rio Pardo/SP |
| 45 | Waldemar Nogueira Carvalho  | Casa Branca/SP           |
| 46 | Affonso de Andrade Oliveira | São João da Boa Vista/SP |

Elaboração pessoal baseado no livro de Matrículas

Quadro 12 - E na secção feminina:

|    | Alunas                      | Cidade Natal                        |
|----|-----------------------------|-------------------------------------|
| 01 | Arabela de Oliveira         | São João da Boa Vista/SP            |
| 02 | Adelaide de Almeida Corrêa  | São Simão/SP                        |
| 03 | Albertina de Toledo         | Casa Branca/SP                      |
| 04 | Albertina Ruivo             | Lorena/SP                           |
| 05 | Amélia de Aguiar Duarte     | São Roque/SP                        |
| 06 | Anna de Aguiar              | São João da Boa Vista/SP            |
| 07 | Aracy de Sousa Araujo       | Amparo/SP                           |
| 08 | Aurea Nogueira              | São José do Rio Pardo/SP            |
| 09 | Carolina Meirelles          | Mococa/SP                           |
| 10 | Candida de Padua Nascimento | Casa Branca/SP                      |
| 11 | Cirstina de Arruda          | Santo Antônio do Jacutinga de Minas |
| 12 | Celina Simões de Lima       | Mogi Mirim/SP                       |

|    |                                    |                            |
|----|------------------------------------|----------------------------|
| 13 | Davina de Aguiar                   | São Roque/SP               |
| 14 | Dadimena Santini                   | Mogi Mirim/SP              |
| 15 | Edith Neiva                        | Campinas/SP                |
| 16 | Enestina Leite de Castro           | Casa Branca/SP             |
| 17 | Escolastica Pinto                  | São José do Rio Pardo/SP   |
| 18 | Eulalia Maria Leite de Castro      | Casa Branca/SP             |
| 19 | Elisa Martins Rodrigues            | São João da Boa Vista/SP   |
| 20 | Flora de Sylos Cintra              | Casa Branca /SP            |
| 21 | Guiomar de Lima Correa             | São Simão/SP               |
| 22 | Genoveva de Bonvicino              | Casa Branca/SP             |
| 23 | Guiomar de Carvalho                | Casa Branca/SP             |
| 24 | Gultildes Feijão                   | Casa Branca/SP             |
| 25 | Iracema de Carvalho                | Casa Branca/SP             |
| 26 | Iracema Vieira                     | Casa Branca/SP             |
| 27 | Joaquina Hermelinda de Souza Leite | São José do Rio Pardo/SP   |
| 28 | Jandira Peres Leite                | Amparo/SP                  |
| 29 | Julia Gonçalves                    | Mogi Mirim/SP              |
| 30 | Julieta de Oliveira Camargo        | Poços de Cladas/MG         |
| 31 | Laura Junqueira Leal               | Casa Branca/SP             |
| 32 | Lina Aparecida Vergueiro           | Santo Antônio de Pinhal/SP |
| 33 | Luiza Guerra                       | São José do Rio Pardo/SP   |
| 34 | Margarida Teixeira                 | Casa Branca/SP             |
| 35 | Maria da Conceição Aparecida       | Batatais/SP                |
| 36 | Maria Aparecida Alvarenga          | Palmeiras/SP               |
| 37 | Maria Araujo                       | São José do Rio Pardo/SP   |
| 38 | Maria Aparecida Alvarenga Alves    | Palmeiras/SP               |
| 39 | Maria da Conceição Siqueira        | Casa Branca/SP             |
| 40 | Maria das Dores Siqueira           | Casa Branca/SP             |
| 41 | Maria Gertrudes Martins            | Campinas/SP                |
| 42 | Maria Hercilia Horta               | Casa Branca/SP             |
| 43 | Maria Lange de Carvalho            | Mococa/SP                  |
| 44 | Maria da Penha Macedo              | Casa Branca/SP             |
| 45 | Maria Pereira da Fonseca           | Itapira/SP                 |
| 46 | Maria Rosa Aguiar                  | São João da Boa Vista/SP   |
| 47 | Maria Rosario Soares               | Casa Branca/SP             |
| 48 | Maria Dulce Nogueira Cobra         | Mococa/SP                  |
| 49 | Normantina de Castro               | Sacramento                 |
| 50 | Odette de Almeida Barbosa          | São Simão/SP               |
| 51 | Olga de Queiroz Telles             | Mogi Mirim/SP              |

|    |                            |                   |
|----|----------------------------|-------------------|
| 52 | Paula Mariana da Conceição | Batatais/SP       |
| 53 | Raulina de Lima Rodrigues  | Itapira/SP        |
| 54 | Sarah Corrêa               | Casa Branca/SP    |
| 55 | Ubalдина Sartorio          | Mogi Mirim/SP     |
| 56 | Violeta Lorenzetti         | Mogi Mirim/SP     |
| 57 | Zilda Macedo               | Casa Branca/SP    |
| 58 | Zima Bueno                 | Mogi Guaçu/SP     |
| 59 | Zofina Freire              | Lençóis/SP        |
| 60 | Zoraide Rocha Freitas      | Ribeirão Preto/SP |

Elaboração pessoal baseado no livro de Matrículas

Confrontando o registro de inscritos no exame de suficiência e no livro de matrículas verificamos um número significativo de 94 alunos que não foram matriculados. Apesar da investigação nos arquivos da Escola Normal de Casa Branca, não conseguimos identificar os reais motivos da não efetivação destas matrículas, porém, podemos levantar a hipótese de que seria aberta apenas uma seção para cada sexo.

Ressaltamos que Casa Branca, por ter uma localização estrategicamente privilegiada, recebeu alunos de várias cidades da região. Tentamos levantar as cidades de origem destes alunos no livro de matrículas aberto dia 09 de abril de 1913, porém, encontramos apenas a sua cidade natal, o que nos impossibilitou tal levantamento. Porém podemos considerar que a Escola Normal Primária atendeu a região onde estava inserida como também ao sul de Minas Gerais, pela sua proximidade e estradas que interligavam os estados.

Pelo livro de matrículas podemos identificar algumas cidades que a Escola Normal Primária atendeu neste período, entre outras: Santa Cruz das Palmeiras, Vargem Grande do Sul, Tambaú, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, Mococa, São Simão, Santo Antônio do Pinhal, Mogi Mirim, Mogi Guaçu.

A média de idade das alunas era de 19 anos, compreendidos entre 1879 a 1899, sendo a mais velha matriculada com 34. Entre os alunos a média de idade era de 18 anos, compreendidos entre 1892 a 1899, sendo os mais novos de 14 anos e os mais velhos 21 anos. De acordo com estes dados, constatamos que o ingresso no Curso Normal das mulheres em Casa Branca

se dava com maior idade do que a masculina. Podemos atribuir esta condição ao fator da inserção feminina tardia na educação escolarizada, como já nos referimos há pouco.

Através do discurso do professor Boanerges N. de Lima em 1932, podemos acompanhar um breve relato do primeiro ano da primeira turma em 1913,

As aulas só se iniciaram a 18 de maio; a inauguração oficial, com representante do governo-inspector professor Gallet – realizou-se a 11 de junho; o curso constava de duas classes: o primeiro ano feminino, com 55 alunos e o masculino, com 46, dos quais sómente 10 foram promovidos para o segundo ano; o meu primeiro ano funcionou numa das dependências do atual prédio da Prefeitura. (arquivo pessoal Boanerges N de Lima)

Em seu discurso constatamos uma diferença de 5 alunas a menos matriculadas em relação ao livro de registro, relevante também observar o número de aprovados da seção masculina para o segundo ano, sendo apenas 10 alunos. Podemos levantar algumas hipóteses para este número elevado de reprovações neste primeiro ano, como a deficiência na formação anterior, o nível de exigência durante o primeiro ano de funcionamento da Escola Normal Primária de Casa Branca ou o abandono/desistência durante o primeiro ano, porém, apesar das investigações nas fontes pesquisadas, não conseguimos comprovar tais hipóteses. Porém encontramos nos Anuários do Ensino de 1914 e 1915 referências sobre o acúmulo de matérias e as dificuldades encontradas pelos professores e alunos em cumprir o programa estabelecido para o curso das Escolas Normais, “pecando por superabundância”, sendo mal trabalhados ou não cumpridos, o que nos leva a considerar a dificuldade encontrada pelos alunos para acompanhar o primeiro ano, resultando ou não na desistência, abandono ou reprovação no curso

Entre os livros identificados no arquivo da Escola Normal de Casa Branca de 1913 encontramos o registro do primeiro quadro de funcionários com os seguintes nomes e cargos:

Quadro 13 - Primeiro quadro de funcionários

| Cargo                 | Funcionário                       |
|-----------------------|-----------------------------------|
| Diretor               | Professor Moysés Horta de Macedo  |
| Aux. de Direção       | Professor Nicanor Pereira Silva   |
| Secretário            | Theophilo Ottoni Pereira da Motta |
| Professora –Inspetora | Isaura Moura Tavares              |
| Porteiro              | Carlos Rabello Cintra             |
| Contínuo              | Braulino de Oliveira Lima         |
| Contínuo              | Jose Avelino Martins Ferreira     |
| Servente              | Anunciato Bossi                   |
| Servente              | Jose de Paula Silos               |

Elaboração pessoal baseado no livro de registros de funcionários

O quadro de funcionários contava com 9 profissionais, dentre eles o diretor, assistente de direção, secretário, inspetora, contínuos, porteiro e serventes. Confrontado com o Anuário do Ensino de 1914 (página 224) encontramos apenas o registro de 5 funcionários: o diretor Moysés Horta de Macedo, Aux de direção Nicanor Pereira da Silva, o secretário Theophilo O. P. da Motta, a inspetora Isaura M. Tavares e o porteiro Carlos R. Cintra, não constando os contínuos e serventes.

Entre os livros de registros, nos foi possível levantar os primeiros professores de 1913, que, confrontados com o Anuário de 1914 (p. 224), relacionamos abaixo:

Quadro 14 - Professores em 1913:

| Cargo  | Funcionário               | Origem            |
|--|---------------------------|-------------------|
| Professor Trabalhos Manuais  | Theophilo Volponi         | São Paulo – SP    |
| Professora Ginástica   | Alberto Krum              | Campinas – SP     |
| Professor de Português   | Accácio de Paula Ferreira | Rezende RJ        |
| Professor de Francês   | Francisco Azzi            | Rosário – Sergipe |
| Professor de Aritmética / Álgebra e Geometria  | Alvino de Lima            | Não identificado  |
| Professor de Geografia Geral e do Brasil<br>Professor de História da Civilização e do Brasil | Renato P. de Barros       | Não identificado  |

|                      |                         |                  |
|----------------------|-------------------------|------------------|
| Professora de Música | Belline Tavares de Lima | Não identificado |
| Professor de Desenho | João Dutra              | Rio Claro – SP   |

Elaboração pessoal baseado no livro de registros de funcionários e Anuário do Ensino de 1913

A origem de alguns dos primeiros professores não foi localizada na documentação analisada nos arquivos da escola, observamos que os identificados, vieram de diferentes cidades para lecionar na Escola Normal Primária de Casa Branca.

Podemos também concluir de acordo com o quadro acima o predomínio masculino entre os professores da Escola Normal de Casa Branca. Após analisar os Anuários do Ensino de 1914 a 1926, não encontramos a presença feminina entre os professores da escola, o que nos leva a pressupor que apesar de ser a maioria feminina nos cursos de preparação para o magistério, os professores homens ocupavam os melhores cargos e a melhor reserva de mercado.

Os professores homens recebiam melhores salários e os melhores cargos, como afirma Demartini & Antunes (1993, p. 13) “Profissão feminina, exercida pelas mulheres, mas ainda formadas pelos lentes homens das Escolas Normais, e controlada pelos administradores homens da rede de ensino”.

Ainda segundo os autores Demartini & Antunes, a trajetória da carreira dos homens e das mulheres se davam de maneira diferente, para os homens havia um privilégio sobre as mulheres, tanto pela influência das autoridades escolares, dentro do próprio sistema educacional, como vínculos estabelecidos com as forças políticas atuantes no Estado.

De acordo com a pesquisa realizada por Demartini&Antunes, os professores tão logo se formavam já direcionavam suas carreiras para outros cargos, abandonando o espaço “feminino” das salas de aula, e concluem,

Deixavam de ser professores para serem diretores, supervisores e formadores de professores, delegados de ensino, chefes de instrução pública, etc., e, dessa maneira, continuar controlando a profissão já então maciçamente feminina.(DEMARTINI&ANTUNES,1993, p.12).

No primeiro ano da Escola Normal as disciplinas foram atribuídas da seguinte forma aos professores citados anteriormente no texto, de acordo com o livro de registros de professores de 1913.

Quadro 15 - Quadro das disciplinas do primeiro ano (1913): 1<sup>o</sup> Ano

| Disciplinas       | Professores             | N <sup>o</sup> de aulas por semana |
|-------------------|-------------------------|------------------------------------|
| Português         | Accácio Paula Ferreira  | 3                                  |
| Francês           | Francisco Azzi          | 3                                  |
| Aritmética        | Alvino Lima             | 3                                  |
| Geografia Geral   | Renato P. de Barros     | 3                                  |
| Música            | Belline Tavares de Lima | 2                                  |
| Trabalhos Manuais | Theophilo Volponi       | 2                                  |
| Desenho           | João Dutra              | 2                                  |
| Total             |                         | 18 aulas semanais                  |

Elaboração pessoal baseado no livro de registros de professores e Anuário do Ensino de 1913

Encontramos no decorrer dos anos algumas inclusões e alterações no quadro de professores, como: a partir do 2<sup>o</sup> Ano (1914) a disciplina de Ginástica ministrada pelo Professor Alberto Krum, na disciplina de Noções de Física e Química do 3<sup>o</sup> Ano (1915) encontramos o Professor João de Pádua Lima e em 1916 no 4<sup>o</sup> Ano para lecionar Música o Professor José de Paula Arantes.

Observamos que não houve alteração no quadro de professores que atuavam na Escola Normal de Casa Branca até 1916, apenas a entrada de professores quando na inclusão de novas matérias, seguindo a grade curricular determinada pela Instrução Pública. Podemos concluir que havia poucas transferências ou saídas de professores, permanecendo o quadro docente por muitos anos.

Foi no Anuário de 1914 (p.61) que a Escola Normal de Casa Branca aparece pela primeira vez, tendo como seu primeiro Inspetor o professor Hélio Penteado de Castro responsável pela 9<sup>o</sup> Zona, que abrangeria as cidades de Amparo, Caconde, Casa Branca, Espírito Santo do Pinhal, Itapira, Mococa,

Mogi Mirim , Mogi Guaçu, Pedreira, Serra Negra, Socorro, São João da Boa Vista e São José do Rio Pardo. No mesmo Anuário (p. 54) observamos a estatística das Escolas Normais do Estado de São Paulo no ano de 1914,

Quadro 16 - Estatística das Escolas Normais em 1914 (Anuários do Ensino de 1914):

| Escola Normal                          | Nº de alunos<br>sexo masculino | Nº de alunos<br>sexo Feminino | Total | Diplomados |
|--|--------------------------------|-------------------------------|-------|------------|
| Secundária da Capital                  | 150                            | 617                           | 767   | 238        |
| Itapetininga                           | 103                            | 146                           | 249   | 34         |
| São Carlos                             | 45                             | 162                           | 207   | 34         |
| Primária Anexa à Secundária<br>Capital | 194                            | 543                           | 737   | 136        |
| Campinas                               | 109                            | 291                           | 400   | 57         |
| Piracicaba                             | 126                            | 223                           | 349   | 66         |
| Guaratinguetá                          | 119                            | 189                           | 308   | 37         |
| Botucatu                               | 72                             | 168                           | 240   | 28         |
| Pirassununga                           | 110                            | 195                           | 305   | 352        |
| Casa Branca                            | 58                             | 106                           | 164   | -          |
| Brás                                   | -                              | 233                           | 233   | -          |
| Total                                  | 1086                           | 2873                          |       | 665        |

Analisando a tabela acima verificamos que houve um crescimento no número de matrículas, sendo 12 alunos na seção masculina e 46 na seção feminina em relação ao registro de matrículas de 1913. Este pequeno número de alunos nos remete ao discurso do professor Boanerges quando relatou que apenas 10 alunos foram aprovados para o segundo ano, nos levando a concluir que o número de matrículas masculinas foi de 48 alunos para este ano.

Encontramos estatísticas anuais das Escolas Normais do Estado de São Paulo, através dela, podemos acompanhar o desenvolvimento da Escola Normal de Casa Branca em relação às outras cidades,

Quadro 17 - realizada nos Anuários do Ensino de 1914 a 1926

| Estabelecimentos                      | Matrículas por ano |      |      |      |      |      |
|---------------------------------------|--------------------|------|------|------|------|------|
|                                       | 1915               | 1916 | 1918 | 1919 | 1922 | 1926 |
| Escola Normal Secundaria da Capital   | 634                | 473  | 373  | 191  | 506  | 550  |
| Escola Normal Secundaria Itapetininga | 284                | 320  | 273  | 188  | 136  | 212  |
| Escola Normal Secundaria São Carlos   | 209                | 222  | 196  | 411  | 146  | 127  |
| Escola Normal Primaria Capital        | 763                | 570  | 487  | 304  | -    | -    |
| Escola Normal Primaria Campinas       | 444                | 407  | 316  | 379  | 133  | 174  |
| Escola Normal Primaria Piracicaba     | 359                | 377  | 306  | 256  | 156  | 160  |
| Escola Normal Primaria Guaratinguetá  | 314                | 341  | 297  | 275  | 176  | 166  |
| Escola Normal Primaria Pirassununga   | 311                | 370  | 272  | 274  | 81   | 11   |
| Escola Normal Primaria Casa Branca    | 198                | 275  | 253  | 245  | 123  | 157  |
| Escola Normal Primaria Botucatu       | 302                | 302  | 215  | 215  | 136  | 116  |
| Escola Normal do Braz                 | 461                | 424  | 435  | 238  | 234  | 279  |

Podemos verificar uma queda no número de matrículas em todas as Escolas Normais do Estado de São Paulo a partir de 1918, com uma melhora no número a partir de 1926, o que nos leva a refletir sobre a redução de matrículas, abrindo para alguns questionamentos, como a falta de interesse, a busca por novas formações. Enfim, apesar de termos pesquisado para o entendimento desta questão, não nos foi possível comprovar tais hipóteses.

No Anuário de 1919 (p. 46) encontramos a estatística dos estabelecimentos anexos a Escola Normal de Casa Branca,

Quadro 18 - Estabelecimentos Anexos a Escola Normal - 1919

| Alunos Matriculados   | Masculino | Feminino | Total | Total das Escolas |
|-----------------------|-----------|----------|-------|-------------------|
| Curso Complementar    | 19        | 45       | 64    | 812               |
| Grupo Escolar Modelo  | 326       | 336      | 662   |                   |
| Escola Isolada Modelo | 45        | 41       | 86    |                   |

Analisando os dados dos Anuários do Ensino, a primeira vez que aparece a Escola Modelo Isolada foi no Anuário de 1916 (p. 187) com os Professores Sr. Adhemar Nogueira Figueiredo e Sra Palmyra de Oliveira.

As escolas modelos anexas foram regulamentadas de acordo com o Decreto n 2.025 de 29/03/1911, que dispõe sobre a conversão das escolas complementares em escolas normais primárias, em seu art.99 que estabelece

para os exercícios práticos de ensino a anexação de um grupo escolar e uma escola isolada de cada sexo as Escolas Normais Primárias, passando a ser identificadas como Modelo: Grupo Escolar Modelo e Escola Modelo Isolada.

Através do decreto n 2.476 de 20/03/1914 o Grupo Escolar da cidade foi anexado a Escola Normal Primária de Casa Branca, quanto à escola isolada não localizamos o decreto que a transformou em Modelo. As escolas modelos continuaram funcionando em seus prédios próprios dirigido por um professor subordinado ao diretor da Escola Normal Primária.

De acordo com os livros, levantamos o número de matrículas de 1913 a 1934, observando que os registros eram feitos separadamente: secção masculina e secção feminina até 1921, acordando com a lei n. 1750 de 08/12/1920, quando os registros passaram a ser realizados na mesma secção, primeiramente os alunos do sexo masculino e logo abaixo as do sexo feminino. Com o levantamento anual de matrículas neste período, podemos acompanhar a evolução das matrículas, de acordo com o quadro abaixo,

Quadro 19 - Quadro de matrículas da Escola Normal compreendidos entre 1913 a 1934:

| <b>ANO</b> | <b>MASCULINO</b> | <b>FEMININO</b> | <b>TOTAL</b> |
|------------|------------------|-----------------|--------------|
| 1913       | 46               | 60              | 106          |
| 1914       | 44               | 45              | 89           |
| 1915       | 33               | 45              | 78           |
| 1916       | 51               | 53              | 104          |
| 1917       | 42               | 45              | 87           |
| 1918       | 16               | 45              | 61           |
| 1919       | 07               | 39              | 46           |
| 1920       | 04               | 18              | 22           |
| 1921       | 12               | 36              | 48           |
| 1922       | 02               | 13              | 15           |
| 1923       | 03               | 24              | 27           |
| 1924       | 08               | 34              | 42           |
| 1925       | 02               | 29              | 31           |
| 1926       | 08               | 51              | 59           |
| 1927       | 05               | 36              | 41           |
| 1928       | 10               | 44              | 54           |
| 1929       | 13               | 85              | 98           |

|      |    |    |    |
|------|----|----|----|
| 1930 | 05 | 47 | 52 |
| 1931 | 12 | 41 | 53 |
| 1932 | 15 | 42 | 57 |
| 1933 | 14 | 52 | 66 |
| 1934 | 20 | 50 | 70 |

Elaboração pessoal baseado no livro de registros de matrículas

Observamos que na seção masculina no passar dos anos há um decréscimo no número de matrículas, porém na seção feminina apesar de algumas oscilações, a média de matrículas cresce durante os anos de 1913 a 1934.

Podemos verificar um crescimento na matrícula feminina em relação à masculina no curso normal, não só em Casa Branca, mas um fator recorrente em todas as Escolas Normais. Segundo Tanuri (2000, p. 67) a entrada feminina nas Escolas Normais se deu nos anos finais do Império, onde já se defendia a idéia que a educação infantil deveria ser-lhe atribuída, uma vez considerada um prolongamento das suas atividades domésticas. Sendo assim a entrada das mulheres no magistério resolveria a falta de mão de obra para o ensino primário, pouco procurado pelo sexo masculino por conta da baixa remuneração. Almeida (1995, p. 685) conclui,

A escola Normal significou a inserção definitiva das mulheres na educação escolarizada, representou a via que estas utilizaram para poder exercer uma profissão e foi determinante no trânsito do sexo feminino do espaço doméstico para o espaço público.(TANURI ,2000, p. 67)

Concordando com Tanuri (2000) sobre o aumento nas matrículas femininas no decorrer dos anos, Souza (1998, p.63) reforça que o mesmo se dava pela necessidade de recrutamento de um grande número de profissionais para atender a educação popular e pelos salários pouco atrativos, e conclui,

De um lado sobressai o apelo à natureza voltada para o cuidado e guarda da criança; assim, o instinto maternal da mulher é o argumento para justificar a sua incorporação nesse campo de trabalho; por outro, podemos perceber nas palavras do parecerista um argumento mais persuasivo de natureza pragmática – a necessidade de suprir trabalhadores em larga escala para uma atividade pouco atrativa.(SOUZA, 1998, p. 63)

Almeida (1995, p. 685) ressalta que as mulheres encontraram na Escola Normal a busca pelo conhecimento e a possibilidade de uma profissão, significando a sua inserção na educação escolarizada, representando a via de acesso ao trabalho e determinante para a transposição da mulher do espaço doméstico para o espaço público.

Através dos livros e registros, levantamos o número de formandos de 1916 (1ª turma) a 1934 (18ª turma), observamos na tabela uma irregularidade no número de concludentes durante os anos, como podemos verificar no quadro abaixo,

Quadro 20 - Quadro de formandos da Escola Normal Primária de 1916 – 1934:

| <b>Ano/ Turma</b> | <b>Diplomados</b>             |
|-------------------|-------------------------------|
| 1916 - 1ª Turma   | 44                            |
| 1917- 2ª Turma    | 35                            |
| 1918 - 3ª Turma   | 35                            |
| 1919 - 4ª Turma   | 53                            |
| 1920 - 5ª Turma   | 45                            |
| 1921 – 6ª Turma   | 54                            |
| 1922 - 7ª Turma   | 38                            |
| 1923 - 8ª Turma   | 21                            |
| 1924 - 9ª Turma   | 30                            |
| 1925 - 10ª Turma  | 13                            |
| 1926 - 11ª Turma  | 10                            |
| 1927 - 12ª Turma  | 18                            |
| 1928 - 13ª Turma  | 5º Ano – 28<br>4º Ano -29     |
| 1929 - 14ª Turma  | 40                            |
| 1930 - 15ª Turma  | 4º Ano - 19<br>3º Ano – 31    |
| 1931              | Não houve formatura<br>(1931) |
| 1932 - 16ª Turma  | 4º Ano – 77                   |
| 1933 - 17ª Turma  | 39                            |
| 1934 - 18ª Turma  | 69                            |

Elaboração pessoal de acordo com livros de formandos

O período onde encontramos um decréscimo considerável de formandos foi entre os anos de 1925 a 1927, quando as matrículas referentes a este período também sofreram uma queda, conforme registro de matrículas destes anos. Tentamos levantar as razões desta queda nas matrículas/formandos neste período, porém não identificamos tais causas.

Foi possível, através dos livros de registros identificar os nomes dos funcionários que atuaram na instituição no período de 1913 a 1928, infelizmente não foram localizados dados referentes ao período de 1929 a 1932. Segue abaixo quadro destes registros,

Quadro 21 - Registro de funcionários da escola Normal de 1913 a 1928,

| Nome                          | Cargo                             | Origem              | Ano  |
|-------------------------------|-----------------------------------|---------------------|------|
| José Avelino Martins Ferreira | Escriturário                      | Rosário – Sergipe   | 1913 |
| Braulino de oliveira Lima     | Continuo                          | Casa Branca – SP    | 1913 |
| Nicanor Pereira da Silva      | Bibliotecário                     | Itapira – SP        | 1913 |
| Francisco Azzi                | Prof de Latim e Literatura        | Casa Branca – SP    | 1913 |
| Alvino Lima                   | Prof Matemática                   | Rosário – Sergipe   | 1913 |
| Theodoro Volponi              | Prof Trabalhos Manuais e Desenho  | São Paulo- SP       | 1913 |
| Alberto Krum                  | Prof. Ginástica                   | Campinas – SP       | 1913 |
| João Dutra                    | Prof. Desenho                     | Rio Claro – SP      | 1913 |
| João de Padua Lima            | Prof. Física e Química            | Casa Branca – SP    | 1915 |
| Moysés Horta de Macedo        | Diretor ( Prof. Geografia)        | Casa Branca – SP    | 1913 |
| Accacio de Paula Ferreira     | Professor                         | Rezende – RJ        | 1913 |
| José de Paula Arantes         | Prof. Música                      | Batataes– SP        | 1917 |
| Flora de Sylos                | Inspetora                         | Casa Branca – SP    | 1918 |
| Adhemar Nogueira Figueiredo   | Prof. Ciências Físicas e Naturais | Casa Branca – SP    | 1919 |
| Palmyra de Oliveira           | Prof. Ginástica                   | Casa Branca – SP    | 1919 |
| Nelson Costa                  | Secretário                        | Casa Branca         | 1919 |
| Messias Vianna                | Porteiro                          | Santa Sapucahy – MG | 1920 |
| João Simões                   | Psicologia e Pedagogia            | Itapitra– SP        | 1920 |
| Amelia Azzi Leal              | Prof. Ginástica                   | Casa Branca – SP    | 1921 |
| José de Oliveira Orlandi      | Prof de Latim e Francês           | São Paulo – SP      | 1921 |

|                                 |  |                    |      |
|---------------------------------|--|--------------------|------|
| Boanerges Nogueira Lima         | Prof. Português                                    | Casa Branca – SP   | 1920 |
| Zacarias Caselli de Carvalho    | Preparador de Física e Química                     | Cajuru – SP        | 1921 |
| Elisario Fernandes de Araujo    | Diretor  | Itararé – SP       | 1921 |
| Herculano de Castro Rodrigues   | Prof. Matemática                                   | Mogi-Mirim - SP    | 1921 |
| Flavia Monzoni                  | Prof Geografia e História                          | Rio Claro – SP     | 1928 |
| Isabel da Silveira Coelho       | Prof Trabalhos Esc Comp.                           | Piracicaba – SP    | 1922 |
| Antonio Alves de Carvalho Rosas | Prof Geografia e História Esc Comp.                | Guaratinguetá – SP | 1922 |
| Izaltino de Mello               | Prof. Português                                    | Cruzeiro – SP      | 1924 |
| Antonio de Padua Dutra          | Prof Desenho                                       | Piracicaba – SP    | 1924 |
| Gastão Strang                   | Diretor  | Campinas – SP      | 1924 |
| Antonio castro Carvalho         | Prof Ginastica                                     | Casa Branca - SP   | 1923 |
| Justino Gomes de Castro         | Prof Música Esc. Comp.                             | Juiz de Fora - MG  | 1923 |
| Dusalina Bossi                  | Servente   | Casa Branca - SP   | 1924 |
| João Horta de Macedo            | Preparador   | Casa Branca - SP   | 1925 |
| Manuelita Musa                  | Inspetora  | Casa Branca - SP   | 1925 |
| Iracema de Carvalho             | Prof Ginastica                                     | Casa Branca - SP   | 1925 |
| Oscar Leme Brisoela             | Prof. Inglês e Francês                             | Itapetininga - SP  | 1925 |
| Fausto Len                      | Diretor  | Amparo – SP        | 1925 |
| Margarida de Barros Penteado    | Professora Esc. Comp.                              | Mogi Mirim - SP    | 1925 |
| Henrique Gaspar Midim           | Prof. Didática                                     | Rio Grande do Sul  | 1925 |
| Victor Santos Cunha             | Prof Esc. Comp.                                    | Mococa – SP        | 1926 |
| Antonio Behnudes de Toledo      | Encarregado do gabinete de Psicologia experimental | Piracicaba – SP    | 1926 |
| Theodomiro Emerique             | Prof Português e Caligrafia                        | Bom Jardim - RJ    | 1927 |
| Luiz Amaral Wagner              | Diretor  | São Paulo – SP     | 1927 |

Elaboração pessoal de acordo com livros de funcionários

Observamos um número pequeno de funcionários e professores da cidade, a Escola Normal de Casa Branca recebeu profissionais de diferentes cidades e regiões. Os cargos atribuídos aos casabranquenses, em grande parte, eram na área de apoio ao administrativo, poucos foram os professores da cidade que atuaram neste período. Podemos atribuir este fator a distancia das escolas para esta formação o que restringia o número de profissionais da área.

Buscamos os registros do quadro de professores da Escola Normal de Casa Branca do ano de 1932, sendo o último registro encontrado deste período sendo eles:

Quadro 22 - Professores da Escola Normal de Casa Branca em 1932:

| Disciplina                     | Professor                       |
|--------------------------------|---------------------------------|
| Português                      | Oscar Leme Brisoel              |
| Francês                        | Francisco Fuginett              |
| Inglês                         | Theodomiro Emerique             |
| Matemática                     | Herculano de Castro Rodrigues   |
| Biologia                       | João de Padua Lima              |
| Física e Química               | Adhemar Nogueira Figueiredo     |
| Geografia                      | Henrique Gaspar Midom           |
| História                       | Antonio Alves de Carvalho Rosas |
| Psicologia e Pedagogia         | João Simões                     |
| Organização Escolar            | Geremias                        |
| Didática                       | Cornelio Martiny                |
| Trabalhos Manuais Masc         | Theophilo Volponi               |
| Trabalhos Manuais Fem          | Isabel Silveira Coelho          |
| Desenho Pedagógico             | Antonio P Dutra                 |
| Música                         | José de Paula Arantes           |
| Ginástica masc                 | Alberto Krum                    |
| Ginástica fem                  | Iracema de Carvalho             |
| Preparador de Física e Química | Antonio Tolósa                  |

Elaboração pessoal de acordo com livros de funcionários

Destes professores atuantes em 1932, poucos estavam no início de sua fundação em 1913, destes destacamos: o professor Theophilo Volponi na matéria de Trabalhos Manuais, em 1914 o professor Alberto Krum na matéria de Ginástica, 1915 o professor João de Pádua Lima na matéria de noções de Física e Química/Biologia e em 1916 o professor de Música José de Paula Arantes. Podemos concluir que os professores acima citados atuaram durante

18 a 19 anos na instituição, o que marca uma estabilidade no quadro de professores.

A Escola Normal de Casa Branca recebia professores, diretores e alunos de várias regiões, assim como formou vários professores que atuaram em diversas regiões, como podemos observar nos quadros acima citado. Identificamos que o primeiro aluno da Escola Normal de Casa Branca Sr. Boanerges Nogueira de Lima, assim que diplomado, assumiu o cargo de professor na própria escola, no curso complementar.

Dentre os funcionários da Escola Normal, os diretores possuíam um papel de destaque na sociedade, consideradas pessoas ilustres, faziam parte do grupo de autoridades da cidade, juntamente com o prefeito, padres, juízes, delegados; desempenhavam além de suas funções administrativas e pedagógicas, exames e festas escolares, também atuavam em eventos da cidade, estando sempre presente nas atividades cívicas, conforme destaca Souza (1998, p. 78),

O Diretor, expoente máximo da autoridade do ensino em muitas cidades, como foi mostrado anteriormente, fazia parte da plêiade de pessoas ilustres da localidade juntamente com o presidente da Câmara, o vigário, o juiz, o delegado. Em nome dessa autoridade legítima, o diretor realizava não apenas exames e as festas escolares de grande visibilidade pública, mas difundia sua ação educadora por meio de conferências públicas. (SOUZA, 1998, p. 78)

Segundo Souza (1998), o cargo de diretor era facultado aos profissionais do sexo masculino, reforçando assim as desigualdades entre os professores do sexo feminino do masculino, conforme já explicitado em outro trecho.

De acordo com Souza (1998) a nomeação do Diretor era feita por livre escolha do governador e recaía sobre professores formados pela Escola Normal do Estado e com experiência no ensino; portanto para a autora,

a autoridade do diretor foi construída sobre a encarnação do poder do Estado, como legítimo representante do governo no âmbito de sua competência. Desta forma, ele deveria ser considerado pelos professores, alunos e comunidade local. (SOUZA, 1998, p. 78)

Em várias notas do jornal local “O Casa Branca” nos deparamos com informações sobre a mudança de diretores, sua participação em eventos cívicos, seções da Câmara Municipal, eventos, entre outros marcando sua relevância para a comunidade local.

Sabendo da sua importância, junto aos livros, fizemos o levantamento dos diretores que atuaram na Escola Normal de Casa Branca no período de 1913 a 1939, sendo eles:

Quadro 23 - Quadro de Diretores de 1913 a 1939

| Diretores                  | Período                    | Diplomou /Turmas                          |
|----------------------------|----------------------------|---|
| Moysés Horta de Macedo     | De 05/04/1913 a 10/02/1921 | 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920             |
| Teodorico de Oliveira      | De 09/02/1921 a 16/05/1921 | -   |
| Elisario Fernandes Araujo  | De 16/05/1921 a 20/02/1924 | 1921, 1922 e 1923                         |
| Gastão Stang               | De 23/02/1924 a 09/02/1925 | 1924                                      |
| Fausto Lex                 | De 25/06/1925 a 26/09/1927 | 1925 e 1926                               |
| Vital Palma e Silva        | De 04/06/1927 a 26/09/1927 | Substituto                                |
| Luiz do Amaral Wagner      | De 03/10/1927 a 03/01/1931 | 1927, 1928, 1929 e 1930                   |
| Júlio de Oliveira Pena     | De 31/01/1931 a 07/01/1932 | -   |
| Caetano José Batista       | De 23/04/1931 a 07/01/1932 | -   |
| Pedro Canavarro da Fonseca | De 08/01/1932 a 04/04/1939 | 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937 e 1938 |

Elaboração pessoal de acordo com livros de funcionários

Verificamos que os Diretores ficavam em seus cargos na média de 3 a 4 anos, sendo sua saída ou transferências noticiados pelos jornais locais e acompanhadas de momentos de despedida e homenagens. Nos livros de registro identificamos as cidades de origem de alguns dos diretores da tabela acima, podemos verificar que a maioria deles veio de outras cidades, como: Itararé/SP, Campinas/SP, Itapetininga/SP, Amparo/SP, Bom Jardim/RJ, no período do recorte feito pela pesquisa, não esteve na direção da Escola Normal Primária nenhum casabranquense.

Podemos destacar a vinda de professores de diversas cidades para lecionar na Escola Normal de Casa Branca, assim como, diretores, funcionários e alunos também vieram de várias cidades da região.

Para a pequena cidade, a criação e instalação da Escola Normal trouxe novos moradores, estudantes e profissionais, dando a ela um novo aspecto cultural, colocando-a em um lugar de destaque regional, segundo os memorialista casabranquenses.

## **2.2. Saberes Escolares**

De acordo com Almeida (1995) as disciplinas do Curso Normal em 1913 seguiam o Decreto n. 2025 de 29/03/1911, quando se converteram as Escolas Complementares em Escolas Normais Primárias.

As Escolas Complementares inicialmente foram implantadas para integrar a formação primária, dividida em elementar e complementar, porém lhe foi atribuído outro objetivo, a de formar professores para as escolas preliminares, de acordo com Tanuri (2000),

Os cursos complementares não se instalaram com o objetivo de integralizar o primário, mas com o objetivo adicional que lhes foi dado de preparar professores para as escolas preliminares, mediante o acréscimo de um ano de prática de ensino nas escolas modelo. (TANURI, 2000, p. 69)

Destaca a autora que com este objetivo adicional atribuído para os cursos complementares, deu-se início a dualidade nas escolas de formação de professores, para ela,

Com isso iniciava-se uma dualidade de escolas de formação de professores, o que foi fundamental para que pudesse expandir o sistema de formação de docentes em proporções significativas para a época e prover o ensino primário de pessoal habilitado. (TANURI, 2000, p. 69)

De acordo com Souza (1998) para atender rapidamente a demanda existente de professores a solução encontrada foi à formação de professores

para as escolas preliminares correspondente ao segundo grau do curso primário, que, concordando com Tanuri (2000) estabeleceu a dualidade na formação,

Para solucionar o problema da necessidade de formação rápida de professores para as escolas preliminares, o governo se utilizou das escolas complementares, correspondentes ao segundo grau do primário, para a formação de professores. Dessa forma, além de descaracterizar completamente a fase complementar do ensino primário, foi estabelecida a dualidade de fato no sistema de formação do magistério – Escola Normal, com um ensino de qualidade superior, e as escolas complementares, com um ensino pouco mais aprofundado que o elementar. (SOUZA, 1998, p.64)

Em 1911, quando então são convertidas as Escolas Complementares em Escolas Normais Primárias pelo Decreto 2.025 de 29/03/1911, são elas reorganizadas e regulamentadas.

Escola Normal Primária de Casa Branca, instalada em 1913, de acordo com o Decreto acima citado, seguiu o quadro de matérias nele determinado:

Quadro 24 - Quadro das Matérias no primeiro ano (1913) – 1º e 2º Anos

| 1º Ano            |                       | 2º Ano   |                       |
|-------------------|-----------------------|--|-----------------------|
| Disciplinas       | N de aulas por semana | Disciplinas                                    | N de aulas por semana |
| Português         | 3                     | Português                                      | 2                     |
| Francês           | 3                     | Francês  | 2                     |
| Aritmética        | 3                     | Aritmética                                     | 3                     |
| Geografia Geral   | 3                     | Álgebra  | 2                     |
| Música            | 2                     | Geometria Plana<br>com Aplicação às<br>Medidas | 2                     |
| Trabalhos Manuais | 2                     | Geografia do Brasil                            | 2                     |
| Desenho           | 2                     | Pedagogia                                      | 3                     |
| <b>Total</b>      | 18 aulas semanais     | Música   | 2                     |
|                   |                       | Trabalhos Manuais                              | 2                     |
|                   |                       | Ginástica                                      | 2                     |

|  |  |              |                      |
|--|--|--------------|----------------------|
|  |  | <b>Total</b> | 22 aulas<br>semanais |
|--|--|--------------|----------------------|

Quadro 25 - Quadro das Matérias no primeiro ano (1913) – 3º e 4º Anos

3º Ano

4º Ano

| Disciplinas                   | N de aulas por semana | Disciplinas  | Número de aulas por semana |
|-------------------------------|-----------------------|--|----------------------------|
| Português                     | 3                     | Português  | 2                          |
| Francês                       | 3                     | Francês  | 2                          |
| Geometria no Espaço           | 2                     | História do Brasil   | 3                          |
| História Universal            | 2                     | História Natural com<br>Aplicação à Agricultura e à<br>Zootecnia | 4                          |
| Noções de Física e<br>Química | 3                     | Pedagogia e Educação Cívica                                      | 6                          |
| Geografia do Brasil           | 2                     | Música   | 2                          |
| Pedagogia                     | 3                     | Trabalhos Manuais ( p/ sexo<br>masc.)                            | 2                          |
| Música                        | 2                     | Trabalhos Manuais ( p/ sexo<br>fem.)                             | 2                          |
| Trabalhos Manuais             | 2                     | Ginástica  | 2                          |
| Ginástica                     | 2                     | Desenho  | 2                          |
| Desenho                       | 2                     | <b>Total</b>   | 27 aulas<br>semanais       |
| <b>Total</b>                  | 24 aulas semanais     |  |                            |

A formação específica dos professores se dava no 2º Ano na matéria de Pedagogia e no 4º Ano na matéria de Pedagogia e Educação Cívica, sendo a formação geral sobrepondo à formação específica, conforme afirma Almeida (1995, p. 683),

Invariavelmente, nas transformações sofridas pelo currículo, a formação geral se impunha à formação específica dos professores e professoras do curso primário. A disciplina Pedagogia ministrada a

partir do 2º ano, era a única responsável pela parte pedagógica do curso, embora no 4º ano estivesse, inexplicavelmente, articulada com educação Cívica. (ALMEIDA, 1995, p. 683)

No Anuário do Ensino de 1915 encontramos no Relatório do Diretor Geral da Instrução Pública a necessidade do aumento de mais anos na formação dos professores para que se conclua o programa sem prejuízo aos alunos e professores,

vence-se o programma, mas o professor, no fim do ano, está exgottado, e o alunno, no fim do curso, com conhecimentos variados, é verdade, mas superficiaes, facilmente apagáveis de sua mente, porque não houve tempo para ahi os fixar, para a precisa assimilação de tudo quanto lhe ensinaram e que elle não pôde aprender..

Os programmas de ensino das nossas Escolas Normaes, como, em regra, todos os nossos programmas de ensino, peccam pela superabundância ; e, assim, ou hão de ser executados mal ou não hão de ser executados. O professor, para não deixar de ensinar aquilo a que é obrigado, há de ensinar mal. O resultado todos os dias estamos vendo: o alunno, tem de se valer de meios menos regulares para a produção das suas provas e, concluído o curso, salvo excepções muito honrosas, são sem o preparo preciso para o exercício do seu cargo e o cumprimento de sua elevada missão social. (Anuário de 1915, pVI e VII)

A preocupação do Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo Sr. Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, estava na duração do curso e no cumprimento dos programas. Porém, em relação à formação profissional e o aumento matérias destinadas a este fim, não há citação no Anuário do Ensino de 1914. Em outro Anuário do Ensino de 1914, também encontramos a mesma preocupação levantada em 1915, quanto ao tempo de duração do curso e seu programa extenso,

O Curso actual é de quatro annos, e o accumulo de matérias, dos respectivos programmas obrigam os alumnos a verdadeiros sacrificios para vencer os programas e isso mesmo, como é fácil de vêr, imperfeitissimo.

O augmento indicado de um anno, no curso, diminuiria é certo, a concorrência de alumnos à matrícula, mas não constituiria inconveniente sério ao desenvolvimento do nosso ensino publico.

Seria, ao contrário, vantajoso. Concorreria para uma benéfica selecção nos concorrentes, permitiria a completa execução, sem atropelos, dos programmas estabelecidos, e garantiria, aos alunos, o tempo sufficiente para o seu preparo theorico e pratico, que hoje não lhes pode ser fornecido, como é preciso, pela carência de tempo. (Anuário de 1914, p. 08)

Em 1920, de acordo com a Reforma da Instrução Pública do Estado de São Paulo (Lei 1.750, 08/12/1920) as Escolas Normais são unificadas (primárias e secundárias), porém a duração do curso permanece com 4 anos.

O curso complementar passa a ser intermediário entre o primário e o normal, segundo Tanuri (2000) passam a ser o elo entre a escola primária e o ingresso a Escola Normal,

A propósito dos cursos complementares, apesar das tentativas realizadas no início da República para a implantação de um primário de longa duração (8 séries), dividido em dois ciclos – elementar e complementar ou superior -, e calcado em modelos europeus, foi somente a partir da segunda década do presente século que os estados brasileiros começaram a instalar cursos complementares e continuação ao primário destinados a funcionar como curso geral básico, de preparação para a escola normal, justapondo-se paralelamente ao secundário...

(...) A criação do curso complementar estabelecia um elo de ligação entre a escola primária e a normal e o ingresso na última passava a exigir maiores requisitos de formação. (TANURI, 2000, p. 70)

A Escola Complementar é aberta anexa a Escola Normal de Casa Branca em 1918, tendo os primeiros professores, de acordo com o Anuário do Ensino de 1919 (p266) e do livro de ponto de 1918, eram eles,

Quadro 26 – Primeiros professores da Escola Complementar

|  |
|--|
| Professor Adhemar Nogueira Figueiredo              |
| Professor Boanerges Nogueira de Lima <sup>16</sup> |
| Professora D. Palmyra de Oliveira                  |
| Professora D. Amélia Azzi Leal                     |

Fonte: Anuário do Ensino de 1919, p. 266 e livro de ponto de 1918

De acordo com a Lei 1.750 de 08/12/1920 – Reforma da Instrução Pública do Estado de São Paulo, em seu artigo 10<sup>o</sup> as escolas complementares

<sup>16</sup> Professor Boanerges Nogueira de Lima foi aluno da primeira turma de formandos da Escola Normal Primária de Casa Branca.

anexas às escolas normais teriam a duração de três anos com as seguintes matérias:

Quadro 27 – Matérias das Escolas Complementares

| Materias                      | Nº aulas |
|-------------------------------|----------|
| Língua vernácula e caligrafia | 11       |
| Francês e noções de Latim     | 11       |
| Geografia e História          | 9        |
| Matemática e Logicidade       | 8        |
| Ciências Físicas e Naturais   | 7        |
| Música                        | 6        |
| Desenho                       | 6        |
| Trabalhos                     | 6        |
| Ginástica                     | 8        |

Para Tanuri (2000) “os cursos complementares em continuação ao primário, destinado a funcionar como curso geral básico, de preparação para a Escola Normal, justapondo-se paralelamente ao secundário”, introduzia uma bifurcação nos estudos após a escola primária, uma destinada para a Escola Normal e outra para o ensino superior, segunda a autora, este último de caráter elitizante.

O curso complementar, para Tanuri (2000), era uma “espécie de primário superior, propedêutico à Escola Normal, de duração, conteúdo e regime de ensino interiores ao secundário”, proporcionando uma melhor formação para os candidatos a Escola Normal, como pudemos observar no quadro acima de suas matérias.

No livro de matrícula, registro de notas, comparecimento e resultado dos alunos da Escola Complementar anexa a Escola Primária levantamos a quantidade de alunos matriculados de 1918 a 1932,

Quadro 28 - Quadro de matrículas do Curso Complementar:

| <b>ANO</b> | <b>Masculino</b> | <b>Feminino</b> | <b>Total</b> |
|------------|------------------|-----------------|--------------|
| 1918       | 10               | 27              | 37           |
| 1919       | 13               | 28              | 41           |
| 1920       | 18               | 41              | 49           |
| 1921       | 15               | 27              | 42           |
| 1922       | 8                | 37              | 45           |

|      |    |    |    |
|------|----|----|----|
| 1923 | 13 | 48 | 61 |
| 1924 | 13 | 45 | 58 |
| 1925 | 11 | 34 | 45 |
| 1926 | 12 | 33 | 45 |
| 1927 | 16 | 44 | 60 |
| 1928 | 31 | 63 | 94 |
| 1929 | 14 | 36 | 50 |
| 1930 | 41 | 49 | 90 |
| 1931 | 14 | 51 | 65 |
| 1932 | 22 | 60 | 82 |

Elaboração pessoal de acordo com livro do Curso Complementar

Observamos no quadro acima um crescimento considerável em relação às matrículas de 1918 a 1932, como nas Escolas Normais, o número de alunas também é superior ao número de alunos, mantendo-se a média de 17 alunos por ano.

Com a reforma da Instrução Pública de 1920, o quadro curricular das Escolas Normais, apresentava as seguintes matérias:

Quadro 29 - Quadro das Matérias em 1920:

| Disciplinas  | Nº de aulas semanais |
|--|----------------------|
| Português  | 08                   |
| Latim  | 06                   |
| Literatura   | 03                   |
| Francês  | 06                   |
| Matemática   | 06                   |
| Física e Química   | 06                   |
| Biologia vegetal e animal, higiene e anatomia e fisiologia humanas | 06                   |
| Geografia, Cosmografia e chorografia do Brasil                     | 05                   |
| História do Brasil e Geral   | 05                   |
| Psicologia e Pedagogia   | 07                   |
| Prática Pedagógica   | 10                   |
| Música   | 08                   |
| Desenho  | 08                   |
| Ginástica  | 11                   |

Por ano, o quadro curricular é discriminado no Anuário do Ensino de 1920/ 1921 (p. 197), conforme a Lei n 1.750 de 30 de maio de 1920 – Reforma da Instrução Pública, o quadro curricular das escolas normais passam a ser:

Quadro 30 - Quadro de matérias de 1920 – 1º e 2º Anos

| 1º Ano                  |                      | 2º Ano                 |                      |
|-------------------------|----------------------|------------------------|----------------------|
| Disciplinas             | Nº de aulas semanais | Disciplinas            | Nº de aulas semanais |
| Português               | 3                    | Português              | 3                    |
| Latim                   | 2                    | Latim                  | 2                    |
| Francês                 | 3                    | Francês                | 3                    |
| Matemática              | 4                    | Matemática             | 2                    |
| Geografia e Cosmografia | 3                    | Chorographia do Brasil | 2                    |
| História do Brasil      | 2                    | Física                 | 3                    |
| Desenho                 | 2                    | Desenho                | 2                    |
| Música                  | 2                    | Música                 | 2                    |
| Ginástica               | 3                    | Ginástica              | 3                    |
| TOTAL                   | 24 aulas             | Prática Pedagógica     | 2                    |
|                         |                      | TOTAL                  | 24 aulas             |

Quadro 31 - Quadro de matérias de 1920 – 3º e 4º Anos

| 3º Ano                                  |                      | 4º Ano                         |                      |
|---|----------------------|--------------------------------|----------------------|
| Disciplinas                             | Nº de aulas semanais | Disciplinas                    | Nº de aulas semanais |
| Português                               | 2                    | Língua Vernácula               | 3                    |
| Latim                                   | 2                    | Higiene                        | 2                    |
| Química                                 | 3                    | História Geral                 | 3                    |
| Anatomia e Fisiologia Humana e Biologia | 4                    | Pedagogia                      | 4                    |
| Psicologia                              | 3                    | Didática (Regência de Classes) | 5                    |
| Desenho                                 | 2                    | Desenho                        | 2                    |
| Música                                  | 2                    | Música                         | 2                    |
| Ginástica                               | 3                    | Ginástica                      | 2                    |
| Prática Pedagógica                      | 3                    | TOTAL                          | 23 aulas             |
| TOTAL                                   | 24 aulas             |                                |                      |

Analisando o quadro curricular, percebemos que os conhecimentos gerais ainda se sobrepõem ao específico, não lhes davam a formação necessária para a função de professor, conforme afirma Anísio Texeira,

As escolas normaes soffrem igualmente desse vício de constituição. Pretende ser, ao mesmo tempo, escolas de cultura geral e de cultura profissional, falham lamentavelmente aos dous objetivos. (TEXEIRA,1932)

Depois da Primeira Guerra e se estendendo por toda década de 1920 a educação passa a ser uma preocupação em âmbito nacional e internacional, a divulgação dos princípios e fundamentos do movimento escolanovista fundamentou as reformas estaduais do ensino primário e normal, levantando reflexões críticas sobre os padrões das escolas normais da época, segundo Tanuri (2000 ,p. 70),

As críticas já antigas sobre o reduzido caráter profissional das escolas normais e a predominância dos estudos de cultura geral em seu currículo ganhavam maior ênfase, num momento em que a “nova” orientação do ensino requeria conhecimentos sobre o desenvolvimento e a natureza da criança, os métodos e técnicas de ensino a ela adaptados e os amplos fins do processo educativo.(TANURI, 2000, p. 70)

Segundo Monarcha (1999) durante a década de 20 aprofundaram os conflitos entre as gerações normalistas, em relação às mudanças nos hábitos, roupas e comportamentos. Para ele,

No decurso da década de 1920, aprofundam-se os conflitos entre essas gerações. Relativamente coesos, os novos criticam a cultura acadêmica oficial julgada demasiadamente estreita e proclamam a morte da tradição jurídica, científica e liberal do século XIX, considerando-a incapaz de representar de forma satisfatória a turbulência da vida urbano-industrial. (MONARCHA, 1999, p. 290)

Seguindo as mudanças, outra Reforma da Instrução ocorreu em 1925, (decreto n 3.858 de 11/6/1925), os cursos da Escola Normal passam para 5 anos, com as seguintes Matérias,

Quadro 32 - Quadro das Matérias em 1925 – 1º e 2º Anos

1ºAno

2ºAno

| Disciplinas | Nº de aulas por | Disciplinas | Nº de aulas por |
|-------------|-----------------|-------------|-----------------|
|-------------|-----------------|-------------|-----------------|

|  | semana            |                               | semana            |
|--|-------------------|-------------------------------|-------------------|
| Português e Caligrafia                                   | 3 aulas           | Português e Caligrafia        | 3 aulas           |
| Francês  | 4 aulas           | Francês                       | 3 aulas           |
| Geografia da America e especialmente Geografia do Brasil | 3 aulas           | Cosmografia e Geografia Geral | 3 aulas           |
| Aritmética e Álgebra                                     | 5 aulas           | Álgebra                       | 2 aulas           |
| Desenho (M/F)  | 3 aulas           | Geometria                     | 3 aulas           |
| Trabalhos Manuais (M/F)                                  | 2 aulas           | Física                        | 3 aulas           |
| Musica   | 2 aulas           | Desenho (M/F)                 | 2 aulas           |
| Ginástica (M/F)  | 2 aulas           | Trabalhos Manuais (M/F)       | 1 aulas           |
| Total  | 24 aulas semanais | Musica                        | 2 aulas           |
|  |                   | Ginástica (M/F)               | 2 aulas           |
|  |                   | Total                         | 24 aulas semanais |

Quadro 33 - Quadro das Matérias em 1925 – 3º e 4º Anos

3ºAno

4ºAno

| Disciplinas                  | Nº de aulas por semana | Disciplinas                                   | Nº de aulas por semana |
|------------------------------|------------------------|---|------------------------|
| Português e Literatura       | 2 aulas                | Português e Literatura                        | 2 aulas                |
| Latim                        | 2 aulas                | Latim   | 2 aulas                |
| Inglês                       | 2 aulas                | Inglês  | 2 aulas                |
| História da Civilização      | 4 aulas                | História da América e especialmente do Brasil | 3 aulas                |
| Geometria Plana e no espaço  | 2 aulas                | Química (sendo 1 aula prática)                | 2 aulas                |
| Física e Química             | 3 aulas                | Biologia                                      | 2 aulas                |
| Anatomia e Fisiologia Humana | 3 aulas                | Didática                                      | 2 aulas                |
| Desenho                      | 2 aulas                | Psicologia                                    | 3 aulas                |
| Trabalhos Manuais            | 2 aulas                | Desenho                                       | 2 aulas                |
| Música                       | 1 aula                 | Trabalhos Manuais                             | 1 aula                 |
| Ginástica                    | 1 aula                 | Música  | 1 aulas                |
| Total                        | 24 aulas semanais      | Ginástica                                     | 2 aulas                |
|                              |                        | Total   | 24 aulas semanais      |

Quadro 34 - Quadro das Matérias em 1925 – 5º Ano

5º Ano

| Disciplinas             | Nº de aulas por semana |
|-------------------------|------------------------|
| História da Língua      | 2 aulas                |
| Latim                   | 2 aulas                |
| Inglês                  | 2 aulas                |
| Higiene                 | 2 aulas                |
| Noções de direito usual | 2 aulas                |
| Pedagogia               | 3 aulas                |
| Didática                | 4 aulas                |
| Desenho                 | 2 aulas                |
| Trabalhos Manuais       | 2 aulas                |
| Música                  | 1 aula                 |
| Ginástica               | 1 aula                 |
| Total                   | 24 aulas semanais      |

Mesmo com a Reforma da Instrução Pública de 1925, podemos verificar no quadro curricular se mantém com as mesmas características, priorizando a formação geral, tendo como disciplinas para a formação pedagógica no 4º e 5º ano, apesar do aumento de 1 ano na formação.

Em relação aos saberes escolares, poucos documentos foram encontrados referentes ao material utilizado pelos alunos e professores durante o período de 1913 a 1932 no arquivo da Escola.

Nos arquivos da Escola Normal encontramos somente alguns cadernos utilizados pelos alunos durante os seus primeiros anos, o que não nos possibilitou um levantamento mais significativo deste período.

Dos materiais encontrados da Escola Normal de 1912 a 1934, registramos:

- o caderno de texto poético em português e francês utilizado em 1917 do aluno Luiz Martins Manaia:



Figura 7 - Cadernos do Arquivo da Escola Normal (1)

- o caderno de desenho e cartografia da aluna Adalgisa Carvalho (não identificado o ano):



Figura 8 - Cadernos do Arquivo da Escola Normal (2)

Na tabela abaixo discriminamos os materiais encontrados do período de 1913 a 1932 no arquivo permanente e no Museu Professora Conceição Paschoal da Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho,

Quadro 35 - Material do acervo de 1913 a 1934:

| Material                                  | Ano   |
|---|---|
| Livro de Ponto                            | 1913; 1915 -1917; 1917-1919 ; 1919 – 1920; 1921 – 1923; 1926 – 1927; 1930 – 1931; 1932. |
| Livro de Inventário                       | 1935  |
| Livro de Matrícula                        | 1913; 1918; 1917 – 1926; 1925 – 1926; 1925 – 1932; 1934                                 |
| Registro de Notas                         | 1913  |
| Registro de notas de Suficiência          | 1913 – 1933   |
| Registro de Notas Escola complementar     | 1918 – 1920   |
| Registro de Penas                         | 1913  |
| Livro de Matrículas Escola Complementar   | 1918 – 1919   |
| Atas de Exame                             | 1914  |
| Livro de Notas e Faltas                   | 1916  |
| Livro de registro de Faltas               | 1913  |
| Livro do Tombo (Biblioteca)               | 1913  |
| Álbuns de fotos de formandos              | 1925; 1927; 1928;1929; 1930   |
| Discurso Dr. Francisco Thomaz de Carvalho |   |

Elaboração pessoal de acordo com as fontes encontradas nos arquivos da Escola Normal

Dos livros didáticos utilizados deste período, encontramos sob a guarda da diretora da escola<sup>17</sup> a coleção “Flora brasiliensis” que foi doada para a biblioteca da Escola Normal em 1913. O pedido da doação da coleção foi

<sup>17</sup> Antiga Escola Normal Primária de Casa Branca que recebeu o nome “Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho” em 1996. A escola abriga os arquivos da Escola Normal Primária e o Museu Professora Conceição Paschoal.

encontrado no mês de outubro de 1913, no Livro de Atas da Câmara Municipal de Casa Branca, feito pelo Diretor Moysés Horta a Câmara Municipal.

A Coleção “Flora brasiliensis” é resultado da expedição de Spix e Martius, que chegaram ao Rio de Janeiro em 1817 juntamente com um grupo de naturalistas e cientista, parte da Missão Austríaca, percorreram 10.000km durante 3 anos passando por quase toda vegetação brasileira, registrando em pranchas a vegetação brasileira,

A **Flora brasiliensis**, patrocinada pelos imperadores da Áustria e do Brasil e pelo rei da Bavária, foi produzida na Alemanha entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friedrich Philipp von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, com a participação de 65 especialistas de vários países.

A obra contém tratamentos taxonômicos de 22.767 espécies, a grande maioria de angiospermas brasileiras, reunidos em 15 volumes divididos em 40 partes, num total de 10.367 páginas.

Além das descrições taxonômicas (em latim), a Flora brasiliensis contém 3.811 litografias de altíssima qualidade, muito ricas em detalhes, que são de grande ajuda na identificação de espécies.

(Flora Brasiliensis, cria, <http://florabrasiliensis.cria.org.br/project>)

Dentre os materiais do arquivo da escola, destacamos o livro de Registro de Penas aberto em maio de 1913, nele encontramos os registros das relações entre os alunos indisciplinados e a instituição. Composto por registros manuscritos pelo secretário da escola traz na sua escrituração ocorrências cometidas pelos alunos, como atrasos, indisciplinas, desobediências sempre acompanhadas com uma advertência ou punição. Relevante ressaltar que os registros destas penas foram realizados por pessoas encarregadas de manter a ordem e a organização da instituição, o que pode ou não estar carregado de subjetividade, do olhar de quem as registra.

Transcreveremos a primeira ocorrência do Livro de Registros de Penas do dia 09 de agosto de 1913,

Aos nove de agosto de ,Il novecientos e treze foi reprehendido, em aula, de conformidade com a letra b, 1º art.588, por desobediência ás ordens da Directoria d’esta Escola o alunno Miguel Romeiro Pinto.

Secretaria da Escola Normal Primaria de Casa Branca. Eu Theophilo Ottoni Prereira da Motta, secretario, o escrevi.

O Director

Moysés H. Macedo

Para Honorato (2007) “A relação entre os comportamentos dos representantes legais da escola e dos alunos legitima as normas do exercício de poder” e esclarece,

O poder é mais do que um documento legal que marca o corpo do aluno, torna o inconveniente em indisciplinado ou demonstra o excessivo poder daquele que pune, que preserva a ordem, isto é, do diretor soberano. O poder aparece como relacional nas configurações inesperadas do cotidiano da escola. É a partir das manifestações de poder que se consegue visualizar o que era um comportamento indisciplinado. (HONORATO, 2007, p. 6)

O livro de Registro de Penas respeitando o Decreto n.2.225 de 16/04/1912, o qual regulava em seu artigo 588 as faltas disciplinares nas escolas normais do estado, determinava quais eram as faltas disciplinares e suas sanções,

**DECRETO N. 2.225, DE 16 DE ABRIL DE 1912**

**Artigo 588.** - Serão consideradas faltas disciplinares alumnos das escolas normaes do Estado:

- a) promover reuniões e palestra nos corredores ou nellas tomar parte;
- b) conservar o chapéo na cabeça ou funar dentro do edificio;
- c) deixar de observar as determinações do director e demais funcionarios, relativas á ordem interna do estabelecimento;
- e) occupar-se, durante as lições e exercicios, com quaequer trabalhos extranhos aos deveres escolares (Lei n. 1311, art. 18 Decr.n.397,art.19)

§ 1.º - Os alumnos das escolas normaes ficarão sujeitos ás seguintes penas disciplinares, sempre proporcionadas gravidade das faltas, depois de reconhecidos improficuos os meios suasórios:

- a) advertencia reservada ;
- b) reprehnsão em aula;
- c) redução até metade do numero de faltas estabelecidas para efeito da perda do anno ;
- d) exclusão da escola por um anno, quando a falta na escola ou fóradella, consistir em apodos, invectivas ameaças, assuadas ou vaias ;
- e) exclusão da escola por dois annos, si o facto consistir em injurias ou calumnias, tanto verbaes como escrptas ou impressas, tentativa de agressão ou violencia contra qualquer funcionario da escola ou alumno;
- f) exclusão definitiva da escola, quando a agressão ou violencia se realizar ou a falta consistir em offensa á moral;
- g) retenção do diploma por um ou dois annos, nos casos previstos de exclusão, quando não seja mais possivel a applicação desta pena (Lei n. 1311, art. 19; Descr. n. 397, art. 20).

§ 2.º - De todas as condenções ou imposições de penas, com excepção da de advertencia reservada, se fará o registo no livro para esse fim destinado (Lei n.1311, art. 21; Decr. n. 397, art.22).

§ 3.º - Aos alumnos indisciplinados, cujos nomes constarem do referido livro, poderá o director negar consentimento para matricula no anno seguinte, si forem incorrigiveis, e recorrer ex-officio do seu acto para o Secretario do Interior, dando os fundamentos de sua decisão. (Lei n. 1311, art. 21 § unico; Decr. n. 397, art .22, § unico).

De acordo com inscritos no Livro de Registros de Penas foram no ano de 1913 seis ocorrências registradas, sendo quatro por indisciplina letra “B” do 1º parágrafo do artigo 588) e duas por redução de faltas (letra “C” do 1º parágrafo do artigo 588) de acordo com a legislação acima citada.

Em 1916 encontramos nas ocorrências a primeira exclusão de um aluno por um ano, sendo os motivos não registrado neste livro; outro registro que destacamos foi a punição aplicada os alunos que não compareceram no evento cívico da escola (letra “C” do 1º parágrafo do artigo 588), demonstrando a importância dada a estes eventos para o Regime Republicano e suas representações atribuídas na relação educação-cidadania.

O Livro aberto em 1913 não foi encerrado, porém seus registros foram até em 1960 com aproximadamente 134 ocorrências, entre elas advertências, suspensões, expulsões.

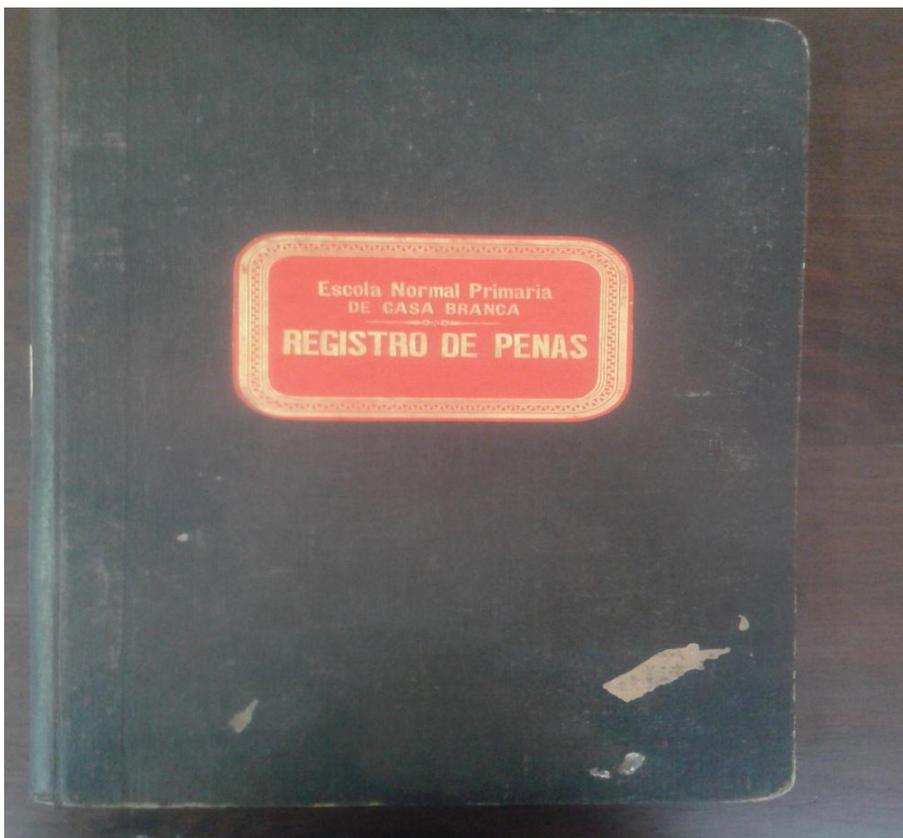


Figura 9 - Livros de Registro de Penas - Museu da Escola Normal Primária

A pesquisa referente aos saberes escolares foi prejudicada com o descarte realizado durante anos destes materiais pela escola, sem a utilização de critérios legais para a sua eliminação, muitas fontes foram eliminadas, prejudicando a pesquisa de historiadores, professores e até mesmo de alunos em suas atividades escolares.

É necessário um trabalho junto às escolas para que reconheçam a importância destes registros, juntamente com a criação de políticas públicas que resguardem estes documentos históricos para a construção da sua memória.

Para Vidal (2005) deve haver um diálogo entre a história de educação, arquivística e a museologia, para se estabelecer a guarda ou o descarte, segundo ela

o estabelecimento de critérios de guarda e descarte se faz necessário, na compreensão de que tudo preservar é impossível, o que supõe a ativação de um diálogo constante e profícuo entre a história da educação, a arquivística e museologia., (VIDAL, 2005, p 25)

De acordo com a autora, os documentos referentes ao registro da vida escolar dos alunos e professores são mantidos pelas secretarias com muito cuidado em arquivos correntes, atualizados frequentemente. Em relação aos documentos históricos e de atividades pedagógicas geralmente são acumulados em arquivos “mortos”, depósitos onde acumulam documentos não mais necessários à administração, onde ficam armazenados de maneira incorreta, expostos a umidade, mofo, sem a preocupação de organização e de preservação. Em virtude desta má conservação, estes documentos encontram a lixeira o seu destino, sendo esta a realidade encontrada nos arquivos da Escola Normal de Casa Branca.



Figura 10 - Livros de Registros da Escola Normal Primária – Museu da Escola Normal Primária

Podemos observar na foto acima que infelizmente os livros, apesar de estarem no Museu da escola, se encontram danificados pela ação do tempo e pela forma de acesso e manuseio dos mesmos. Inexiste um trabalho de um profissional habilitado para fazer a conservação e organização dos mesmos; apesar do esforço da nova direção, de professores e colaboradores na

montagem do arquivo no Museu da escola. Estas fontes expostas à ação do tempo e a falta de orientação na sua conservação, nos leva a considerar que estarão depreciadas com o passar dos anos, dificultando as futuras pesquisas na área.

Os materiais encontrados nas dependências da antiga Escola Normal foram identificados e catalogados, estando grande parte a disposição no Museu da escola para a produção de novas pesquisas na áreas.

Neste capítulo, pudemos acompanhar as alterações no sistema de ensino e seus reflexos nas Escolas Normais do Estado de São Paulo. Apesar de todas as mudanças propostas na sua estruturação, os conteúdos ainda continuavam predominantemente enciclopédico, faltando-lhes a formação pedagógica e profissional.

Com o acervo comprometido não nos foi possível identificar os modelos pedagógicos utilizados na formação dos professores, assim como a influência direta das alterações no sistema de ensino que ocorreram no período pesquisado.

### **2.3. Práticas Escolares**

Classificaremos como práticas escolares todas as atividades desenvolvidas pelos alunos da Escola Normal, tais como: formaturas, festas cívicas, festejos, bailes, jogos, visitas escolares, inspeções e exposições.

Para Nóvoa (1992) as instituições escolares possuem uma cultura interna inserida em uma cultura externa ainda maior, e, é através da sua cultura interna é que podemos conhecer seus valores, ideais sociais e suas crenças. Portanto conhecer suas atividades, suas práticas nos aproxima da interpretação da sua cultura interna.

Dentre as atividades desenvolvidas, destacaremos a cerimônia de formatura da primeira turma da Escola Normal de Casa Branca que aconteceram nos dias 25, 26 e 27 de novembro de 1916, considerando o envolvimento da comunidade escolar e local neste evento.

Para esta formatura da Escola Normal de Casa Branca foi encaminhado a Câmara Municipal em 10 de outubro de 1916 (página 44, verso) um requerimento da “Comissão de Festejos dos Professorandos” solicitando auxílio para os festejos, ficando o Prefeito Municipal autorizado a resolver, porém não encontramos o registro deste auxílio. Contudo encontramos em atas em diferentes anos mesmo pedido de auxílio para os festejos de formatura e o auxílio concedido

A formatura ocorreu durante três dias no mês de novembro de 1916, conforme registra a revista “A Cigarra” em fotos especialmente tiradas para a edição.



Figura 11 - Foto de Grupo de na frente da casa do Sr. Francisco Thomaz de Carvalho, Comitiva do Sr. Presidente do Estado e diretório político de São José do Rio Pardo (Arquivo pessoal – Boanerges Carvalho de Lima)



Figura 12 – Formandas de 1913 na residência do Sr. Coronel Albano, durante o baile realizado em homenagem ao Dr. Altino Arantes e Oscar Rodrigues Alves (Arquivo pessoal – Boanerges Carvalho de Lima)

Como podemos observar nas fotos acima, as cerimônias contavam com a presença da comitiva do Sr. Presidente do estado, políticos da região, além dos formandos, familiares, professores e membros da sociedade casabranquenses, citadas como “pessoas gradas” pela “Revista Cigarra”. Considerada um evento social e político, a formatura mobilizava as mídias escritas da região.

Como paraninfo da primeira turma foi eleito o Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, o que, para o memorialista Thomaz (1965) a escolha demonstrava a gratidão pela dedicação e esforço deste político para a criação da Escola Normal nesta cidade, referindo-se a escolha como merecida homenagem,

De fato! “A escolha não podia ter sido mais acertada e feliz”, repetindo as expressões do articulista do jornal “A Tribuna”.

Francisco Thomas de Carvalho eleito da primeira turma de sua Escola, recebendo dos primeiros professorandos justa e merecida homenagem, chefe político e deputado Estadual, quis, na oportunidade e na época, dar a sua Escola, o prestígio que convinha ter uma escola nascente, uma instituição que vinga servir a uma região, servir sua cidade, modificando seu feitio e servir, principalmente, sua gente, possibilitando a todos, sem distinção de classe social, além de educação e cultura, também um meio de vida.(Thomaz, 1965, p. 49)

Para prestigiar a primeira turma de professores, segundo o memorialista Thomaz (1965, p. 50), Dr. Francisco Thomaz de Carvalho com o seu prestígio político de chefe político e Deputado Estadual reuniu em Casa Branca sua Excelência Sr Presidente do Estado Dr. Altino Arantes e Secretários, Deputados Estaduais e Federais, diretórios, políticos, jornalistas e cronistas.

Descreve o memorialista Thomaz (1965) a programação da primeira formatura de acordo com a Comissão organizadora,

O PROGRAMA – Festejos que deverão se realizar nesta cidade por ocasião da formatura dos primeiros professorandos da Escola Normal Primária de Casa Branca:

Dia 25 :

Às 10 horas e 30 minutos, terá início, na Igreja Matriz, uma missa solenne, rezada pelo paranympo eclesiástico dos Professorandos, Rev.Padre Telles de Santana, em acção de graças pela feliz e auspiciosa formatura dos novos professores.

Por essa ocasião, o paranympo eclesiástico ocupará a tribuna sacra, proferindo um sermão allusivo à solenidade.

Dia 26 :

Às 6 horas e 30 minutos da manhã, deverão partir desta cidade os membros da Câmara Municipal, que incorporados, irão a estação da

Baldeação receber o Dr. Presidente do estado e sua Comitiva e acompanhá-los até Casa Branca.

**Às 9 horas da manhã chegará a esta cidade o trem especial conduzindo o Chefe do Estado e a sua Comitiva, que serão recebidos na Estação pelas Autoridades da Comarca e do Município, pelo corpo Administrativo Docente e Discente da escola Normal e pelo Povo, tocando a banda de Musica da Força Publica, sob a regência do Maestro Tenente Lorena.**

A chegada do trem será anunciada por uma salva de 21 tiros.

Na estação será organizado um cortejo, que, em marcha lenta e acompanhado por todos que comparecerem, **conduzirão o dr. Presidente do Estado e seus dignos Secretários até o palacete do Exmo Sr. Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, à Rua Cap. Horta, nº 1, onde serão is mesmos hospedados.**

Itinerário: Largo da estação, Rua Cel.JoséJulio, Travessa das Palmeiras e Rua Cap. Horta.

Às 11 horas, depois de ligeiro descanso, sua Excia ,o Dr. Presidente do Estado, com sua comitiva e autoridades locais, fará um pequeno passeio pela cidade, visitando os edifícios do Grupo Escolar, Escola Modelo, Escola Normal, Igreja Matriz, Santa Casa e Forum. Por ocasião da visita à escola Normal, será feita, no salão nobre, a inauguração do retrato do Senador Lacerda Franco, oferecido aquelle estabelecimento de ensino pelo Deputado Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho.

Fará entrega do retrato, em nome do offerante, o Dr. F. Nogueira de Lima..

Às 12 horas o Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, Deputado Estadual, oferecerá em seu palacete um almoço intimo aos Exmo. Srs. Drs. Altino Arantes, Presidente do Estado, Oscar Rodrigues Alves, Secretário do Interior e Eloy Chaves, Secretário da Justiça e Segurança Publica.

Às 15 horas, no "Theatro Flor", **o Dr. Presidente do Estado procederá a solenne entrega dos diplomas aos professorandos**, sendo observado o seguinte programa:

1º- Entrada do chefe do Estado e Secretários.

2º – Hynno Nacional

3º – Abertura da Sessão

4º – Entrega dos Diplomas

5º – Discurso do Paranympo Dr. Francisco Thomaz de Carvalho

6º – Discurso da professoranda Iracema de Carvalho

7º – Discurso do Professorando José Nogueira de Barros

8º – Encerramento

9º – Hynno Nacional

Notas: Durante a solenidade tocará um sexteto, sob a regência do Professor Spirandelli, que executará números escolhidos do seu repertório...

...Às 18 horas, após a solenidade da distribuição de diplomas, a Comissão de Festejos, oferecerá, às creanças, no mesmo “Theatro Flor”, uma sessão cinematographica, com films escolhidos, sendo distribuídos finos bombons. Entrada franca.

A essa hora a banda musical da Fôrça Publica, sb a regência do Maestro Tenente Lorena, dará, no Coreto do Jardim da Praça Barão de Mogy-Guassu, um concerto dedicado ao povo de Casa Branca, cujo o programa será distribuído opportunamente.

Às 19 horas, no palacete do Sr. Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, o Directorio Republicano local oferecerá um banquete ao Exmo Sr. Dr. Presidente do Estado, para o qual serão convidados a Comitiva Presidencial, as Autoridades da Comarca e as do Município de Casa Branca, havendo apenas dois discursos: do dr. Thomaz de Carvalho, Presidente do Directorio, oferecendo o banquete ao Dr. Altino Arantes e este respondendo.

Às 21 horas partirá do jardim Publico da praça Barão de Mogy-Guassu uma imponente marcha auxflambeaux. O povo de Casa Branca acompanhado por duas bandas de musica locaes, em significativa demonstração de regosijo, irá cumprimentar o Sr. Presidente do Estado, falando por essa ocasião, em nome dos manifestantes, o Dr. Sebastião Nogueira Lima.

Às 22 horas terá início na residência do exmo. Sr. Cel. Vicente Albano, à Praça Barão de Mogy-Guassu, n.11, um baile promovido pelos novos professores, em regosijo a conclusão de seu curso Normal.

Nessa mesma noite, o Dr. Presidente do Estado e a sua Comitiva regressarão para a Capital, em trem especial, que deverá partir desta cidade nas primeiras horas da madrugada.

Dia 27: Às 13 horas, no Salão Nobre da Escola Normal, realizar-se-à uma sessão solenne para entrega do quadro da primeira turma de Professores, oferecido pelos mesmos, à Escola Normal e encerramento da exposição de Trabalhos da Escola.

Será observado o seguinte programa:

1º – Abertura da sessão pelo Diretor da Escola.

2º – Discurso do Professor Boanerges Nogueira de Lima, oferecendo o quadro da turma à Escola.

3º – Hynno Nacional pela orchestra.

4º - Discurso do Diretor da escola, recebendo o quadro

5º – Encerramento.

Às 17 horas e meia o dr. Francisco Thomaz de Carvalho offerecerá em seu palacete, à Rua cap. Horta, nº 1, um “Five o clocktea”, ao Corpo Aministrativo e Docente da escola Normal, bem como à 1ª Turma de professores de 1916, da qual é paranympho...

...O presente programma foi aprovado officilmente e só poderá ser alterado por motivo de força maior e com prévia autorização, esperando-se que a população de Casa Branca empregará, na medida do esforço de cada um, o louvável empenho em cumpril-o fielmente e bem concorrer para o maior realce dos festejos, patenteando a sua satisfação pela honrosa visita do Chefe do estado a Casa Branca, que saberá promover uma recepção digna de seus illustres hospedes e de sua intelligente e educada população.

Casa Branca, 15 de Novembro de 1916

A commissão.

F. Nogueira de Lima.

João Rabello Cintra.

Boanerges Nogueira de Lima (Thomaz, 1965, p. 50)

Destacamos acima a chegada do Presidente do Estado de São Paulo e sua comitiva, que vieram especialmente para a solenidade de Formatura da primeira turma de formandos da Escola Normal de Casa Branca. Ressaltamos a hospedagem do Sr. Presidente do Estado e sua comitiva no “palacete” do Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, o que podemos concluir sua proximidade ao governo e sua importância na política do Estado.

Podemos apontar o extenso programa de formatura que seguiu uma programação minuciosa, distribuída em vários horários e três dias, iniciando no dia 25 de novembro com a missa solene na Igreja Matriz com o paraninfo eclesiástico Rev. Padre Telles de Santana, seguido pela recepção do Presidente do Estado e sua Comitiva, visitas a edifícios públicos, almoços, banquetes, apresentações de bandas de musicais, baile de formatura e encerrando com a entrega para a Escola Normal o quadro dos primeiros formandos.



Figura 13 - Quadro entregue no último dia da cerimônia de Formatura de 1913

Quadro docente, discente e administrativo - Museu da Casa da Cultura

De acordo com memorialista Thomaz (1965, p. 53), foram distribuídos convites especiais para o baile em letras douradas e prateadas, os convites da missa e entrega de diplomas foram encaminhados separadamente, assim redigidos,

#### BAILE

Exmo. Snr.

A Comissão abaixo assignada, encarregada de promover as festividades em regozijo à formatura dos professores da primeira turma da escola Normal desta cidade, tem o prazer e a honra de convidar V.Excia. e Exma. Família para assistirem ao baile que se realizará a 26 fluente, às 22 horas, à Praça Barão de Mogy-Guassu, nº 11, residência do Exmo. Sr. Coronel Vicente Albano.

Casa Branca, 14 de novembro de 1916

A comissão

Boanerges Nogueira Lima

Desdemona Sartini

Vicente Peixoto

J. Hermelinda de S. Leite

João R. de Noronha Junior

Maria das Dores Siqueira

N.B. – O presente convite é intransferível e servirá de ingresso

#### MISSA

Exmo. Snr.

A Comissão abaixo assignada, encarregada de promover as festividades em regozijo à formatura dos professores da primeira turma da escola Normal desta cidade, tem o prazer e a honra de convidar V.Excia. e Exma. Família para assistirem À MISSA SOLENNE que será rezada na igreja Matriz, pelo paranympho da turma, Revmo.

Padre Telles de Sant'Anna, em acção de graça pela formatura dos professores de 1916 a 25 fluente, às 10 horas e 30 minutos

Casa Branca, 14 de novembro de 1916

A comissão

Boanerges Nogueira Lima

Desdemona Sartini

Vicente Peixoto

J. Hermelinda de S. Leite

João R. de Noronha Junior

Maria das Dores Siqueira (Thomaz, 1965, p. 53),

De acordo com o memorialista Thomaz (1965, p. 59) os jornais “A Tribuna” (ed. especial, n 99 de 26 de novembro de 1916), “Correio Paulistano” (edição de 27 de novembro de 1916), “O Casa Branca”, a revista “A Cigarra” (edição n 56 do dia 07 de dezembro de 1916), registraram com destaque em suas edições a cobertura da primeira Formatura da Escola Normal de Casa Branca. Ainda o jornal “O Trabalho” de Espírito Santo do Pinhal na sua edição de 29/11/1916 noticia as festividades da primeira formatura,

Casa Branca na ponta – Quando vale ter prestígio –

A culta cidade de Casa Branca deu há poucos dias provas brilhantíssimas do valor de seus homens políticos, realizando imponentes festas para solenizar aos moços e moças que concluíram o curso na Escola Normal daquela localidade.

Dizemos que deu prova de prestígio dos chefes políticos d' alli, porque os festejos foram honrados com a presença dos eminentes srs. Dr. Altino Arantes, presidente do Estado; dr. Oscar Rodrigues Alves, Secretário do Interior; dr. Eloy Chaves, Secretario da Justiça e da Segurança Pública; e do dr. João Chrysostomo Bueno dos Reis, director da Instrução em nosso Estado.

O povo casabranquense recebeu fidalga e pomposamente os illustres visitantes, que se hospedaram no palacete do nosso preclaro amigo **dr. Francisco Thomaz de Carvalho, deputado ao Congresso Paulista, e chefe político, cujo o prestígio colossal, gosa de alta influência no seio do governo estadual, e é o mais forte baluarte de progresso de Casa Branca.**

Admiradores sinceros de Casa Branca, sentimos prazer em registrar a alegria de seu povo, **rendendo homenagem ao dr. Francisco Thomaz de Carvalho, que acaba de verificar, com a visita dos chefes do nosso governo, o quanto vale o seu poderoso prestígio, e o quanto é sólida a sua influência como presidente do directorio político daquela terra.**

Parabéns, pois, á população casabranquense, e honras ao estimado chefe dr. Francisco Thomaz de Carvalho. (THOMAZ, 1965, p. 59)

Destacamos na nota acima a menção feita ao Dr. Francisco Thomaz de Carvalho sobre sua influência na política regional, assim como, junto ao Governo Estadual, atribuindo-lhe a criação da Escola Normal e o progresso da cidade. Como podemos acompanhar no trecho acima, não é considerado nenhum outro fator para criação da Escola Normal na cidade, são descartadas a localização geográfica, interesses políticos, entre outros. Podemos acompanhar também nesta mesma nota o destaque atribuído a cidade tendo em vista a presença da Escola Normal Primária.

Compondo a primeira turma de formandos da Escola Normal de Casa Branca em 1916, temos 44 novos professores, sendo eles:

Quadro 36 – Primeira turma de formandos da Escola Normal de Casa Branca

|                                    |
|------------------------------------|
| Alpheu Dominiguetti                |
| Antônio Martins de Oliveira Junior |
| Boanerges Nogueira de Lima         |
| Eurico Tavora Barreto              |
| João Baptista de Castro            |
| João Ribeiro de Noronha Junior     |
| José Bento Feijão                  |
| José de Magalhães Musa             |
| José Nogueira de Barros            |
| Leopoldo da Silva Monteiro         |
| Mario Bittencourt Lima             |
| Paschoal Grecco Junior             |
| Vicente Peixoto                    |
| Anna Aguiar                        |
| Anita de Melo                      |
| Carolina Meirelles                 |

|                                    |
|------------------------------------|
| Celestina de Arruda                |
| Celina Simões de Lima              |
| DesdemonaSartini                   |
| Eulalia Maria Leite de Castro      |
| Flora de Sylos Cintra              |
| Francisca Mascaro                  |
| Genoveva Bonvicino                 |
| Guiomar de Carvalho                |
| Gutildes Feijão                    |
| Iracema de Carvalho                |
| Iracema Vieira                     |
| Joaquina Hermelinda de Souza Leite |
| Lina de Almeida Vergueiro          |
| Margarida Teixeira                 |
| Maria Aparecida Freitas            |
| Maria Caruso                       |
| Maria Conceição Siqueira           |
| Maria das Dores Siqueira           |
| Maria Lange de Carvalho            |
| Maria Hercília Horta               |
| Maria Rosario Soares               |
| Noemia Dulce Nogueira Cobra        |
| Odette de Almeida Barbosa          |
| Olga Queiroz Telles                |
| Ondina Rivera Miranda              |
| Paula Mariana da Conceição         |
| Sarah Correia                      |
| Zoraide Rocha de Freitas           |

Elaboração pessoal baseado nos livros de matrículas da Escola Normal

Confrontando o número de matrículas desta turma em 1913 ao número de formados em 1916, verificamos que das alunas matriculadas apenas 51% concluíram o curso, e, em relação aos alunos concluíram pouco mais de 28%. Foram 62 alunos que deixaram o curso no decorrer dos 4 anos de sua duração, sendo 29 mulheres e 33 homens.

Ainda sobre a formatura, no museu da escola, encontramos o discurso proferido pelo Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, paraninfo da primeira turma de formandos no dia 26/11 durante a cerimônia de entrega dos diplomas nas

dependências do Theatro Flor. No primeiro trecho do discurso, Dr. Francisco T. de Carvalho agradece e fala da honra de ser o paraninfo,

Sou um velho quase sexagenário e vos declaro que, em minha já longa jornada, nunca me encontrei em uma situação de tão sincera e emocionante alegria como a que domina o meu espírito neste momento em que vejo partirem de minha terra os seus primeiros apóstolos da instrução. (Discurso – Dr. Francisco T. de Carvalho, 26/11/1916)

Em outro trecho, discorre sobre o ensino, sobre a sua influência direta sobre a vida, a civilização e no destino de todos os povos, assim como importância da instrução para a formação do cidadão,

O problema do ensino tem sido e continua a ser a mais séria preocupação social desde os mais remotos tempos, sob todas as crenças e sob todas as theories, porque ele affecta, directa e profundamente, a vida, a civilisação e o destino de todos os povos. Elle reflectiu sempre a vida de cada paiz...

...Hoje, para o bom Governo, é indispensável ainstrucção que torna os homens conhecedores de seus direitos e de seus deveres. Usando de seus direitos e cumprindo seus deveres serão os cidadãos uma garantia da ordem e da prosperidade...

...A instrucção é a causa geradora não só do valor moral como do valor econômico dos povos, porque as sciencias, as artes, a producção e as industrias dependem do cultivo da intelligencia. (Discurso – Dr. Francisco T. de Carvalho, 26/11/1916)

De acordo com os trechos destacados acima, encontramos a referência aos futuros professores como apóstolos da instrução e a importância dada à instrução, representações do regime republicano que coloca na instrução a formação do novo cidadão. De acordo com Souza (1998) algumas representações surgiram no início da República, as quais se referem como “Apóstolo da Instrução” aos professores e “Templos de luz” as escolas,

A importância dada à educação popular nesse período propiciou a constituição de representações sobre a profissão docente nas quais o professor passou a ser responsabilizado pela formação do povo, o elemento reformador da sociedade, o portador de uma nobre missão cívica e patriótica. (Souza, 1998, p. 61)

Souza (1998) também cita algumas das representações da educação propagadas no início da República, as quais nos discursos acima ainda se fazem presentes,

Vitória das luzes e da razão sobre as trevas e a ignorância. “Alicerce das sociedades modernas, garantia da paz, de liberdade, da ordem e do progresso social”; elemento de regeneração da nação. Instrumento de moralização e civilização do povo. Eis algumas das representações sobre a educação em vigor no Brasil no final do século XIX...

...No projeto liberal dos republicanos paulistas, a educação tornou-se uma estratégia de luta, um campo de ação política, um instrumento de interpretação da sociedade brasileira e o enunciado de um projeto social. (Souza, 1998, p. 26)

Em outro trecho, Dr. Francisco Thomaz de Carvalho compara a instrução brasileira a outros países vizinhos (Argentina e Chile) e o quanto estamos atrasados em relação a eles, segundo sua análise, o Estado de São Paulo seria a exceção, com organização de métodos e ensino, estruturando suas escolas,

Com exceção de São Paulo, todos os demais Estados da União Brasileira pouco têm cuidado da instrução do povo. Em São Paulo pôde-se dizer que o ensino tem hoje uma organização que obedece aos métodos modernos e vae, incessantemente, progredindo de acordo com os ensinamentos da nova pedagogia. (Discurso – Dr. Francisco T. de Carvalho, 26/11/1916)

Mesmo passado 27 anos da Proclamação da República podemos identificar como eram fortes as representações construídas a partir do ensino, com o poder de transformação social e de progresso.

Na parte final do seu discurso, dirige-se aos formandos, falando da missão a qual terão pela frente, refere-se ao cuidado com as crianças e a igualdade entre ricos e pobres; encerrando com o pedido de reconhecimento pelo Estado e pela Escola Normal os quais lhe proporcionaram tal conquista,

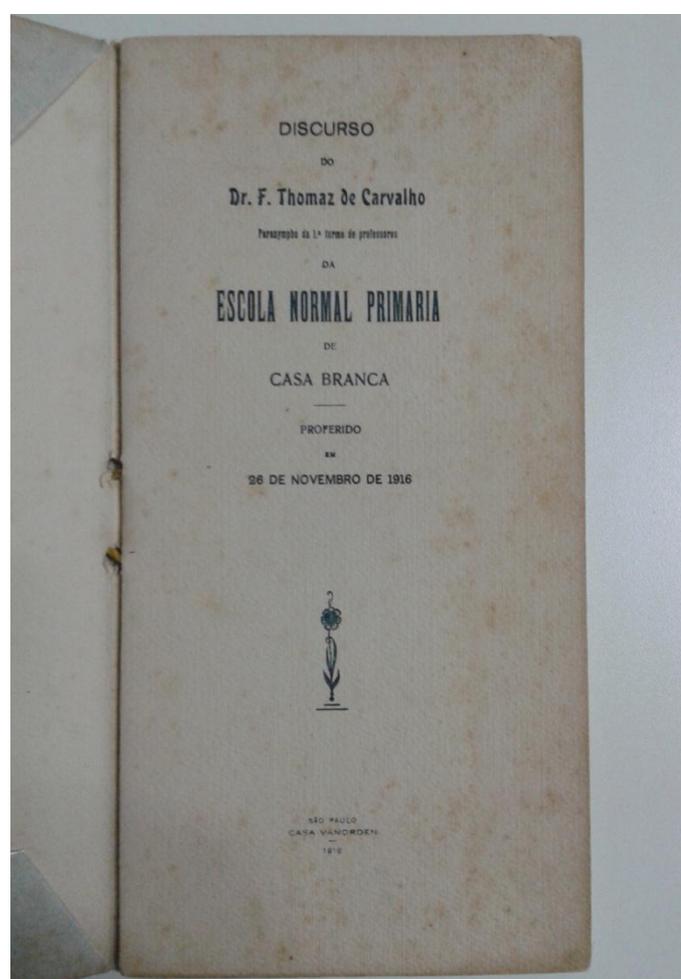
Em qualquer lugar em que estiverdes e qualquer que seja o vosso destino, não deveis vos esquecer dos deveres de gratidão para com o Estado, que, fundando esta Escola, vos proporcionou meios para

vossos estudos e para a conquista do vosso diploma. Não olvifeis também esta cidade, onde se formou o vosso espírito e se passaram os alegres dias de vossa vida escolar. Deus vos acompanhe, jovens professores e professoras, e as palmas que fordes colhendo na trajetória de vossa nobre carreira, depositae no altar de nossa Patria.

Casa Branca, 26 de novembro de 1916.

F.Thomaz de Carvalho.

(Discurso – Dr. Francisco T. de Carvalho, 26/11/1916)



Figuras 14 e 15 - Arquivo do Museu da Escola Normal (1)

Outras informações sobre a formatura da primeira turma estão contidas no discurso do professor Boanerges N. de Lima (7/04/1936), a qual fazia parte como formando,

E assim, de Seca e Meca, recebeu a turma o diploma, a 26 de novembro de 1916, das mãos do exmosr. dr. Altino Arantes, que aqui veio para esse fim, acompanhado dos srs.dr. Oscar Rodrigues Alves, Eloi Chaves, respectivamente secretários do Interior e da Justiça.

Elegeu a primeira turma, como homenagem justa e merecida, o exmo sr.dr. Francisco Tomaz de Carvalho para paraninfo e em casa de quem se hospedaram os membros do governo, aos quais foi oferecido banquete e à turma de professorandos chá –Five cloqtea – então em moda...

... Depois dessa, mais 19 turmas se diplomaram pela Escola Normal de Casa Branca, num total de 790 professores. Da primeira turma, fazem parte do corpo docente D. Iracema de Carvalho, D. Nene Carneiro; os professores D. Margarida, Leônidas, João Horta, Nelson Costa, Zacarias Carvalho, Luiz Carvalho e Antônio Castro Carvalho, que se acha fora, em comissão, são de turmas subseqüentes. (Discurso – Boanerges N. de Lima, 07/04/ 1936)

Além das formaturas, a ação republicana se deu através de festas, exposições escolares, desfiles, exames, e comemorações cívicas, de acordo com Souza (1998) a escola propagava a liturgia república,

De fato, ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. Festas, exposições escolares, desfiles dos batalhões infantis, exames e comemorações cívicas constituíram momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. (SOUZA, 1998, p. 241)

Podemos estender para as Escolas Normais tais práticas, como pudemos verificar em notas no jornal local as várias comemorações durante o ano e seus programas de atividades físicas e culturais.

Para Souza (1998, p. 274) podemos ver o “calendário escolar como uma prática social em torno de uma prática educativa”, as comemorações como maneira de preservar a memória coletiva construindo uma identidade nacional.

A Escola Normal de Casa Branca no decorrer dos anos de 1913 a 1932 desenvolveu várias atividades esportivas, cívicas e pedagógicas, algumas tiveram seus registros no jornal local “O Casa Branca” em edições da época, registros estes não encontrado o arquivo permanente da Escola Normal, impedindo uma maior investigação sobre estas práticas.

Para Souza (1998, p. 252) assim como as exposições e as festas de encerramento tinham como objetivo reunir a comunidade escolar, famílias e pessoas de destaque da sociedade, imprensa para reafirmar sua identidade e o seu valor social, Souza (1998) afirma que as exposições escolares,

Representavam um momento de exposição pública do trabalho e das atividades desenvolvidas na escola. Por meio delas as famílias dos alunos e a população em geral tomavam ciência da qualidade do trabalho desenvolvido nos estabelecimentos de ensino. Fonte de orgulho de professores, alunos e familiares, a exposição denotava o capricho, o desvelo, a habilidade, o esforço, o empenho e a dedicação dos alunos e professores. Nessas exposições eram mostrados os resultados dos objetos confeccionados pelos alunos na matéria de trabalhos manuais, bem como cadernos, provas e outros registros do trabalho escolar. (SOUZA, 1998, p.264)

Muitas comemorações cívicas aconteciam durante o ano, todas registradas no jornal “O Casa Branca”, podemos destacar algumas como o Dia da Bandeira, Dia da Independência, Descobrimento do Brasil, festa das aves, festas das crianças, eventos que, de acordo com Souza (1998), tinham o objetivo de construir a identidade e a unidade da nação,

Assim, na escola, a Proclamação da República, a exaltação a Tiradentes, as datas históricas, a bandeira, o hino, os símbolos nacionais eram ensinados de acordo com a versão oficial. Mas significaram bem mais que simples lições de História. Em realidade, essa formação moral baseada no civismo republicano não se restringiu às escolas públicas, mas foi amplamente perpetuada nas escolas particulares confessionais e leigas. (SOUZA, 1998, p. 266)

Destacaremos a sessão cívica em homenagem a Ruy Barbosa, publicada no jornal “O Casa Branca” fazendo parte das atividades escolares com o objetivo de formação cívica e de construção da unidade nacional.

A Escola Normal desta cidade, no dia 7 do corrente, commemorando a passagem do sétimo dia de falecimento do grande vulto nacional, que em vida se chamou Ruy Barbosa, foi realizada uma sessão cívica. Reunidas todas as classes e respectivos lentes, no salão principal, do prédio, às 11 horas, achando-se e presentes os convidados, exmos: Dr. Junio Soares Caioby, juiz de direito; dr. Luiz Antonio de carvalho, prefeito municipal; coronel Joaquim Ferreira de Castro, juiz de paz; Dr. padre Telles Sant'Anna, vigário da parochia e o professor José Orlandi, presidente da linha de Tiro 292. (jornal "O Casa Branca", 11/03/1923, n 1.384, primeira página)

Outra festa cívica da Escola Normal registrada no jornal local foi a Festa do descobrimento do Brasil em 02 de maio de 1926,

Festa do descobrimento do Brazil

Por iniciativa e sempre reconhecido esforço do professor Alberto Krum do curso normal e do professor Antonio de Carvalho, auxiliar do inspector de exercícos phisicos nas escolas publicas do Estado, com sede nesta cidade está organizada um atrahente festa esportiva, que se realizara a 3 do corrente às 8 horas da manhã. Da mesma tomarão parte os alumnos das escolas Normal, Complementar, Grupo Escolar e Escola Modelo, isolada.

O programa a ser desempenhado está assim estabelecido:

I PARTE

I Ao som da marcha, o desfile geral dos alumnos da Normal, Complementar, Gruo e Escola isolada

II Corrida de sacco, pelos segundos annos masculino do grupo

III Corrida com arcos 1, 2 e 3 annos

IV Bola ao cesto – 2anno Complementar- versus – 2 normal, masculino

II PARTE

V Corridas das gravatas, escola modelo isolada

VI Corrida de quatro – 1annos masculinos

VII Corrida do carinho – 3 anno, versus 4anno masculino

VIII Bola americana – complementar- verso Normal, femininos

APOTHEOSE FINAL

Pyramides "viva o Brazil".

Ao som do Hynno Nacional cantado por todos os alumnos, dar-se-a final da festa esportiva (jornal "O casa Branca" 02/05/1926, n. 18, primeira página)

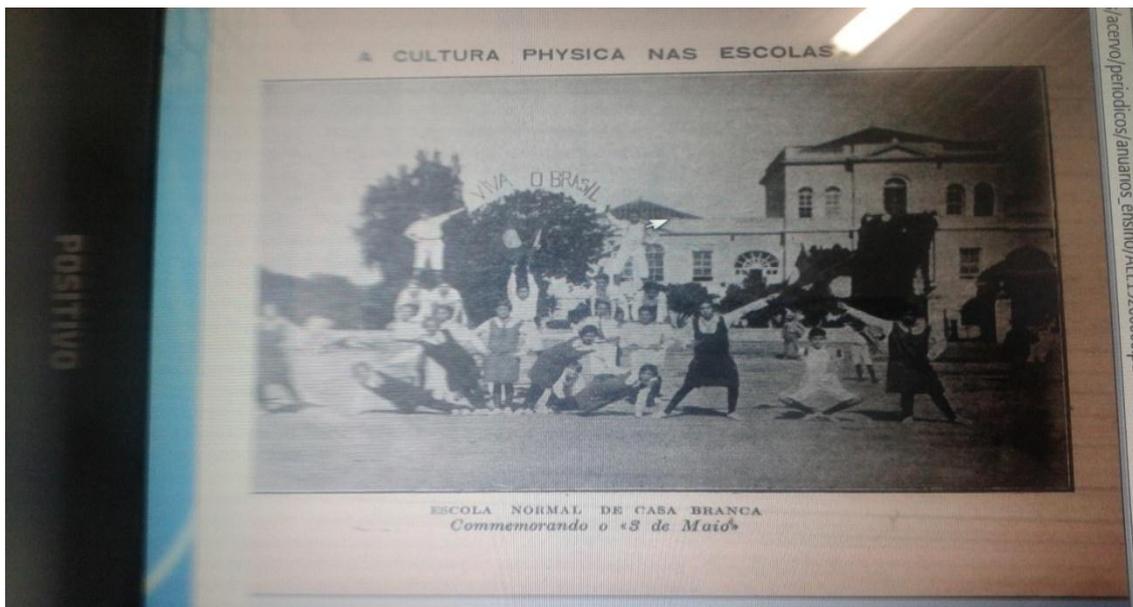


Figura 16 - Foto do Anuário do Ensino de 1926

A foto acima está no Anuário do Ensino de 1926, nele encontramos várias fotos, dentre elas, de atividade física desenvolvida pelos alunos da Escola Normal Primária de Casa Branca em comemoração ao dia 5 de maio. Esta foto foi tirada na praça onde estava sendo construído o prédio da escola; o prédio ao fundo é da Santa Casa de Misericórdia.

A comemoração acima citada, de caráter esportivo, contou com a participação dos alunos da Escola Normal, Escola Complementar, Grupo Escolar e Escola Modelo, Escola Isolada.

Fazendo parte das atividades desenvolvida pelos alunos da Escola Normal, em 03 de maio de 1914 foi fundado a Sociedade do “Gremmio Normalista”. Oficializando a sua fundação, foi encontrado na Câmara Municipal, registrado na Ata do dia 12 de maio de 1914, ofício comunicando a inauguração do “Gremmio Normalista” da Escola Normal de Casa Branca.

De acordo com Nery (2007) os Grêmios eram constituídos por alunos da Escola Normal, sendo uma prática presente em todas as Escolas Normais do Estado de São Paulo e eram responsáveis por parte das atividades extraclasse como também publicavam os periódicos destas escolas.

Estratégia de organização do campo e de conformação da profissão docente em São Paulo, essas associações de alunos eram intituladas Grêmios Normalistas. O associativismo discente, nas Escolas Normais, está atrelado à ação de João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson e João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, na Escola Normal da Capital. A partir de 1911 passa a ser atividade presente em todas as Escolas Normais do estado, tornando-se oficial a partir da Reforma de 1920. (NERY, 2007)

Os Grêmios Normalistas, segundo Nery (2007), tiveram uma participação importante para a representação social do professor que se constituiu a partir da imagem do aluno-mestre,

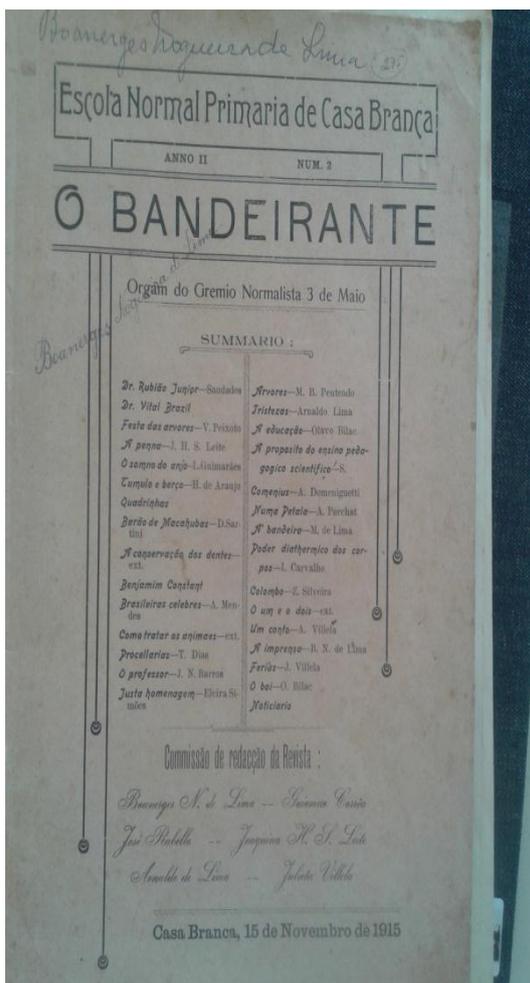
Os grêmios tornavam-se assim uma peça na engrenagem complexa da representação social do professor que se pretendeu constituir a partir da imagem do aluno-mestre. Como elemento essencial desta representação, começam a publicar periódicos, na maioria, em forma de jornais ou boletins informativos. (NERY, 2007),

Para Monarcha (1999), os Grêmios Normalistas desenvolveram rituais próprios, disseminando hinos, jornais estudantis, comemorações anuais, bustos, entre outros,

Disseminam-se grêmios normalistas, estandartes, hinos normalistas, jornais estudantis, conferências, discursos de formaturas, comemorações anuais, monografias históricas, poliantéias comemorativas, bustos, todos elementos decisivos na formação da auto-imagem socioprofissional do normalista. (MONARCHA, 1999, p. 240)

No Museu da Escola Normal encontra-se a segunda Revista produzida pelo “Gremio Normalista”– O bandeirante ano II / número 2 de 15 de novembro de 1915. Contendo 12 páginas, com artigos produzidos pelos alunos normalistas, como: homenagens, festas, poesias, quadrinhas, higiene, cuidados com animais, educação, contos, notícias, exposições, escoteiros, falecimentos, visitas e um texto sobre a vida e contribuições de Comenius sobre a Educação escrito por aluno do 3ºano – A. Dominiguetti.

A Comissão de redação era composta pelos alunos Boanerges Nogueira de Lima, Guiomar Corrêa, José Rabello, Joaquina H.L.Leite, Arnaldo de Lima, Julieta Vilella.



Figuras 17 e 18 - Arquivo do Museu da Escola Normal

Durante os anos foram inaugurados vários grêmios normalistas, como em março de 1930, fazendo parte das atividades dos alunos da escola normal, foi inaugurado o Grêmio Normalista “Ruy Barbosa”, publicado no jornal local,

#### Grêmio Normalista

O grêmio normalista “Ruy Barbosa, realizou ontem no Theatro Brazil a sua festa inaugural, que obedeceu a um programma de literatura e musica

No próximo numero falaremos a respeito. (jornal “O Casa Branca”, 23/03/1930, n. 11, verso da segunda página)

Em 1933, encontramos em nota no jornal local “O Casa Branca” a fundação do novo grêmio de estudantes no dia 06 de agosto de 1933,

Dia 3 de agosto reuniram os alunos da escola normal no prédio Principe de Napoles para fundar um grêmio de estudantes. Eleitos provisoriamente presidente Sr Tercio E. Emerique e secretaria a senhorinha Marciolina Teixeira.

(jornal “O Casa Branca” 06/08/1933, n.31, verso da segunda página)

Durante o período de 1913 a 1934 à Escola Normal de Casa Branca recebeu diversas visitas de inspeção, algumas encontram-se registradas nos jornais locais da época, contudo no arquivo da escola não foi identificado nenhum apontamento a respeito.

As inspeções faziam parte das ações da Secretaria do Estado para obter diagnósticos da realidade escolar visando auxiliar na melhoria do ensino do estado de São Paulo. Estes relatórios eram publicados nos Anuários do Ensino que foram produzidos de 1907 a 1936 visando registrar um diagnóstico do ensino no estado. Estes Anuários do Ensino eram ricos em estatísticas, relatórios, métodos e processos didáticos proporcionando ao Governo um repositório do ensino no estado.

Entre as inspeções, o jornal “O Casa Branca” registra em 24 de abril de 1926 visita do Inspetor especial de exercícios físicos o Professor Augusto Ribeiro de Carvalho,

Sabado ultimo, 24 de Abril aqui esteve o Sr. Professor Augusto Ribeiro de Carvalho, inspector especial de exercicios phisicos nas escolas publicas do estado  
S.S. aqui sentiu-se bem impressionado e foi acompanhado pelo seu auxiliar com sede nesta zona Sr. Professor Antonio de Carvalho.  
(jornal “O Casa Branca, 02/05/1926, n. 18, primeira página)

Em outubro de 1927, a cidade de Casa Branca recebeu a visita do Dr. Fábio Barreto, Secretário dos Negócios do Interior, onde percorreu as obras da escola Normal e a Santa Casa, encontramos registro desta visita no jornal “O Casa Branca”, na edição 42,

Honrosa Visita

A chegada do Dr. Fabio Barreto – Visitas a’s escolas , Normal, Complementar e Modelo, obras da normal em construção e S. Casa.  
– Recepção na Camara Municipal –

“Casa Branca, dr Fabio, quizerá recebê-lo com outro cunho mais deslumbrante, mas é muito humilde, pobre em comparação com as cidades poderosas, ricas, pelas quaes passastes, mas podeis estar certo que esta manifestação é sincera, lhe vem do coração”, disse o dr. Alvino de Lima saudando S. Excia. – “Povo feliz é esse, que possui um grande templo de cultura que é a escola Normal, onde educa e aperfeiçoa a intelligencia – essa grande riqueza, a maior legada pela Providencia ao homem”, disse o dr. Fabio em seu brilhante discurso –

resposta – No Hotel Moffa Banquete: - “O momento actual comporta suggestivo contraste: Na Capital, o jubilo victorioso da paz e do trabalho na synthese da exposiçãõ do café; pelo interior, a caravana santa e humanitária de que sois apostolo, a mais democrática de todas a expandir, de concerto com os representantes das municipalidades, a semente do bem e da preservação social”, palavras do dr. Octavio de Barros saudando o dr. Fabio. – “Graças ao pulso enérgico, inteligente, honesto e competente do governo Julio Prestes, ao qual tenho a honra de pertencer, hoje em S. Paulo respira-se com confiança e tudo desperta interesse no futuro sempre progressista como é de esperar num Estado que honra as suas tradições dês do seu 1º marco de existência civil”, palavras em agradecimento de S. Excia. – Discursos dos Drs Amadeu Gomes e Renato Pantoja. Grande Baile. Partida de S. Excia e sua Comitiva para a Capital. (jornal “O Casa Branca”, 23/10/1927, n. 42, página 4)



Figura 19 - Fotos da visita do secretário do Interior Dr. Fábio Barreto - Arquivo Scacabarrozzi (1)

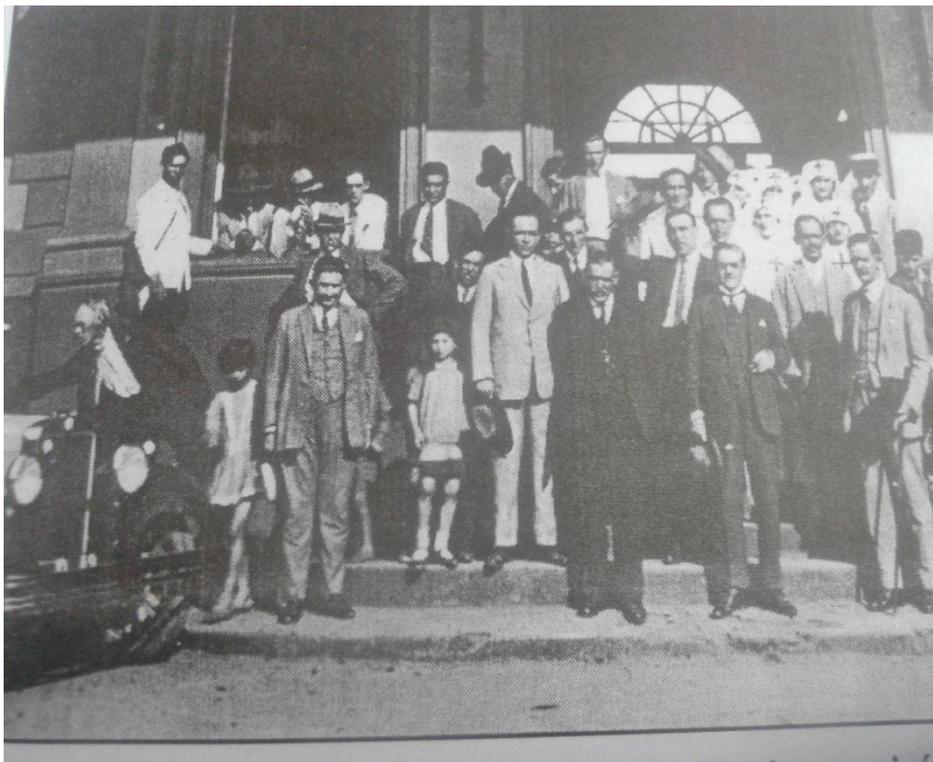


Figura 20 - Fotos da visita do secretário do Interior Dr. Fábio Barreto - Arquivo Scacabarozzi  
(2)

Em outro registro, encontramos a visita do professor Dr. João Toledo, inspetor Geral das Escolas Normais do Estado à Escola Normal de Casa Branca no dia 11 de julho de 1928, publicado no jornal “O Casa Branca” do dia 14 de julho com a programação da visita,

#### Programação da visita do inspetor Geral

As 3h30 exercícios de ginástica pelos alunos da escola normal e complementar; as 7h no teatro Brazil palestra sobre o ensino publico com a presença dos senhores Inspetor Geral das Escolas Normais do Estado João Toledo, Julio de Faria e Souza inspetor deste distrito e Luiz Amaral Wagner diretor da escola normal da cidade; apresentações dos alunos da escola normal dos 1, 2 e 3 anos. No dia 12 o Inspetor Geral assistiu diversas aulas na escola complementar. (jornal “O Casa Branca”, 11/07/1928, primeira página)

O anfiteatro da Escola Normal recebeu o maestro Fabiano R. Lozano para uma conferência sobre a matéria de Música e Canto Coral dirigida para as escolas públicas do Estado de São Paulo,

#### Inspeção do Serviço de Música e Canto Coral

Esteve nesta cidade, em inspeção e orientação do Serviço de Música e Canto Coral, nas escolas públicas do Estado, o senhor maestro Fabiano R. Lozano, atual diretor geral desta disciplina, junto à Diretoria do Ensino. Dia 22 de outubro no anfiteatro da escola Normal conferencia sobre a matéria. (jornal "O Casa Branca", 28/10/1934, n. 43, primeira página)

Dentre as muitas comemorações realizadas pela Escola Normal, destacamos a atividade ao ar livre, no Parque Municipal para os alunos da Escola Normal e Complementar em comemoração ao 11º aniversário de sua instalação publicado no jornal "O Casa Branca",

#### Escola Normal

Comemoração do 11º aniversário que se realizou a primeira aula na escola normal, o diretor Gastão Strang convidou os alunos dos cursos normal e complementar para uma aula ao ar livre no Parque Municipal às 8 horas da manhã no dia 7 de abril de 1924. (jornal "O Casa Branca", 1448, verso da segunda página)

Dentre as atividades desenvolvidas durante o segundo ano, encontramos no jornal "O Casa Branca" edição 842, a atividade esportiva realizada pelas alunas da Escola Normal em comemoração ao Centenário da cidade,

#### Escola Normal

##### Jogo de bola americana

Disputados entre as 1ª e 2ª linhas das secções femininas: 1º premio, senhorinha d. Noemia Dulce Cobra, 1 par de vosos para flores, 2º premio, senhorinha d. Maria Pereira Fonseca, 1 tinteiro de metal real. (jornal "O Casa Branca, 08/11/1914, 842, primeira página)

Também em 1924, encontramos publicado no mesmo jornal em 12 de maio, a provável data da visita dos alunos e professores da Escola Normal de Piracicaba a Escola Normal de Casa Branca.

Para esta visita o diretor da Escola Normal de Casa Branca encaminhou a Câmara Municipal um requerimento pedindo um auxílio de 2:000\$000 para pagamentos de despesas feitas para receber os convidados,

registrado na ata da sessão ordinária em 20/05/1924(p.173/verso). Esta visita foi retribuída em outubro do mesmo ano, registrada no mesmo jornal, edição 1.482 (primeira página) no dia 19/10/1924.

Outra visita realizada pelos alunos e professores da Escola Normal de Casa Branca foi à Escola Normal de Ribeirão Preto no dia 07 de setembro de 1925, em retribuição a visita feita de Ribeirão Preto à Casa Branca, registrada pelo jornal “O Casa Branca”,

#### Casa Branca em Ribeirão Preto

O dia 7 de setembro, em Ribeirão Preto, revestiu-se de grandes solenidades comemorativas à passagem do 103º aniversário da nossa emancipação política. Correspondendo a uma gentileza, uma visita recebida pelos casabranquenses, estiveram presentes: a nossa escola normal representada pelo seu distinto director Sr. Professor Fausto Lex e outros professores, assim como por diversos alunos da escola que foram tomar parte num torneio de gymnastica dirigido pelos professores d. Iracema de Carvalho e Alberto Krum e audição de um programma musical sob a direcção do professor Sr. José de Paula Arantes. A linha de tiro local 292, sob a direcção de seu distinto instructor Sr. Sargento João Francisco de Barros, também compareceu, correspondendo igual gentileza recebida aqui

As festas estiveram imponentes e o povo ribeirãopretense, soube cumular os casabranquenses das mais prodigas gentilezas e camaradagens

Podemos afirmar é que os casabranquenses aqui chegaram captivos pela forma carinhosa como foram tractados pelo nobre povo de Ribeirão Preto (jornal “O Casa Branca”, 13/09/1925, n.37, primeira página)

A visita a Ribeirão Preto foi marcada por atividades esportivas, musicais e contou também com a presença do tiro 292 de Casa Branca.

Registrado também, em nota no jornal local a visita da Escola Normal da cidade de São Carlos à Casa Branca em 1930, com a programação das atividades publicada no jornal local,

#### São Carlos em Casa Branca

Como anunciáramos em edição transacta, o director, professor e alunos da Escola normal de São Carlos do Pinhal vieram a esta cidade no intuito de desempatarem jogos de bola ao cesto entretidos naquella cidade no anno passado, entre os alunos daquella cidade e os desta cidade. As medalhas se conservaram expostas na directoria da nossa escola normal. Aqui chegaram os visitantes, no dia 12, á tarde sendo recebidos carinhosamente pelo nosso director Sr. Professor José Amaral Wagner, corpo docente e discente da nossa escola.

A banda musical “santa Cecilia”, installada no coreto da praça “Dr. Carvalho”, executou durante a recepção, diversas partituras do repertorio.

O Sr. William Cintra e professor Theodoro Volponi, respectivamente, prefeito e vice-prefeito do município, procuraram cercar os visitantes de todas as gentilezas. A’ noite, no “Cine Theatro Brazil”, do senhor Paschoal Artese, foi realizado um espectáculo artistico-litero-musical, organizado pelo Gremio Normalista “Ruy Barbosa” em homenagem aos illustres hospedes. O desempenho foi irreprehenivel, merecendo por isso mesmo, aquelles que no mesmo tomaram parte, no desempenho do programma muitos applausos...

...No dia 13, às 8 e meia horas da manhã, no campo da “A.C.C.P.”realizou se o encontro entre as duas equipes: “Casa Branca e S. Carlos”

Começou pela lucta entre as equipes masculinas, durante a qual, casa Branca, dominou sempre com superioridade.

1º tempo:

Casa Branca 9 pontos

São Carlos 4 pontos

2º tempo:

Casa Branca 4 pontos

São Carlos 2 pontos

Total

Casa Branca 13 pontos

São Carlos 6 pontos

A’s 10 e 10 minutos teve inicio a lucta entre as equipes femininas

1º tempo:

Casa Branca 2 pontos

São Carlos 1 pontos

2º tempo:

Casa Branca 4 pontos

São Carlos 2 pontos

Total

Casa Branca 7 pontos

São Carlos 5 pontos

Ficou determinado para as 3 e ½ horas da tarde, uma outra competição que se não realizou, porque cahiu copiosa e impertinente chuva.

Antes de se dar inicio à lucta entre as equipes femininas, verificou se uma importante competição aquatica, sendo executados bellissimos e difficeis exercícios, nos quaes o Sr. Augusto Cruz deu cabal prova do seu gosto pelos esportes, merecendo verdadeiros applausos que aqui não lh’os regatearemos.

A’ noite no “Clube Casa Branca”, foiofferido aos visitantes um grande baile, que se prolongou até altas horas da madrugada, reinando sempre a alegria communicativa.

Segunda feira, 14, ao meio dia, seguiram os visitantes para São Carlos, levando as melhores impressões sobre a nossa terra e o nosso povo, que soube ser gentil e carinhoso.

(jornal “O Casa Branca” 20/07/1930, n. 28, primeira página)

A Escola Normal de São Carlos foi recebida pela Escola Normal de Casa Branca com um extenso programa de que envolveu esportes, atividades culturais, artísticas e musicais, encerrando a visita foi oferecido um baile aos visitantes.

A Escola Normal também esteve na cidade de Mococa em setembro de 1930 visitando a escola normal livre, visita esta anteriormente anunciada no dia 27 de julho no jornal local,

#### EM MOCOCA

É quase certo que no próximo mez de Agosto, irá à Mococa, attendendo a um gentil convite, uma turma composta do corpo directivo, docente e discente da nossa escola normal, que naquella cidade amiga ira entreter jogos amistosos de bola ao cesto e de outros exercícius phisicos com os alumnos da escola normal livre daquella cidade,

Nessa ocasião o grêmio normalista “Ruy Barbosa” realizará mais uma das suas atrahentes festas litero musical, no theatro daquella cidade. (jornal “O Casa Branca”, 27/07/1930,n. 29, primeira página)

Analisando estes encontros realizados entre as Escolas Normais, podemos concluir a importância dada às atividades esportivas neste período, sempre presentes, tomavam conta da maior parte do programa, sendo este completado por atividades musicais e literárias.

Em outra nota, no mesmo jornal, destacamos a homenagem póstuma ao Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, que faleceu no dia 16 de abril de 1930, pela Escola Normal de Casa Branca,

Passando se a 16 do corrente o trigésimo dia de passamento do sr. Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, o Sr. Professor Luiz Amaral Wagner, estimado director da escola normal desta cidade manifestou a idéia de se prestar uma homenagem posthuma aquelle, que fora em vida um casabranquense que a sua terra prestara reaes serviços. Convidados os alumnos e professores das Escolas Normal e Complementar e mais pessoas gradas, inclusive a família do extinto para aquelle acto foi o mesmo verificado no salão nobre da Escola Normal, onde se achava exposto o retrato do extinto. Aberta a sessão pelo illustre director do estabelecimento, que justificou o fim da reunião foi concedida a palavra ao professor Sr. Oscar Leme Brisolla, que abordou o assumpto num verdadeiro florilégio, lembrando os grandes feitos do dr. Carvalho e especialmente a sua acção relativamente á criação da Escola Normal. (Jornal “O Casa Branca”, 16/05/1930, primeira página)

Outro fato relevante, identificado nos jornais locais da época, foi à abertura de cursos preparatórios para o ingresso na Escola Normal e no Curso Complementar em 1925. Eram cursos particulares preparatórios para os exames da Escola Normal e Complementar, oferecidos pelas escolas: “Externato Ruy Barbosa” e “Escola de Commercio”.

Abaixo a divulgação do curso preparatório para os exames da escola Normal e Complementar publicado no jornal “O Casa Branca”,

“Externato “Ruy Barbosa”

Preparatorios para exames de suficiencia ás escolas Normaes e Complementares

Para o Curso complementar:

Secção feminina, no período da manhã, secção masculina, no período da tarde.

Mensalidades:

Para as Escolas Normaes 30\$000

Para as Escolas Complementares 20\$000

A matricula estará aberta no dia 25 de janeiro e as aulas terão inicio a 2 de fevereiro.

Rua Cap. Horta, 93 – Casa Branca (jornal “O Casa Branca, 08/03/1925, n. 10, verso da primeira página)

Não encontramos registros da movimentação de alunos nestes cursos preparatórios, contudo podemos concluir que deveria haver uma demanda considerável, visto que existiam duas escolas oferecendo os mesmos cursos, o que nos leva a supor, que atendiam candidatos de Casa Branca e da região.

Em outra edição do jornal “O Casa Branca” de 1925, destacamos a propaganda da outra “Escola de Commercio” que oferecia os mesmos cursos preparatórios para os exames de suficiência da Escola Normal e Complementar ,

NOVO CURSO DE PREPARATORIOS AOS EXAMES DA NORMAL E COMPLEMENTAR

(funcionará no prédio da escola de Commercio)

AULAS DESDE DE JÁ

CURSO NORMAL, período da tarde (das 14 ás 17horas)

CURSO COMPLEMENTAR, periodo da manhan (das 8 ás 10 horas)

CORPO DOCENTE ESCOLHIDO

MATERIAL COMPLETO

METHODOS MODERNOS

MENSALIDADES: -

PARA A NORMAL 30\$000

PARA A COMPLEMENTAR 20\$000

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Repetem-se matérias da normal e Complementar. Aulas especiais de dactylographia, annexas.

Outros preparatórios

Informações no prédio da Escola de Commercio (Sociedade “Príncipe de Napoles”, à rua Capitão Horta) desde as 8 horas, com qualquer dos professores (jornal “O Casa Branca”, 10/05/1925, n.19, primeira página)

Em relação às reuniões e encontros pedagógicos, não encontramos registros nos arquivos escolares, apenas notas no jornal local da época de alguns eventos pedagógicos.

Referente às reuniões de início de ano e retorno as aulas, localizamos uma notícia no jornal “O Casa Branca” em 19 de julho, para o início do segundo semestre do ano letivo de 1925, o diretor Professor Fausto Lex convoca os professores para reunião de reinício das aulas,

Escola Normal

Reunião: A 14 do corrente, véspera do inicio das aulas nos cursos complementares e normal effectuou-se uma reunião de professores convocados pelo respectivo directorexmo. Sr. Professor Fausto Lex, que declarou que no dia seguinte seria iniciado o trabalho escolar e esperava que todos os professores procurassem durante as aulas encaminhar os alumnos, na compreensão de uma disciplina perfeita e ainda mais, para a perfeita intuição do ensino primário, porque elle como delegado regional attestara muitas vezes existência de professores possuidores de boa e elevada cultura e de intelligencia, e, entretanto faltos de pratica, em matéria de ensino primário e por isso julgava de bom proposto os professores tratarem o mais carinhosamente desse ponto. Lembrou que estaria sempre ao laço dos collegas e dirigidos e prompto a ouvir os nas dificuldades a resolver. Em seguida, foram convidados os professores para as aulas a serem iniciadas no dia seguinte às 11 horas e fel os ao mesmo tempo conhecedores do programma a ser observado e respectivo horário. (jornal “O Casa Branca” 19/07/1925, n. 29, primeira página)

Ressaltamos nas palavras do Diretor a existência de professores inteligentes e de elevada cultura, porém sem a preparação prática, problema este levantado pela formação propedêutica dos alunos, faltando-lhes a preparação para a prática e a formação necessária para carreira docente. O problema na formação dos professores vem sendo abordado por Almeida (1995) desde o primeiro programa da Escola Normal de São Paulo em 1846, sendo predominante a formação geral sobre a específica, sendo atribuído a esta formação uma a duas disciplinas voltadas para a parte pedagógica.

Outra atividade publicada no jornal “O Casa Branca”, temos o Congresso Pedagógico realizado nos dias 15, 16 e 17 de março no anfiteatro da Escola Normal Primária sob a presidência do senhor Prof. Oscar Augusto Gueli, Delegado Regional do Ensino, com a seguinte programação,

#### Congresso Pedagógico

Esteve reunido nesta cidade, o primeiro Congresso Pedagógico desta Região Escolar, alcançando todas as sessões grande êxito. Desde Fevereiro último, vinham as autoridades escolares, envidando esforços no sentido de proporcionar aos professores e diretores reuniões proveitosas em matéria de ensino.

Pelo senhor professor Oscar Augusto Gueli, digno delegado Regional do Ensino, foram nomeados comissões para tratar dos trabalhos mais importantes, o que não impediu a discussão, no Congresso Pedagógico, de outros assuntos trazidos pelos professores convocados, nas reuniões realizadas em 15, 16 e 17 do corrente, no anfiteatro da escola Normal desta cidade.

...Ao encerrar o Congresso, o senhor Delegado Regional do Ensino de Casa Branca agradeceu a cooperação de todos, tendo discursado, ainda, os senhores Teodomiro Emerique e Eulálio Rosa Cruz; aquele, em nome da escola Normal, saudando aos congressistas, e este, agradecendo em nome do Congresso à escola Normal e à cidade de Casa Branca, o acolhimento dispensado aos congressistas... Foram estudados os assuntos seguintes:

1º Escrituração escolar – processo e encaminhamento de papeis – material escolar – aproveitamento

2º Caixa escolar

3º Cooperativas escolares

4º Gabinetes dentários

5º Cinema educativo

6º Museu escolar, bibliotecas infantis e pedagógicas

7º Colaboração da escola e da família

8º Substituição nos grupos, reunidas e isoladas

9º Programas, horários e semanários de lições

10º Ensino de linguagem e leitura

11º Classes selecionadas: fortes, médias e fracas

12º Ensino de Aritmética

13º Ensino de História e Geografia

14º Ensino de Noções comuns

15º Novas técnicas de ensino

(jornal “O Casa Branca” 25/03/1934, n.12, primeira página)

O Congresso Pedagógico teve um amplo programa, tratando de assuntos burocráticos, tais como: escrituração escolar, caixa escolar e cooperativas escolares, passando para assuntos pedagógicos como: novas técnicas de ensino, programas de ensino, museu, cinema, entre outros. Foram

discutidos assuntos que já estavam na pauta como também outros trazidos pelos professores convidados.

Entre as atividades pedagógicas, as alunas da Escola Normal receberam a chegada da Caravana Acadêmica XI de Agosto em 1933, conduzindo-as até as dependências da escola,

#### Caravana Acadêmica

Chegou a cidade dia 13 de maio a Caravana Acadêmica XI de Agosto que realizaram dois espetáculos beneficentes. Foram recebidos na estação mogiana por uma comissão de alunas da Escola Normal que as conduziram até o estabelecimento de ensino. (jornal "O Casa Branca", 20/05/1933, verso da segunda página)

A Caravana Acadêmica XI de Agosto se apresentaram em 2 espetáculos beneficentes no dia 13 de maio de 1933. Podemos verificar que era constante a participação em atividades culturais e esportivas dos alunos da Escola Normal em eventos municipais e regionais.

Fazendo parte das atividades desenvolvidas na Escola Normal encontramos as exposições escolares com trabalhos produzidos pelos alunos durante o ano. Destas atividades, apenas um registro foi encontrado no jornal "O Casa Branca" de 1934,

#### Exposição de Trabalhos

Foi inaugurada ontem na Escola normal, a exposição de trabalhos confeccionados durante o ano pelo Curso Profissional, pelo Curso Fundamental e pela Escola de Aplicação.

Comunicam-nos que o horário de visitas à exposição, é das 12 às 16 horas e das 19 às 21horas, até quarta feira, 28 do corrente. (jornal "O Casa Branca" 25/11/1934, n. 47, verso da segunda página)

As festas cívicas, desfiles, exposições, serviam para divulgar e fortalecer a formação do cidadão, segundo Souza (1998),

Constituíam momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. Eles podem ser vistos como práticas simbólicas que, no universo escolar, tornaram-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República.(SOUZA, 1998, p. 241)

Tais práticas simbólicas foram observadas levantadas neste capítulo, nele identificamos várias festas escolares, exposições, encontros de Escolas Normais, todos envoltos em valores morais e cívicos própria da República.

Outra representação marcada neste capítulo, a qual encontramos nos discursos do Sr. Boanerges Nogueira de Lima, Dr. Francisco Thomaz de Carvalho é o papel redentor que teria o ensino para a formação dos indivíduos, e a transformação da sociedade brasileira. Os jornais locais da época incutiam em seus leitores a expectativa de progresso e o crescimento da cidade com a instalação da Escola Normal em Casa Branca.

Ao redor da instalação da Escola Normal em Casa Branca foram construídas representações de um período de “glória”, de destaque regional, que foram passadas por várias gerações, e que ainda hoje encontramos nos discursos dos memorialistas casabranquenses.

### 3. Espaços Escolares

A Escola Normal de Casa Branca desde a sua instalação em 1913 ocupou quatro prédios para abrigar a sua comunidade escolar, até 1932 quando a construção do seu prédio foi finalizada.

Segundo Nóvoa (1992) para a análise das instituições escolares devemos considerar a categoria das manifestações visuais e simbólicas, para ele fazem parte,

Fazem parte desta categoria todos os elementos que têm uma forma material, passíveis portanto de serem identificados através de uma observação visual. O caso mais evidente diz respeito à arquitetura do edifício escolar e ao modo como ele se apresenta do ponto de vista da sua imagem: equipamentos, mobílias, ocupação do espaço, cores, limpeza, conservação, etc. (NÓVOA, 1992, p. 31)

Portanto conhecer os prédios ocupados pela Escola Normal de Casa Branca, suas instalações e a arquitetura dos prédios utilizados norteiam a análise da instituição pesquisada.

Para Magalhães (1999, p.72) as estruturas arquitetônicas dos edifícios também contribuem para a análise das instituições nos aspectos de interação,

Espaços e estrutura arquitetônica dos edifícios – muitas instituições educativas foram instaladas em edifícios adaptados; torna-se assim necessário conhecer as adaptações arquitetônicas espaciais operadas: inventariar e enquadrar as obras de conservação ou de transformação arquitetônica; as formas de licenciamento e processos de aprovação. (Magalhães, 1999, p. 72)

Para melhor entendimento da ocupação dos prédios por onde passaram Escola Normal de Casa Branca dividimos este capítulo em três itens. No primeiro retrato as peculiaridades da instalação da Escola Normal nos primeiros anos. No segundo apresentamos a necessidade, projeto e a construção de seu próprio edifício. No último item relacionaremos a Revolução

Constitucionalista com a Escola Normal de Casa Branca e a sua ocupação definitiva.

Para pesquisarmos os espaços escolares utilizamos Magalhães (1999) para esclarecer as perguntas que fomentaram este capítulo. Segundo o autor

Espaços e estrutura arquitetônica dos edifícios – muitas instituições foram instaladas em edifícios adaptados; torna-se assim necessário conhecer as adaptações arquitetônicas e espaciais operadas: inventariar e enquadrar as obras de conservação ou de transformação arquitetônica; as formas de licenciamento e processos de aprovação. Que áreas se sacrificaram, para quê e quando? A implantação do edifício na paisagem física e humana, seus acessos e formas de isolamento e/ ou de relação e interação com a comunidade e o meio envolvente, são alguns aspectos a considerar. (MAGALHÃES, 1999, p. 72)

Seguindo estas referências, neste capítulo, apresentaremos as dificuldades na gestão da Escola Normal, que instalada em diferentes prédios, acolhiam diferentes espaços escolares. Destacaremos as condições físicas dos prédios alugados para atender a crescente demanda da Escola Normal de Casa Branca, prédios estes que não atendiam as condições de higiene e estruturais para tal funcionamento. Perpassaremos pela expectativa fomentada em torno da construção do edifício para abrigar a Escola Normal da cidade.

### **3.1 Prédios Provisórios**

Como já nos referimos no primeiro capítulo, a Escola Normal foi instalada em Casa Branca em 1913 em um casarão adaptado com duas turmas de alunos, uma seção masculina e outra feminina.

Para o funcionamento da Escola Normal no ano de 1914, sabendo que o atual prédio não comportaria novas turmas, o Sr. Secretário do Interior encaminhou um ofício para que a cidade aplicasse 20:000\$000 para a construção de duas novas salas, para atender a nova demanda de alunos.

Conforme ofício abaixo, concluímos que as adaptações para o funcionamento das escolas normais ficavam a cargo das prefeituras

municipais, gerando especialmente, para a cidade de Casa Branca dificuldades financeiras para tais obras.

De acordo com a ata da Câmara Municipal a cidade não possuía condições financeiras para arcar com tais gastos, propondo ao Secretário do Interior a ocupação do prédio em 2 períodos,

Sobre o officio do Sr. Secretário do Interior, n 116, datado de 20 de agosto deste anno, foi deliberado officiar-se aquelle Secretário, ponderando haver a Câmara dispendido este anno, cem conto de réis, com a Escola Normal e não pequena verba com os serviços de água e esgoto, sentindo-se por isso com sinais de dificuldades para desprender actualmente 200:000\$000, coma construção de duas salas para o funcionamento do 2<sup>o</sup> anno d'aquelle estabelecimento de ensino, lembrando a conveniência de fazer funcionar os 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> annos em dois períodos – da manhã e da tarde – como se faz em Pirassununga (Ata da Sessão Ordinária, 14/10/1913, página 16, verso)

As dificuldades financeiras citada na Ata da Câmara Municipal e em Furlani (2003, p 12), se dava em relação à fonte de renda ser apenas da cultura cafeeira e a movimentação da rede ferroviária

A solução encontrada para não fazer o investimento para a construção das 2 salas de aulas, foi a mesma da Escola Normal de Pirassununga que implantou dois períodos de aulas (manhã e tarde), utilizando o mesmo prédio e a mesma estrutura, sem ampliações e construções, evitando gastos financeiros.

Apesar da proposta de funcionamento nos dois períodos para 1914, foi ainda necessária a locação de outro prédio para abrigar as secções masculinas, ficando no primeiro prédio a secção feminina.

Pelo jornal “O Casa Branca” acompanhamos o envio de mobília e a adaptação do segundo prédio onde funcionaram as seções masculinas, primeiro e segundo ano,

Escola Normal

O governo do estado já tem enviado a mobília necessária à adaptação do prédio, donde provisoriamente, vai funcionar o 1<sup>o</sup> e

2ºano masculinos. (jornal “O Casa Branca”, 15/03/1914, 809, primeira página)

Além do prédio a Praça do Rosário, nº12, mais três casas foram utilizadas para acolher os alunos da Escola Normal de Casa Branca, como podemos verificar no discurso do professor Boanerges Nogueira de Lima,

O meu primeiro ano funcionou numa das dependências do atual prédio da Prefeitura; o segundo se instalou no sobrado de residência de D. Rita Lima e Marques – viúva do sr.dr. Narciso Marques; não era a vivenda que se vê presentemente, reconstruída, de aspecto gracioso; a classe do terceiro ano, teve como tecto velha casa, precisamente onde hoje se acha a Casa Carlos, à praça Dr. Carvalho, ao lado da igreja do Rosário e, para arremate de nossa peregrinação, conclui a primeira turma o curso escolar, no edifício da atual residência do professor Lino Avancini e no contíguo, fronteiro a um dos ângulos do Hotel Mofa, ainda na praça Dr. Carvalho.(trecho do discurso proferido no dia 07/04/1936 – Boanerges N. de Lima)

Os quatro casarões alugados ficavam em torno da Praça do Rosário, sendo apenas o segundo na rua lateral (Rua Barão de Casa Branca). Apresentamos abaixo as fotos dos casarões que serviram a Escola Normal, apenas do terceiro prédio locado não encontramos fotos nas fontes pesquisadas.



Figura 21 - 1ª casa alugada e posteriormente comprada para a instalação da Escola Normal

(blog.mclaralira.wordpress.com)



Foto 22 - 4ª casa alugada prédio da Praça Dr. Barreto esquina com a Rua Padre Santana

No discurso do professor Boanerges N. de Lima encontramos referências sobre a estrutura física dos prédios por onde passaram os alunos da Escola Normal,

Oh vós freqüentais esta escola nos dias de hoje, imaginai quanto desconforto precedeu ao bem-estar que fruíis hoje, sob o tecto deste

confortável e amplo edifício, em que o ar e a luz inundam todos os recantos e as mais higiênicas instalações contrastam com a deficiência das adaptações de última hora, de outros tempos! Não obstante todos trabalhavam com entusiasmo!

Um grupo de professores de outra escola normal do Estado que nos visitou não há muitos anos, afeito às acomodações do edifício suntuoso da magnífica São-Carlos, não resistiu à tentação de declarar-nos surpreendido em encontrar nos velhos e bolorentos corredores dos antigos edifícios, que nos abrigavam, tanto estímulo no cumprimento do dever. Não compreendiam, diziam os colegas, como podíamos trabalhar!( trecho do discurso proferido no dia 07/04/1936 – Boanerges N. de Lima)

De acordo com o discurso e outras fontes pesquisadas, os velhos casarões não ofereciam infra-estrutura para abrigar uma escola, adaptados rapidamente para atender a demanda, entre outros problemas, a pouca iluminação, paredes bolorentas, mal conservadas, além de não atenderem a condições sanitárias e de higiene.

Outro problema apresentado para administração da Escola Normal de Casa Branca era a distribuição das turmas, biblioteca, secretaria, escola-modelo e cursos anexos em diferentes e afastados prédios. O diretor tinha a responsabilidade de manter esta “engrenagem” funcionando, contando com poucos funcionários e em prédios que não apresentavam condições físicas para o funcionamento.

No discurso feito Sr. Boanerges N. de Lima proferido em 1947, destacamos o trecho sobre as condições dos prédios que abrigavam os Cursos da Escola Normal,

A primeira turma iniciou as aulas no prédio atualmente ocupado pela Prefeitura; percorreu dois prédios no 2º ano; no 3º e 4º outros dois. Secretaria, biblioteca, escola-modelo, cursos anexos, tudo em edifícios diferentes e afastados, o que dificultava a ação administrativa e direção; os casarões que nos recebiam, alguns com tão boa vontade dos proprietários, tresandavam a mofo, e, bolorentos, não satisfaziam quase nunca às condições sanitárias e de higiene; turmas e mais turmas não conheceram o conforto de hoje.

(Discurso proferido no dia 07/04/1947 – Boanerges N. de Lima)

Como pudemos acompanhar no discurso do professor Boanerges confrontando com os as notas publicadas nos jornais locais, concluímos que os casarões que serviram a Escola Normal até a construção de seu prédio próprio, não atendiam as necessidades escolares, adaptados e com problemas estruturais acolheram os alunos por um período de 19 anos.

Surgiria em meados de 1920 à necessidade da construção de um edifício que abrigasse todos os cursos e alunos da Escola Normal de Casa Branca, propiciando uma melhor gestão e a aplicação das novas propostas pedagógicas.

### **3.2. Novo prédio – projeto e construção (1918 -1932)**

A Escola Normal desde a sua instalação até o final de 1931, foi necessária a locação de quatro prédios diferentes e distantes para atender a demanda crescente de alunos, o que dificultava a administração e o seu próprio funcionamento. De acordo com discurso do Sr. Boanerges N. de Lima datado de 07/04/1947 e fontes pesquisadas, os prédios locados para o funcionamento da Escola Normal e anexos se encontravam em estado precário, com problemas de rachaduras, mofos, pouca iluminação, morcegos, entre outros.

Ressalta Souza que (1998, p. 42) a precariedade das escolas públicas e a falta de material pedagógico marcavam a distância delas com os novos processos pedagógicos, os novos princípios da escola nova e as propostas da época. Confrontando Souza (1998) com o discurso do Prof. Boanerges, podemos considerar que as condições dos prédios escolares neste período não apresentavam infraestrutura apropriada, dificultando o trabalho pedagógico como também a gestão escolar destes estabelecimentos.

Em 1919, inicia-se um movimento para a construção de um prédio próprio para a Escola Normal de Casa Branca. A Câmara Municipal, em Ata da

Sessão Ordinária em 10 de novembro de 1919, apresenta o Parecer da Casa a favor da doação ao Estado dos terrenos para a construção da Escola Normal

Parecer.

A Comissão de Redação apresenta redigido o projeto de Lei do Sr. José de Lima Horta, com a emenda das Comissões

Art. 1º Fica o Prefeito autorizado a adquirir os terrenos precisos para a construção do Edifício da escola Normal desta cidade, entendo em acordo com os respectivos proprietários.

Paragrafo único. Fica o prefeito igualmente autorizado a fazer doação gratuita ao Estado de São Paulo, desses terrenos, outorgando a respectiva escriptura, conforme estilo e pratica exigidas pelo Governo

Art.2º Para esse fim poderá dispender até a importancia de 7:000\$000(setecentos reis), fazendo as operações de credito que forem precisas

Art.3º Renogam-se as disposições em contrario. (Ata da Câmara Municipal, 10/11/1919, p. 96 – verso)

A futura construção do prédio da Escola Normal era acompanhada por notas publicados no jornal local “O Casa Branca”, do dia 20 de julho de 1920,

Escola Normal

Como é sabido a Camara Municipal em 1910, ofereceu ao governo do estado o terreno necessário para a construção de um prédio a servir de grupo escolar.

Essa obra teve começo,e, em consequencia de ter inrompido a guerra, foi tal construção suspensa. Agora, o que sabemos, será aquella obra, já iniciada, alterada e destinada ao prédio onde vai funcionar a Escola Normal, desta cidade.

O exmo. Sr. Dr. Altino Arantes, em a sua mensagem apresentada ao Congresso Estadual a 14 de junho diz que funcionaram no Estado 11 escolas normaes, com 3.433 alunos, sendo do sexo masculino 999 e do sexo feminino 2.424. A maior parte dellas, diz o digno presidente so Estado, deverão ser transformadas em escolas destinadas ao sexo feminino. As escolas de Campinas e Casa Branca, continuam ainda mal instaladas, em prédios alugados. O governo, porem, estuda os projectos de construção de novos edifícios para essas escolas, tendo já iniciado a construção do

prédio para a escola normal de Guaratinguetá. (jornal "O Casa Branca", 20/07/1920, n.120, última página)

De acordo com o memorialista Scacabarozzi (2003, p. 11), para a construção do edifício da Escola Normal de Casa Branca, foi adquirido pelo município uma área em 1911 e outra em 1919 no Largo da Misericórdia que se estendia até a Santa Casa de Misericórdia, onde existira um cemitério.

A aquisição das duas áreas em diferentes momentos se deu pela aquisição do primeiro terreno com a intenção de se construir o prédio do Grupo Escolar que funcionava no casarão alugado do Sr. Jeremias Barbosa Sandoval no Largo do Rosário. Esta intenção acabou sendo substituída pela construção do edifício da Escola Normal, uma vez que se utilizava de quatro lugares diferentes para atender a demanda existente, sendo o segundo terreno comprado para atender o projeto de construção da Escola Normal de Casa Branca.

Dados encontrados no Cartório de Registro de Imóveis e Anexos de Casa Branca trazem o registro de doação dessas áreas destinadas à construção da Escola Normal, uma parte com 300,15 m<sup>2</sup> feita mediante doação da Câmara Municipal conforme registro n. 3.555, Livro 3-E em 21 de junho de 1911 e outra parte em 03 de dezembro de 1919, também doação da Câmara Municipal conforme registro n. 6.626, Livro 3-H, totalizando uma área de 6.056,15 m<sup>2</sup>, incorporadas à Fazenda do Estado de São Paulo conforme Lei n. 231 de 10 de novembro de 1919.

Em notas o jornal local fomenta na população casa-branquense um clima de expectativa em torno das obras de construção do novo prédio da Escola Normal, sendo a primeira nota encontrada em 1919 registrada abaixo,

#### Predio da Escola Normal

Não lograram resultados os inauditos esforços dos situacionistas para conseguirem antes das eleições municipais o início das obras do futuro edifício da Escola Normal. Até hoje, nem posto em concorrência, ao menos, foi a construção do referido prédio.

O digno governo do Dr. Altino Arantes, que tão boa vontade tem para esta terra, se fechasse o seu governo determinando a construção de tal edifício, são necessários para a regularidade do ensino normal iria com isso cada vez mais deixar no coração deste povo um inundo reconhecimento. (jornal “O Casa Branca”, 02/11/1919, n. 1.218, verso da segunda página)

Nas edições seguintes, o jornal “O Casa Branca”, continua destacando o breve início das obras do novo prédio da Escola Normal “Ao que parece, muito em breve serão dados os primeiros começos nas obras de construção do prédio destinado à Escola Normal local.” (jornal “O Casa Branca”, n. 1.231, verso da segunda página).

Apesar das notas sobre a construção da Escola Normal em 1919, foi em 21 de abril de 1920 colocada a Pedra Fundamental marcando o início das obras do prédio com a presença de representantes do município, de acordo com o jornal local,

#### A Pedra Fundamental

O governo do Estado contratou com um engenheiro, pela quantia de 160;000\$000, os alicerces sobre os quaes deve ser assentado o edifício destinado á Escola Normal desta cidade. **De certo o governo determinou a Camara Municipal e á directoria da Escola para que selennemente collocassem a pedra fundamental dos respectivos alicerces.** Foi por isso que a 21 de abril p. findo realizou se, na presença de representantes do município, foro, estabelecimentos de instrucções associação, o acto ao qual já nos referimos.

Após os hynnos Nacional e o Salve Escola cantados pelos alumnos do Grupo Escolar deu-se começo a colocação da pedra. Trez oradores usaram da palavra.

**Notamos que, pela primeira vez nesta cidade, um acto como esse, fosse realizado sem a presença de um ministro da religião catholica, quando é certo que a maioria do povo casabranquense é catholica.**

Falou em primeiro logar o sr. Dr. Alvino Lima, representando a Camara Municipal. Este, depois deum exórdio parabólico, como quem tivesse um arrocho ao pescoço, disse...quando os homens de real valia vinculam os seus esforços à conquista de um bem commum, com unânicos applausos,não faltam espiritos pessimistas, quiza malévolos, os taciturnos urdidores de empeços e desvio á idéia triumphante, a entralhar o caminho.

- Si houve unânimes applausos que acompanharam a conquista do bem commum, donde surgiram os espíritos pessimistas, os malévolos urdidors de troços, ao caminho para entrada triumphante do laureado ou laureados combatentes pelo bem commum !

- Povoou, de certo, o cérebro do orador a Idea de uma nova phase de retractação; pesava-lhe no coração qualquer mal secreto, faltava-lhe a paz da consciência! A paz serena e boa que só a pode esposar aquelles que trabalham para um bem commum e aquelles que não se aliviam!

Outróra. Quando Casa Branca disputava a honra de conseguir dos altos poderes do Estado a criação da Escola Normal, havia por ahi muita gente que julgava impossivel essa conquista. Entre esses urdidors de ridículos entraves, individuos houve que accusaram os actuaes chefes políticos como faltos de prestigio para conseguir um commetimento tão elevado! O orador referido, redigira por esse tempo, dois jornaeslocaes – “O Commercio” e “O Tempo” os quaes não inseriram uma linha sequer em relação ao assumpto da criação de uma Escola Normal em Casa Branca.

Creada a Normal, os desejos do bem commum atiram-se ao bem “come uns” e se julgaram os mais competentes, os mais adequados, os possuidores de lábios mais delicados para terem a honra de serem os sugadores do erário publico!

E agora, os felizardos, fazendo do “bem commum”, um instrumento político. Em dias de mau humor. Atiram-nos sobre o rosto os efeitos de uma pertubação gástrica...

- Em seguida usou a palavra um professorando que produziu brilhante peça oratória que mereceu os mais justos conceitos.

Falou finalmente os director da Escola Normal que, na sua voz grave e compassada declarou que em 1922 S. Paulo ira solemnizar a passagem do primeiro centenário da Independencia e nessa ocasião Casa Branca terá o direito de concorrer com o edificio que naquelle momento recebia a primeira pedra. (Jornal “O Casa Branca”, 02/05/1920, n. 1.244, primeira página)

Destacamos na matéria acima a colocação da pedra indicando o início das obras da Escola Normal, com uma cerimônia marcada por discursos, com a participação do representante da Câmara Municipal, alunos, professores e Diretor da Escola Normal.

Em outro trecho ressaltamos a “estranheza” do jornal diante da ausência de um ministro da religião católica no evento, “uma vez que a maioria da população casabranquense era católica” e considerando sua presença era

constante em nos eventos da cidade, contudo, não conseguimos apontar através das fontes pesquisadas os motivos desta ausência neste evento.

Entre as notas publicadas, destacamos a edição do dia 15 de fevereiro de 1920 encontramos em uma muito peculiar sobre a construção do prédio da Escola Normal a qual destacamos abaixo,

#### Escola Normal

Proseguem os trabalhos dos estaqueamentos para a construção do prédio destinado à Escola Normal local.

Este acto fez pertubar o socego dos defuntos do cemitério velho, pois têm apparecido ossadas humanas em grande quantidade!

Oxalá não nos aconteça como edificio que no mesmo local se estava edificando – o grupo escolar – cujas as obras foram suspensas por falta de verba e pelos protestos dos defuntos!...(jornal “O Casa Branca, n. 1233, verso da segunda página)

No terreno onde se levantava a Escola Normal outrora era o cemitério da cidade, o que aumentava a expectativa e as histórias sobre a obra.

O jornal noticiava cada movimentação em torno da nova construção, desde a demora da entrega dos materiais, conforme nota do jornal “O Casa Branca” em nota no dia 11 de julho de 1920,

#### Escola Normal

As obras que se estão praticando nesta cidade afim de construir-se o edificio da Escola Normal, resentem-se da falta de materiaes. Ao que sabemos a companhia mogyana tem difficultado o transporte de materiaes. Competia ao “directorio reconhecido” tomar as providencias, intercedendo para que a Mogyana facilite esse transportes.

Mas infelizmente, o directorio situacionista, dorme o sono plácido, trabalhando pela segurança da família reinante, e a respeito ao progresso local nada faz. Que os deuses se lembrem de Casa Branca.” (jornal “O Casa Branca, 11/07/1920, n. 1.254, primeira página),

Podemos acompanhar quase todo o processo de construção do prédio destinado a Escola Normal pelos jornais que noticiavam a “cada tijolo movimentado”, entre elas, destacamos,

Escola Normal 2º empreitada das obras da escola Normal contratada pelo governo do Estado com o competente empreiteiro sr. Tortelli di Nunci.

(Escola Normaes de Guaratinguetá e Campinas e grupo escolar de Araçatuba).

Trabalho contratado para 3 anos

...O local onde está sendo edificado o edifício , que será vasto e elegante, foi oferecido ao governo, em 1910 para esses fim destinado pela camara municipal e mais 20 contos de auxilio quando era prefeito o sr. Dr. Octavio Ferreira de Barros. Está encarregado de acompanhar os trabalhos o sr. Sebastião Arruda Silva.( Jornal “O Casa Branca, 21/04/1922, n 1337, primeira página)

A troca de empreiteiros, a chegada de material, o andamento da obra, todos os fatos eram em nota publicada no jornal local, possibilitando, desta forma a acompanharmos a construção da Escola Normal.

Em 1925 a obra de construção da Escola Normal é retomada com o mestre de obras o Sr. Natalino Ferrari, administrador de outras obras, segundo fonte do jornal “O Casa Branca” do dia 01 de novembro de 1925.

Já em 1926 as informações sobre a construção continuam sendo notícia,

Escola Normal

Andamento da construção da Escola Normal que em breve uma parte receberia o madeiramento (parte do anfiteatro) destinação do Congresso do Estado 100:000\$000 destinados a obra. (Jornal “O Casa Branca, 01/01/1926, n1, verso da segunda página)

As obras da Escola Normal constam em várias edições do jornal “O Casa Branca”, ao longo dos anos pudemos acompanhar suas paralisações e andamentos, como esta do dia 01 de junho de 1926,

Obras da Normal

Continuam com afinco as obras do prédio destinado à escola normal da cidade

O amphitheatro já se acha coberto, e uma parte do edifício – lado esquerdo está quase no caso de tampem receber a telha. Julga o Sr. Natali Ferrari, concluir a cobertura de todo o prédio dentro de trez mezes.

Nós que acreditamos, o governo do benemérito Dr. Carlos de Campos, auxiliado pelo seu digno auxiliar Dr. José Manoel Lobo, bem dispostos a beneficiar Casa Branca, no tocante a possuir um prédio modelo, bem disposto, temos esperanças que ditas obras sejam levadas a termo e ainda inaugurada pelo actual governo.

O novo directorio governista, sabemos, tem nesse sentido empregado o melhor de seus esforços. (jornal “O Casa Branca, 01/06/1926, n. 22, primeira página)

Podemos acompanhar em várias notas publicadas neste jornal local a relação estabelecida entre o governo do estado e a finalização da obra, o empenho político e o apoio da Câmara Municipal.

Na edição n. 38 do jornal “O Casa Branca” datado de 19 de setembro de 1926, encontramos outra nota publicada sobre a construção da Escola Normal, e o trabalho da Câmara Municipal junto ao governo estadual para a finalização da obra,

#### Obras da Normal

Esta quasi coberto, na sua totalidade, o prédio em construção destinado á Escola Normal desta cidade.

Segundo, sabemos, o benemérito presidente do estado, exmo Snr Dr. Carlos de Campos, conta no seu quatriênio inaugurar o prédio referido.

Sabemos que o exmo Sr. José Lobo, benemérito secretario do Interior, tem nesse sentido se manifestado com as maiores sympathias, com o maior empenho em vêr Casa Branca beneficiada com melhoramento tão necessário.

Nesse propósito a nossa Camara Municipal tem procurado encaminhar as cousas para o feliz êxito e no “Jornal do Commercio” de 15 encontramos o seguinte: “ **Foi encaminhada à Secretaria da agricultura a representação da Camara Municipal de casa Branca, sobre a concessão de verba para a conclusão do edifício da Escola Normal d’aquella cidade.** (jornal “O Casa Branca” 19/09/1926, n. 38, primeira página)

Destacamos na nota acima a mobilização da Câmara Municipal junto o Governo no propósito de conseguir verbas para a finalização do edifício. O descontentamento pela demora da construção e a situação dos prédios alugados para abrigar a Escola Normal encontra-se publicada no jornal “o Casa Branca” em 1926, edição 41,

O Edifício da Normal

Não há cidade ou Villa no Estado que não possua um prédio próprio – edificado especialmente para grupo escolar. Casa Branca era, e ainda é a exceção.

Porque?

Só agora os independentes democráticos estão se lembrando disso, porque as obras do edifício da escola Normal têm proseguido de um anno a esta parte....

**[...]Tas obras oito annos estavam paralyzadas. Os democráticos, os mesmos de “hontem”, não viram isso...**

**[...] As indirectas, as censuras, as “reclamações”, quanto a demora da construção do prédio só reverterá contra a situação anterior, de que os redactores do orgam democrático faziam ou ainda fazem parte...**

**[...]Diz ainda o orgam novo: “Demais os casarões que por uma irrizão grotesca servem de prédios escolares – dois deles pelo menos estão desmoralizados: sobre um paira a suspeita de infecção, calamitosa, e outro está cahindo aos pedaços, ora uma taboa, ora os lambreguins, ora uma parede que racha assustando o bando sinistro dos morcegos que voejam espavoridos. (jornal “O Casa Branca”, 10/10/1926, n .41, primeira página)**

Na nota acima evidenciamos as indagações a respeito da finalização das obras da Escola Normal e as condições dos casarões que a abrigavam, como anteriormente já nos referimos, com problemas estruturais e sem condições de higiene.



Figura 23 - Foto do Anuário do Ensino de 1926 (p. 381)

No Anuário do Ensino de 1926 foi publicada a foto da construção da Escola Normal, como um dos prédios escolares do estado de São Paulo. A foto destacada no Anuário aparece com o subtítulo “Edifício em construção para a Escola Normal de Casa Branca”, nela podemos observar andaimes em torno da construção, com suas paredes levantadas e parte do telhado já instalado, percebe-se que ainda havia muito trabalho a ser feito antes da sua conclusão.

No jornal “O Casa Branca”, continuam as notícias sobre as obras da Escola Normal e do trabalho do empreiteiro Natali Ferrarri,

Obras da Normal continuam com muito afinco as obras destinadas a Escola Normal desta cidade, achando-se a testa das mesmas o hábil e inteligente artista Sr. Natali Ferrari. (jornal “O Casa Branca”, 13/03/1926, n.11, verso da segunda página)

Todas estas notas produzem ansiedade e aumentam a expectativa na comunidade casabranquense em torno da finalização das obras da Escola Normal. Buscava-se informações, causas ou mesmos os motivos para o atraso nas obras, como pudemos verificar na visita do Secretário dos Negócios do Interior Dr. Fabio Barreto a Casa Branca em outubro de 1927.

Durante o banquete a ele oferecido, tomou a palavra o Dr. Octavio Ferreira de Barros, membro do diretório, que em um dos trechos do seu discurso fez referências sobre a situação dos prédios da Escola Normal e do Grupo Escolar e a expectativa da conclusão das obras, como podemos verificar,

Visitastes as nossas escolas e os predios onde se aninham e se implumam, para os vãos de amanhã, os jovens paulistas. Estarão esses velhos casarões adaptados e quase em ruínas, na altura e no renome a que chegou a instrução publica no Estado de São Paulo? Habitado ao convívio do povo a escutar-lhes generosas pulsações, deveis ter observado que a aspiração generalizada consiste na conclusão das obras, já tão adiantadas, da Escola Normal e um edifício para o Grupo Escolar. Os menores villarejos de nossa terra, ostentam como padrão de desvello por parte do Governo, o seu risonho edificio escolar. Taesanhelos são tão visíveis, andam pelo ar tão abertamente, que não duvidamos, com risco de sermos taxados de indiscretos, de trazel-os para aqui, contando com a vossa benevolencia.(jornal “O Casa Branca, 23/10/1927, n. 42, p 4)

Dr. Octavio Ferreira de Barros em seu discurso refere-se aos prédios que acolhem a Escola Normal como “velhos casarões adaptados e quase em ruínas” e indaga o Secretário do Interior se estes estão à altura do renome em que alcançou a instrução pública paulista, pedindo-lhe a finalização da obra.

Em 1928 as obras da Escola Normal ainda fazem parte do noticiário dos jornais locais, destacamos,

#### Obras da Normal

Há annos foram iniciadas nesta cidade as obras do prédio destinado á Escola Normal, vinha esse serviço sendo feito por meio de empreitadas de verbas pequenas instituídas pelo congresso. Seguiam se depois as chamadas de concorrência publica e assim temos alli uma obra inícida a 10 annos. Agora, segundo lemos no “ O Correio Paulistano” será destinada ás obras do edificio referido a verba de 370:000\$000.

- Como sabemos a Escola Normal de Casa Branca, vem funcionando em prédio acanhado. Para uma perfeita direcção a forma como está estabelecido o nosso aparelho escolar é um caso serio: o curso normal funciona á tarde com a secção feminina da escola modelo anexa, quando o curso complementar funciona pela manhã, com a secção masculina da escola modelo annexa e a escola modelo isolada – isto tudo em prédios diferentes(4) separadamente!...

Ora, só mesmo depois de terminado o prédio, o grande prédio em obras á praça “Dr. Barreto”, é que poderão desaparecer essas dificuldades.

( Jornal “O Casa Branca”, 23/12/1928, n. 52, primeira página)

As causas pelo atraso nas obras da Escola Normal, segundo o memorialista Scacabarozzi (2003, p.16) se deu por diversos fatores externos como o início da 1<sup>o</sup> Guerra Mundial em 1914, não obtendo o investimento esperado do governo, logo finalizado a Guerra Mundial teve inicio a epidemia da gripe espanhola que acabou fazendo de vítima o presidente eleito Rodrigues Alves, ficando novamente para trás as obras do prédio da Escola Normal, além dos embates políticos em torno da construção do edifício; ressaltando que Casa Branca era uma cidade pequena e com poucos recursos financeiros, tendo sua renda atrelada a cultura cafeeira e a estrada de ferro.

No jornal “O Casa Branca”, edição de 01 de junho de 1930, destacamos a nota a qual faz referência as obras da Escola Normal e a política local,

#### Obras da Normal

A 21 de abril de 1920, foi collocada a pedra angular do edifício, que se esta se edificando á praça Dr. Mattos Barreto e destinado para o funcionamento das aulas da nossa escola normal. Não é demais lembrar se que estas obras tiveram um movimento moroso, com verbas pequenas e por isso mesmo com interrupções, para chamamentos de propostas e outras formalidades. **Foi conseqüentemente depois que Casa Branca, teve outra diretriz política e administrativa, que ditas obras tiveram um movimento mais firme e continuo. Ao que sabemos, si o Congresso Estadual destinar uma verba, que comporte, em 1931, as aulas das escolas Normal, complementar e Modelo, serão transferidas para o novo prédio.**( jornal “O Casa Branca” 1 de junho de 1930 – n. 21 primeira página)

Atribui-se nesta nota a morosidade na construção da Escola Normal a pequenas verbas, interrupções, licitações e atribui a sua retomada com mais afinco as mudanças políticas e administrativas da cidade

Dez anos após o início da construção do prédio da Escola Normal, continuava com sua obra não finalizada, como destacou o jornal “O Casa Branca” em 1930,

#### Obras da Normal

O Contracto com o Sr. Mario Cardoso Guimarães, segundo nos informam, está terminado. As obras tiveram começo em 1920 e temtido diversas interrupções. Há portanto mais de 10 annos que as mesmas foram iniciadas E não seria nenhuma injustiça se alguém affirmasse que as mesmas só tiveram mais vigoroso impulso durante a gestão do partido político que administrou até outubro p.p. Resta agora aos novos próceres da política, com a boa vontade com vêm demonstrando, não deixarem interromper ditas obras e , finalmente, levarem-na à conclusão. (jornal "O Casa Branca" 21/12/ 1930, n. 49 verso da primeira página)

Depois de 12 anos de construção, em 1932, prédio tem sua obra praticamente concluída, edificada no centro da cidade ao lado da Santa Casa de Misericórdia, com um imponente prédio, destacava-se entre as construções da cidade.

Mesmo a obra ainda inacabada, algumas classes foram transferidas para o novo prédio juntamente com o administrativo da escola, como podemos verificar em nota do jornal "O Casa Branca",

Todo o trabalho de secretaria e demais de administração já estão funcionando em o novo prédio sito à praça "Dr. Barreto"  
Dês (10) classes da escola de Aplicação passarão a funcionar em o novo prédio. O restante (12) irão constituir o grupo escolar "Dr. Rubião Junior", AA praça Barão de Casa Branca (jornal "O Casa Branca" 7 de fevereiro de 1932 n.6 primeira página)

Sobre os projetos arquitetônicos das Escolas Normais, de acordo com Corrêa (1991), eram utilizados os mesmos projetos em diferentes edificações escolares, no caso de Casa Branca foi aplicado o projeto da Escola Normal de Campinas,

Com algumas exceções, para as edificações escolares executados entre 1980 e 1920 foram utilizados "projetos padrões", que com variações de fachadas ou mesmo com fachadas idênticas, eram implantados em diversas localidades.(CORREA, 1991, introdução)

Diferentemente dos grupos escolares, as Escolas Normais possuíam programas arquitetônicos mais extensos, com laboratórios, biblioteca e, Corrêa et al., (1991) acrescenta,

A dimensão desses prédios e o tratamento requintado que receberam estão refletidos no aspecto monumental que apresentam[...]

[...]Esses edifícios destacam-se pela excelente qualidade construtiva, tendo contribuído para isso os materiais de acabamento utilizados, a maioria deles importados, e a mão de obra disponível, altamente qualificada.(CORRÊA et AL., 1991)

O projeto arquitetônico utilizado na Escola Normal de Casa Branca elaborado por Cesar Marchisio segue o mesmo da Escola Normal de Campinas, tendo apenas sua fachada modificada e simplificada. Segundo Wolff (2010, p. 281) Cesar Marchisio era detentor de longa experiência na área, e acrescenta “A arquitetura de Marchisio traz arraizada a experiência acumulada pelo serviço público em mais de vinte anos de projetos de escolas”. Cesar Marchisio foi arquiteto de importantes escolas normais, além da escola de Casa Branca, projetou a escola de Campinas e Guaratinguetá, como também alguns grupos escolares.

O projeto sofreu algumas alterações no decorrer da construção que se estendeu por mais de 10 anos, de acordo com a observação de Corrêa et al. (1991)

Percebe-se que o aspecto final da edificação não retrata exatamente sua concepção original, espelhando, por outro lado, todo um processo de transição que estava ocorrendo na arquitetura paulista, iniciado já no período pós-guerra. (CORRÊA et al., 1991, p. 142)



Figura 24 - Escola em fase de acabamento  
Foto do Museu da Escola Normal de Casa Branca

Para Corrêa, Mello e Neves (1991, p.145) as três escolas normais: Campinas, Guaratinguetá e Casa Branca, projetadas por Marchisio, têm em comum, entre outros, as circulações internas abertas contornando os pátios, como podemos observar nas fotos abaixo,



Figura 25 - Foto da Escola Normal – Arquivo do Museu da escola Normal (1)

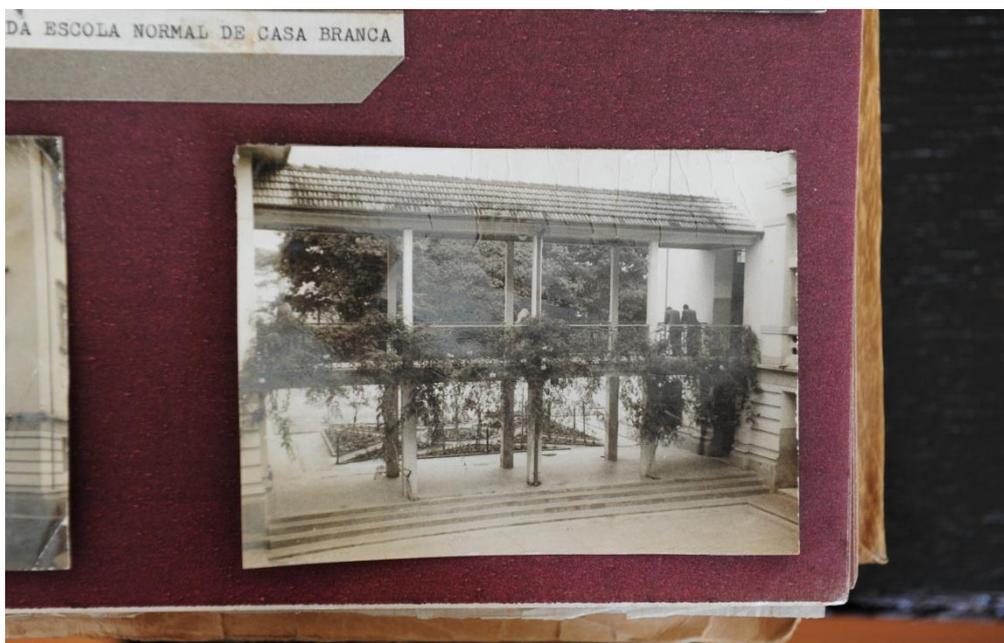


Figura 26 - Foto da Escola Normal – arquivo do Museu da escola Normal (2)



Figura 27 - Foto da Escola Normal – arquivo do Museu da escola Normal (3)

Em Casa Branca, de acordo com Corrêa (1991) o aspecto final da edificação da Escola Normal não retratou o seu projeto original, e sim o processo de transição que estava ocorrendo na arquitetura paulista no pós-

guerra. Apesar da simplificação do projeto, a autora ressalta que “esses edifícios destacam-se pela excelente qualidade construtiva, tendo contribuído para isso os materiais de acabamento utilizados, a maioria deles importados, e a mão de obra disponível, altamente qualificada”.

O edifício da Escola Normal de Casa Branca possui um piso térreo, e dois andares superiores, sendo o térreo com 10 salas de aulas com a média de 43,74 m<sup>2</sup> contendo, banheiros feminino e masculino (cada um posicionado em um corredor), 7 salas menores destinadas entre outros ao Grêmio Estudantil, depósito; um pátio coberto e uma quadra de esportes.

O primeiro andar (segundo pavimento) são 8 salas de aula com a mesma metragem, seguindo a planta do andar térreo, na entrada principal sala dos Professores à esquerda e a Diretoria a direita, em frente, a escada principal secretaria, biblioteca, no final do corredor principal o anfiteatro, com banheiros feminino e masculino no final de cada corredor lateral. Durante a pesquisa não encontramos registros da ocupação dos espaços escolares pelos diretores, professores e alunos durante o período investigado, assim como nenhum vestígio que nos levassem a identificar tais ocupações, sendo possível identifica-las apenas em conversas com ex alunos da Escola Normal as quais citamos acima.

No segundo andar ou pavimento, são dez salas de aulas com as mesmas medidas, também seguindo o padrão dos anteriores, com dois laboratórios, um em cada corredor, à esquerda laboratório de biologia, e a direita de Química e Física, neste andar não existem banheiros, ao centro do prédio há uma pequena sala de acesso a sacada principal de onde vemos a sua frente à Igreja Matriz, ao lado esquerdo a Santa Casa, ficando a Escola Normal no centro da cidade em uma grande praça. Neste andar encontramos os laboratórios de Química/Física e Biologia sendo restaurados, neles estão inúmeros materiais e equipamentos utilizados nas aulas durante anos, porém não conseguimos precisar quando e quais turmas utilizaram tais laboratórios.

Observação também feita Wolff (2010) que pelo longo período de construção o projeto inicial da Escola Normal de Casa Branca sofreu alterações, e ressaltando,

A solução final empregada em Casa Branca, com a criação de paredes de oitão com beirais salientes nos três corpos da fachada principal, é uma solução muito pouco freqüente na arquitetura das escolas da primeira república, e reduz sua aura de edifício como, também sua imponência. (WOLFF, 2010,p. 283)

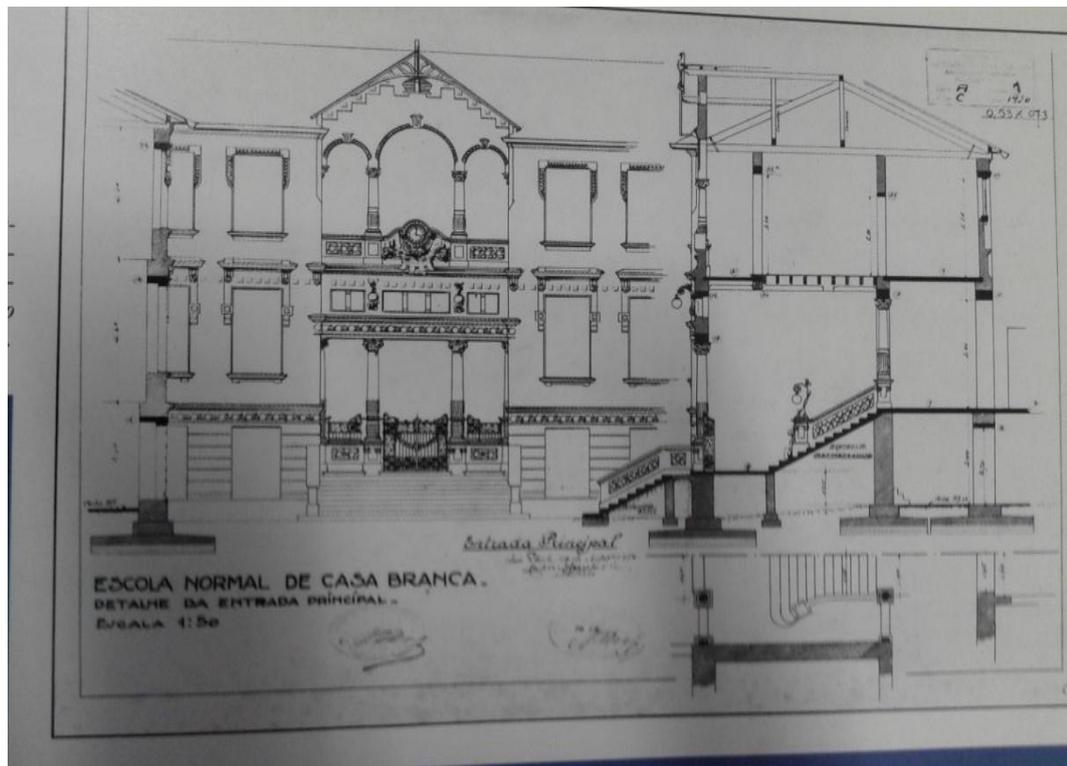


Figura 28 - Imagem do Livro – Arquitetura Escolar Paulista - 1890 – 1920 (p. 145)

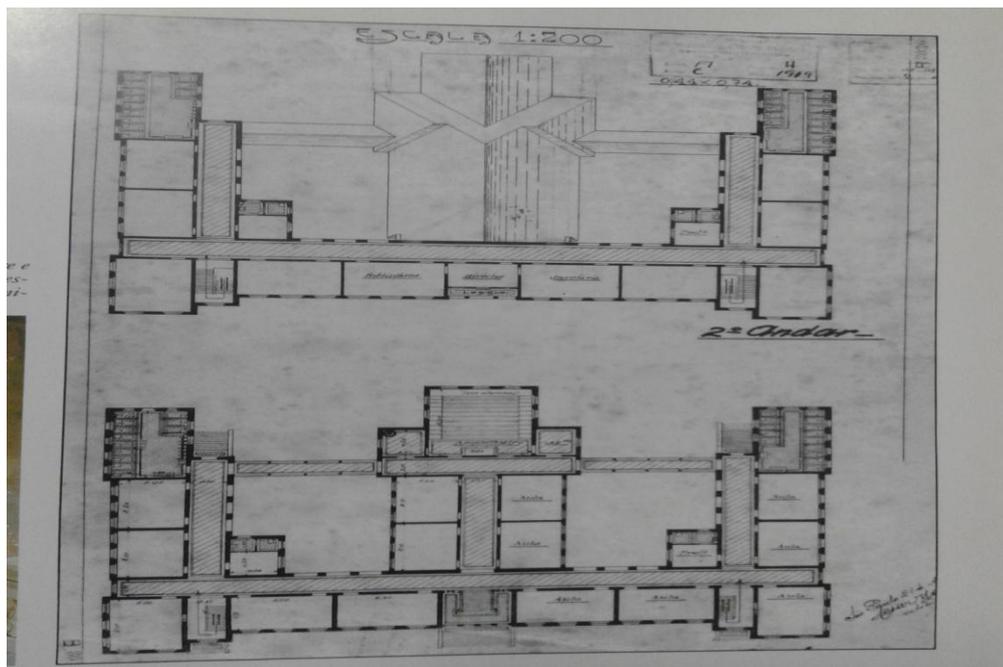


Figura 29 - Imagem do Livro “Arquitetura Escolar Paulista” 1890 – 1920 (p. 143)

Planta do 2º pavimento

De acordo com Wolff (2010), o seu projeto inicial, sofreu alterações, utilizando-se de uma fachada pouco frequente na época, reduzindo sua imponência e os custos da obra.

Segundo Corrêa, Mello, Neves (1991) o projeto inicial idealizado por Marchisio não foi executado, sofrendo várias adaptações no decorrer dos anos com o propósito de diminuir custos, para este fim, foram cortados alguns elementos decorativos que ornamentariam o edifício como também a instalação de um relógio no guarda-corpo do terraço superior.

No ano de 1930 cogitava-se a inauguração da Escola Normal para o próximo ano (1931), como podemos observar nas edições n. 21(01/06/1930 – primeira página) e n. 32 (17/08/1930) do jornal “O Casa Branca” destacado abaixo,

Escola Normal

O sr. Secretario da Viação enviou á Secretaria do Interior o processo numero 1154, devolvendo o processo relativo á continuação das obras da escola normal de Casa Branca, e comunicando que

aquella secretaria vai expedir uma ordem de serviço ao sr. Dr. Mario Cardoso Guimarães, empreiteiro das referidas obras autorizando a concluir as ( Aviso S 1287 de 8 de agosto de 1930). (Jornal “O Casa Branca”, 17/08/1930, n. 32 – primeira página)

A inauguração oficial não se realiza em 1931 e a expectativa é para que aconteça em 1932, apesar das dependências já estarem sendo utilizadas pela Escola Normal.



Figura 30 - Foto arquivo pessoal José Renato Thadeu Lima

Segundo o Secretario do Interior, Dr. Fábio Barreto, em visita a cidade, determina que as obras deveriam ser realizadas com a máxima modéstia e economia, registro este encontrado em 1932, no jornal “O Casa Branca” sobre as obras da Escola Normal , como podemos acompanhar,

#### Obras da Normal

Estão chegando quase ao seu termo as obras do edifício destinado á Escola Normal desta cidade. Terminadas estas, as aulas que vêm sendo em dois períodos passarão a ser praticadas num só.

O dr. Fabio Barreto então Secretario do Interior, quando aqui esteve em outubro de 1927, atendendo ao grande empenho feito pela política deposta pela revolução em 1930, determinou a conclusão das obras respectivas, uma das poucas obras publicas do Estado que não estavam suspensas por falta de numerários, declarou que as obras continuariam, porem, devido ás aperturas dos cofres do estado, as mesmas seriam feitas com a máxima modéstia e por isso mesmo com a máxima economia. (jornal “O Casa Branca”, 07/05/1932, n. 19, primeira página)

Mesmo com as obras inacabadas, iniciasse o ano letivo de 1932 no novo prédio, de acordo com a nota publicada no jornal local informando o local e os horários das aulas,

#### Escola Normal

As aulas do presente ano letivo, nos cursos Normal, Complementar, de Aplicação e Modelo terão início a 1º de março próximo, no novo prédio da Normal, á praça “Dr. Barreto”

#### Horario

Os alunos dos cursos Normal e Complementar deverão comparecer á Secretaria da Escola até o dia 29 do corrente afim de saber o período em que terão aulas, de acordo com o horário já publicado, pois a 1º de março as aulas já funcionarão regularmente.

#### Aulas em dois períodos

As aulas dos diferentes cursos funcionarão, provisoriamente, em dois períodos, a saber:

Período da manhã – Curso Normal – 1ºano A, 2ºano A, 3ºano A, 4º ano A

Curso Complementar - 1ºano A, 2ºano A, 3ºano A

Curso de Aplicação – seção masculina

Escola modelo isolada masculina

Periodo da tarde - Curso Normal – 1ºano B, 2ºano B, 3ºano B, 4º ano B

Curso Complementar - 1ºano B, 2ºano B, 3ºano B

Curso de Aplicação – seção feminina

Escola modelo isolada feminina (jornal “O Casa Branca” 28/02/1932, n. 9, verso da segunda página)

Em 1932, a data de inauguração oficial é noticiada pelo jornal “O Casa Branca”,

Ao que sabemos, dar se-a no dia 7 de abril a inauguração oficial da escola normal desta cidade e a sua função definitiva no prédio em conclusão à praça “Dr. Barreto. (jornal “O Casa Branca”, 24/01/1932, n.4, verso da segunda página)

A inauguração não é realizada e em nota é publicada os preparativos para a sua inauguração, em nova data, como podemos acompanhar abaixo

#### Escola Normal

Inauguração – Em assembléia de professores dos diversos cursos anexos á escola normal, previamente convidados pelo diretor senhor professor Pedro Fonseca, e reunidos em o salão da Biblioteca, foi pelo mesmo comunicado que as obras do prédio estavam próximas ao seu término e por isso pedia sugestões dos senhores professores relativamente á forma a ser posta em prática- as solenidades da inauguração definitiva do prédio.

Há despesas a serem praticadas, e, estas não pequenas e por isso mesmo lembrava tanto este fato de grande importância, assim como a de prefixação de uma época, para essa mesma solenidade

O Usaram a palavra diversos professores. Em último lugar falou o professor senhor Carvalho Rosas, lembrando que a inauguração da escola normal, na sua função em prédio novo, deve ser um acontecimento que tenha de perpetuar na memória do povo de Casa Branca e no registro geral da tradição de uma terra. Realiza-la entre alunos e professores, apenas entre muros do prédio, não atingiria a um ideal como era de se desejar porque esse acontecimento deve ser popular. Nesse caso o senhor diretor ficaria encarregado de se entender com o senhor prefeito municipal, solicitando os seus bons ofícios junto ao Departamento Municipal do Estado, a fim de conseguir-se um auxílio pecuniário, visto como a inauguração de um estabelecimento desta natureza, e sob as vistas do governo, não pode ser realizada, senão com solenidades e observações protocolares. Aceitando o encargo o senhor diretor convocará nova assembleia para resolver a questão em foco.

AGORA NO'S -- Foi "O Casa Branca" o único jornal desta terra que se bateu pela criação de um estabelecimento de ensino local como seja a Escola Normal de Casa Branca, e julgamos que: passando-se no dia 11 de junho deste ano, o vigésimo aniversário da inauguração oficial desse estabelecimento, julgamos próprio esse dia para a inauguração do prédio próprio e para o qual o povo concorreu com o a vontade. Recorra-e mais uma vez para os sentimentos populares e façamos uma festa digna de um povo brioso e cioso das suas tradições.

Dos professores que acompanharam a inauguração em 11 de junho de 1913, aqui ainda residem os professores: Moisés Horta Macedo, Nicanor Pereira da Silva (aposentados), Teodoro Volponi e Alberto Krum e os funcionários, dona Anunciata Bossi Nobre e Brulino de Oliveira Lima.

Há também um professor adido Justino de castro que dirigiu a orquestra no dia dessa inauguração, na escola e no banquete. Este é o único que possui todos os documentos autênticos, originais da grande campanha pró escola normal, que constara no seu livro "História de Casa Branca".

(jornal "O Casa Branca" 22/04/1933,n.16, primeira página)

De acordo com a nota acima, em assembleia os professores reunidos nas dependências da Escola Normal, conduzidos pelo diretor Pedro Fonseca, levantavam sugestões para a solenidade de inauguração do prédio, já ocupado pela comunidade escolar normal. Segundo o jornal, o professor Carvalho Rosas sugeriu uma cerimônia aberta para a população, um evento que "perpetua-se na memória do povo de Casa Branca".

Em nota o mesmo jornal em 1933, informa que a inauguração oficial da Escola Normal foi adiada,

### Escola Normal

Passa-se amanhã o vigésimo aniversário da inauguração oficial da Escola Normal desta cidade. A sua função provisória ficou determinada em o prédio oferecido pela municipalidade sito á praça Dr. Carvalho ( antigo Largo do Rosário)

O prédio definitivo, construído á praça “Doutor Barreto”, teve o seu inicio em 21 de abril de 1920, concluindo-se afinal em 1932.

Estava determinado que neste ano, teria inaugurado oficialmente a função das aulas e mais atos administrativos em o novo prédio. Motivos imperiosos, entretanto, aconselharam que essa grande e significativa cerimônia se realize mais tarde. (“O Casa Branca”, 10/06/1933, n 23, primeira página)

Porém a inauguração oficial não ocorre, segundo registros do jornal local, sabendo da importância atribuída a estes eventos, buscamos nas fontes pesquisadas os motivos que adiaram a sua inauguração e posteriormente a sua não realização, porém nenhum fato foi identificado.

Abordamos nesta segunda parte do capítulo a ocupação dos casarões utilizados pela Escola Normal. Foi necessária a locação de quatro casarões adaptados para atender a demanda crescente de alunos e de cursos anexos, até a conclusão do seu prédio próprio.

Os casarões locados não ofereciam infraestrutura e condições de higiene para atender a comunidade escolar, desde problemas com rachaduras, mofo, bolor, morcegos, entre outros.

Outro problema enfrentado em relação aos prédios locados estava a gestão escolar. Com os cursos distribuídos em quatro casarões, a administração e a aplicação das ações pedagógicas ficavam comprometidas.

Tem início em 1920 o movimento para a construção do prédio próprio da Escola Normal. Entre obras, paralisações, verbas e falta delas, foram necessários 19 anos para a sua conclusão. O prédio ainda inacabado acaba recebendo sua comunidade escolar em 1932, sem a realização da inauguração oficial marcada e desmarcada em várias datas.

### 3.3. Ocupação definitiva do prédio

Tem início em 1932 as aulas no novo prédio, sendo as seções distribuídas em períodos da manhã e tarde, seção masculina separada da feminina, como informado em nota do jornal “O Casa Branca” na edição n.9 de 28/02/1932.

Em julho de 1932, rompe a Revolução Constitucionalista e as aulas da Escola Normal são suspensas e o prédio acaba sendo utilizado pela comunidade casabranquense como apoio aos trabalhos voluntários.

Para contextualizar a Revolução Constitucionalista de 1932 e a Escola Normal de Casa Branca, lembraremos alguns fatos que levaram a revolução até Casa Branca e seus desmembramentos.

A Revolução Constitucionalista teve suas causas em 1930 quando Getúlio Vargas, depois do Golpe Militar, assumiu o governo provisório do país, centralizando o poder e nomeando interventores nos Estados, de acordo com Moreira (2002) foi um dos mais importantes acontecimentos da história republicana brasileira,

Expressão da insatisfação dos paulistas com a Revolução de 1930, o movimento serviu, antes de mais nada, para convencer o Governo Provisório de Getúlio Vargas da necessidade de pôr fim ao caráter discricionário do regime sob o qual vivia o país. Isto só aconteceria quando a constituição de 1890, tornada sem efeito, fosse substituída por outra. (MOREIRA, 2002)

Esclarece a autora, que em fevereiro de 1932 a crise se agravou, partidos paulistas romperam com o Governo Provisório de Getúlio Vargas e juntos deram início a preparação de um movimento armado contra o Governo.

Contornando a situação, Getúlio Vargas nomeia um novo interventor para São Paulo e apresenta o novo Código Eleitoral em 1932; mas estas ações não estancaram a Revolução.

Agravando, a morte de quatro estudantes (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo – MMDC) em um confronto com as forças legais, para Moreira (2002), acrescentou ao movimento o “ingrediente que faltava: mártires”.

A morte de estudantes em um confronto com as forças legais acabou introduzindo no cenário político o ingrediente que faltava: mártires. Suas iniciais - Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo – passaram a designar a sociedade secreta MMDC, interessada em articular a derrubada de Vargas.(MOREIRA, 2002)

Em 9 de julho, deu-se início a Revolução Constitucionalista, os paulistas mobilizaram grande parte da população, utilizando-se campanhas em rádios, jornais, conseguindo apoio do sul do Mato Grosso. Os combates ocorreram nas regiões do sul do Mato Grosso, sul de Minas Gerais e no estado de São Paulo. O jornal santista “A Tribuna”, em edição especial (p 06), 09/07/1954, relata dia a dia da revolução, onde podemos acompanhar os ataques a região de Casa Branca,

26 de agosto – As tropas ditatoriais avançam em direção de São José do Rio Pardo e Mococa.. Em Cunha, os constitucionalistas destroem os novos contingentes de tropas da ditadura. – O Catete lança “bônus” para financiar sua defesa.

4 de setembro – Em São José do Rio Pardo, as forças do Catete atacam violentamente – Os paulistas se percebem inferiores em número e armas. E não recuam. São superiores em ideal.

8 de setembro – A ditadura avança em Mogi-Mirim. Há combates encarniçados. – Em **Casa Branca** os paulistas resistem, num esforço sobre humano, às investidas incessantes das tropas do Catete. – Em Cunha e em Buri, há combates.

22 de setembro – A ditadura bombardeia Campinas, **Casa Branca** e Limeira. Aviadores paulistas, revoltados, atacam o campo de pouso dos aviões ditatoriais, destruindo os aparelhos que bombardearam Campinas. (Jornal “A Tribuna”, Ed. Especial, p. 6, de 09/07/1954)

Pudemos acompanhar pelos jornais locais a participação não só das indústrias, mas da população, especificamente dos casabranquense na Revolução Constitucionalista nas chamadas Campanha do Ouro e dos Capacetes, no trabalho voluntário. Para Moreira (2002) “São Paulo viveu um verdadeiro esforço de guerra”,

Não apenas as indústrias se mobilizaram para atender às necessidades de armamentos, mas também a população se uniu na chamada Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo. Pela primeira vez buscavam-se iniciativas não apenas militares para romper o isolamento a que o estado fora submetido. (Moreira, 2002)

Com a Revolução Constitucionalista iniciada em julho de 1932, as aulas são suspensas e a escola usada para exercícios físicos para voluntários homens que não eram reservistas com o professor Alberto Krum da Escola Normal,

#### Exercícios militares

Não convido a incorporação aos batalhões que estão seguindo com destino à Capital, por pessoas que não sejam reservistas do exercito, sem exercício, foi por esse motivo nomeado o sr professor Alberto Krum para a necessária instrução, que se verificará no pateo da escola Normal. As inscrições deverão ser feitas na prefeitura municipal

Aí fica o aviso. (Jornal “O Casa Branca”, n.30, primeira página)

Podemos confirmar a utilização do prédio da Escola Normal durante a Revolução Constitucionalista, na mesma edição com as informações da oficina de costura da “Casa do Soldado” nas salas da Escola Normal,

#### Oficina de Costura

Acha-se a oficina de costura as “Casa do Soldado” , instalada numa das salas da escola normal, apoiada pelos senhores Luiz de Silos, prefeito municipal, professores Moises Horta, da comissão de abastecimento e Pedro Fonseca, diretor da escola normal.

Os trabalhos estão sob a direção dos senhores Atilio Figueiredo, Benedito Falconi, Triunfo Vasconcelos, Venancio Gomes e Otavio Martins. Estes senhores trabalham dedicadamente, permanecendo na sala de costuras durante todo o tempo de trabalho...Já foram confeccionadas dezesseis fardas.” ( Jornal “O Casa Branca”, n. 30, verso da segunda página)

O edifício da Escola Normal, localizada no coração da cidade, serve de apoio os voluntários e suas ações durante a Revolução Constitucionalista, como podemos acompanhar em outra nota no jornal “O Casa Branca”, o envolvimento comunidade escolar normal na Revolução,

Acha-se a cargo do prof. senhor José Augusto Fesse, em continuação, a lista de assinaturas para compras de capacetes de aço, destinados aos nossos soldados em operações. Sabemos que todas as classes da escola Normal e anexas, do Grupo Escolar Rubião Junior e demais escolas ruraes e, assim como os respectivos professores, ofereceram quantias destinadas á compra de capacetes de aço...

- As classes pertencentes à Escola Normal e suas anexas contribuíram com a quantia 360\$000, que já foi entregue a quem de direito.( Jornal “O Casa Branca”, n. 35, verso da primeira página).

Outro registro da ocupação do edifício da Escola Normal durante a ocupação das tropas adversárias encontramos no livro de registro de matrículas. As notas dos alunos de 1922, encontram-se em algumas folhas rasgadas e com a seguinte anotação: “foram rasgadas quando o prédio esteve à disposição da forças legalistas em 1932”

O jornal “O Casa Branca” de 24/09/1932 em nota comunica a comunidade casabranquense da prorrogação da suspensão por tempo indeterminado das aulas por conta da Revolução Constitucionalista, como destacamos abaixo,

#### SUSPENSÃO DAS AULAS

Autorizado pela Directoria geral do Ensino, comunico aos interessados que as aulas desta Escola Normal e estabelecimentos annexos, continuam suspensas até segunda ordem.

Escola Normal de Casa Branca, 15 – 9-1932

(a) Pedro Fonseca,  
Director.(jornal “O Casa Branca”, 24/09/1932, n. 36, verso da primeira página)

Segundo Moreira (2002) o Estado de São Paulo sem o apoio de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul que se mantiveram leais ao Governo Provisório, acabou sendo vencido e no final de setembro. Assinada a rendição em 1º de outubro de 1932 pôs fim a Revolução Constitucionalista.

Com o fim da Revolução Constitucionalista, deu-se entrada na cidade de Casa Branca às primeiras tropas adversárias, de acordo com nota do jornal local,

As tropas adversárias

26 de setembro deram entrada na cidade os primeiros contingentes de tropas contrárias, não sendo encontrando o prefeito e o delegado de polícia, assumiu o cargo de prefeito militar o Sr. Tenente Synval Rezende. (jornal "O Casa Branca, 16/10/1932, n.37, primeira página)

Também na mesma edição (verso da primeira página) encontramos o edital de reabertura das aulas,

Escola Normal

Levo ao conhecimento dos interessados que as aulas da Escola Normal e estabelecimentos anexos reabrir-se-ão na próxima segunda-feira, 17 do corrente, obedecendo ao seguinte horário:

1º período - de 9 às 13 horas

2º período – de 13,30 às 17,30

Casa Branca, 13 de outubro de 1932

Pedro Fonseca

Diretor. (jornal "O Casa Branca, 16/10/1932, n. 37, verso da primeira página)

A cidade aos poucos vai retomando a normalidade após a revolução constitucionalista, como podemos verificar na nota publicada no jornal "O Casa Branca" de 23 de outubro de 1932,

A vida da cidade

...Casa Branca vai pouco a pouco retomando o seu ritmo costumeiro. Des do dia 17 do corrente, vêm funcionando as aulas da escola normal, grupo escolar, assim como as escolas do município...( "O Casa Branca" 23 de outubro de 1932, n. 38 primeira página)

Com as aulas paralisadas por conta da Revolução Constitucionalista durante os meses de agosto e setembro, o reinício das aulas foi marcado para 17 de outubro de 1932.

O novo prédio da Escola Normal reabre suas portas aos seus alunos definitivamente. Com seus cursos reunidos no mesmo prédio, com amplas instalações, banheiros, biblioteca, anfiteatro, laboratórios, a escola tem a sua administração e suas atividades pedagógicas favorecidas pelo espaço físico único.

Retomando suas atividades a Escola Normal no mês de novembro presta homenagens aos voluntários da cidade que colaboraram na Revolução Constitucionalista, conforme nota do jornal “O Casa Branca” datado de 13/011/1932, com o respectivo programa,

#### OS VOLUNTARIOS

Em aditamento à notícia publicada em a nossa edição passada, relativamente às homenagens prestadas aos nossos voluntários, alunos e professores em a nossa Escola Normal, cumpre-nos uma retificação e acréscimo. A' má informação devemos essa falta involuntária.

Somos solidários com todas as manifestações e homenagens que foram prestadas aos nossos voluntários e, daí, o motivo desta retificação. Foram os voluntários recebidos sob uma chuva de flores.

Os alunos e alunas das escolas Normal, Complementar e de Aplicação, formaram grandes alas e, por entre as mesmas alas passaram os bravos e briosos moços.

[...] O programa desempenhado, foi o seguinte:

- 1 Entrada dos voluntarios em marcha
- 2 Hino “O passado do Soldado”
- 3 Discurso pelo prof. Emerique
- 4 Recitativo pela professoranda Maria Armani
- 5 Discurso pelo professor Vitor Cunha
- 6 Respostas dos voluntários
- 7 Hino Nacional
- 8 Hino Paulista
- 9 Início das aulas

Nota – Não se verificou o início das aulas, ao contrário, com muita justiça, o senhor diretor declarou suspensas as aulas naquele estabelecimento de ensino, naquele dia. (jornal “O Casa Branca”, 13/11/1932, n 41, primeira página)

De acordo com a nota acima citada, a Escola Normal homenageia os voluntários da Revolução Constitucionalistas em uma cerimônia com a participação dos alunos, voluntários, professores e convidados; como outras, esta cerimônia foi marcada pelos valores cívicos difundidos neste período.

No discurso do professor Boanerges N. de Lima proferido no 23º aniversário da Escola Normal, refere-se à estrutura física dos prédios por onde passaram os alunos e o privilégio de estar em um novo edifício,

Oh vós freqüentais esta escola nos dias de hoje, imaginai quanto desconforto precedeu ao bem-estar que fruís hoje, sob o tecto deste confortável e amplo edifício, em que o ar e a luz inundam todos os recantos e as mais higiênicas instalações contrastam com a deficiência das adaptações de última hora, de outros tempos! Não obstante todos trabalhavam com entusiasmo!...

...Vêde que sois felizes dos aqueles que vos antecederam. Muitos benefícios de hoje não são senão sacrifícios do passado. O prédio atual de nossa Escola Normal, cuja pedra fundamental foi assentada em 1915 sobre o alicerce desprezado da construção destinado a o grupo escolar da cidade, representa ainda esforço e vontade do Exmosr.dr. Francisco Tomaz de Carvalho! Graças ao prestígio que soube conquistar na presidência Rodrigues Alves, foi-lhe fácil beneficiar Casa-Branca, com o que hoje tem de mais caro. (Discurso de 07/04/1936 - Boanerges N de Lima)

Os prédios escolares eram considerados marcos da presença do Estado nas cidades paulistas, símbolo de desenvolvimento econômico e social, serviam de referência, de acordo com Corrêa (1991) “os edifícios para os grupos escolares e escolas normais constituem um marco de referência na paisagem urbana do início deste século”.

Os prédios escolares representavam a importância atribuída à educação e ao progresso, segundo Wolff (1992)

A arquitetura escolar pública nasceu imbuída do papel de propagar a ação de governos pela educação democrática. Como o prédio público devia divulgar a imagem de estabilidade e nobreza das administrações.

[...] um dos atributos que resultam desta busca é a monumentalidade, consequência de uma excessiva preocupação em serem as escolas públicas, edifícios muito evidentes, facilmente percebido e identificados como espaços da esfera governamental. (Wolff, 1992, p.48)

O edifício da Escola Normal em Casa Branca, seguindo as representações da República, com seu prédio “monumental”, simbolizava o progresso, a educação como caminho para o desenvolvimento econômico e social.

O desenvolvimento da cidade esteve por muitos anos associado à chegada da Escola Normal como pudemos constatar em várias conversas informais com memorialistas casabranquenses , esta relação está presente também no discurso do professor Boanerges N. Lima, quando compara Casa Branca em 1912 em relação a 1936,

“A cidade contava então com a metade de prédios, que hoje se eleva ao número de 1.200, aproximadamente; pisamos o calçamento em conclusão na via principal; encanta a todos jardim realmente pitoresco; a cidade oferece aspecto bizarro e não há mês em que novas construções não se aprumam; a iluminação melhorou; as rendas municipais quase se duplicaram a contar de 1912; a água, que constitui problema de cogitação desde essa época, por sua escassês, jorrará cristalina e abundante dentro em breve; o comercio ativou-se; as delegacias de polícia e ensino regionais aqui se instalaram; e quantos benefícios mais virão, porque a Escola aqui prepara-lhes ambiente propício.

Tantos mil prédios em 1936, contra a metade em 1912, calçamento da aterria principal da cidade, jardim moderno, aspecto geral de rejuvenescimento, construções que se sucedem, iluminação melhorada, fonte crescida de renda municipal, atividade comercial, delegacias regionais de ensino e polícia, e tantos melhoramentos mais que não cabem nesse rápido retrospecto: tudo isso, meus senhores, haveis de concordar comigo, não é outra cousa senão o fator Escola Normal! Só o negará quem não conheceu o descambar em que ia Casa-Branca para a decadência e para a ruína em 1912! Se com esta instituição de ensino a cidade não retomou o impulso de muitas outras paulistas, e se não se nivelou às principais do interior, sem ela-a escola – Casa-Branca teria desaparecido ou ter-se-ia reduzido a montão de ruínas e escombros! (Discurso de 07/04/1936 - Boanerges N de Lima)

Furlani (2003, p. 125), assim como prof. Boanerges, também relaciona a progressão da cidade entre 1878 a 1932 a ação conjunta da cultura cafeeira, rede ferroviária e a Escola Normal. Apesar de todo desenvolvimento trazido pela estrada de ferro e a produção cafeeira, para Furlani (2003, p 138) a Escola Normal desempenhava um papel de vital no contexto funcional da cidade, e na mesma linha de pensamento Noemy Silveira Rudolfer (apud Diário Popular, SP, 12/05/1944) define: “Casa Branca é uma cidade que vive em torno de uma escola”. Ainda para Furlani (2003),

Conceberam, erroneamente, que a veneranda Escola Normal se identificava com a inesgotável força motriz necessária ao impulso da cidade e adormeceram em berço esplêndido. Ledo engano!

Ignoraram a regra pétrea das ciências sociais de que os fatos estão em perpétua mutação. (FURLANI, 2003, p. 139)

Afirma Furlani (2003, p. 111) que entre 1932 e 1960 foi um período de decréscimo populacional, que para ele se deu pela crise cafeeira e pela perda de sua condição de pólo educacional, além da decadência da ferrovia e a saída de casabranquenses para grandes centros em busca de trabalho e formação. Como podemos verificar em sua tabela populacional,

Quadro 37 – Tabela populacional por ano (1900 – 1940)

| ANO  | TOTAL  |
|------|--------|
| 1900 | 16.133 |
| 1920 | 26.397 |
| 1940 | 21.993 |

Até hoje, verificamos em conversas informais com professores aposentados e ex alunos que passaram pela escola, a importância da Escola Normal para a cidade de Casa Branca e região. Casa Branca foi por tempo considerada uma “cidade culta”, “polo educacional” decorrente da presença da Escola Normal. Esta representação perdurou por muitos anos, como pude presenciar, durante os anos 1982, quando cursei o Magistério, antigo curso Normal, ainda considerado um curso de prestígio, que recebia alunos da região de Casa Branca.

A Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho acolheu o Curso CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério no período de 1992a 2005 quando este foi extinto.

Com a extinção do CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, a formação do docente passou a ser realizado no Ensino Superior, de acordo com a Lei 9.394/96, colocando o fim da formação de professores em nível médio,

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida,

como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (LDB 9.394/96)

O edifício da Escola Normal de Casa Branca acolhe hoje a Escola Estadual “Dr Francisco Thomaz de Carvalho”, atendendo alunos do 6º ano fundamental até o 3º ano do Ensino Médio e EJA, nos períodos da manhã, tarde e noite, com aproximadamente 1.100 alunos e 70 professores e 15 funcionários.

O prédio foi tombado pelo CONDEPHAAT –Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turismo do Estado de São Paulo, na categoria de bem cultural, através da Resolução SC – 189, de 12 de dezembro de 2002; sendo o prédio restaurado recentemente pelo Governo do Estado e a obra entregue em 18 de janeiro de 2014 pelo Governador Geraldo Alckimin, recuperando sua arquitetura e imponência no centro da cidade.



Figura 31 - Foto atual da Escola Normal

Na entrega da obra de restauração foi inaugurado o Museu Conceição Paschoal<sup>18</sup> instalado no último andar da antiga Escola Normal, em uma sala de

---

<sup>18</sup>O Museu recebeu o nome da Professora Conceição Paschoal, homenagem feita em vida à ex aluna da Escola Normal e professora aposentada que ainda está presente em atividades desenvolvidas pela escola.

aula com aproximadamente 44 m<sup>2</sup>, encontram-se livros e registros de alunos e professores, cadernos, fotos, medalhas, móveis e equipamentos utilizados em diferentes períodos, documentos da fundação da escola (1913) até os dias atuais (2015), organizados de forma aleatória, sem a preocupação com datas, períodos ou tipos de documentos, todos exposto em mesas, alguns organizados em pastas outros em plástico ou em álbuns, percebemos que o espaço é muito valorizado pela comunidade escolar.



Figura 32 - Foto do Museu Prof. Conceição Paschoal (1)



Figura 33 - Foto do Museu Prof. Conceição Paschoal (2)

Por falta de políticas públicas e legislação que resguarde os arquivos, e com o descarte permitido de tempos em tempos, muitas instituições não tiveram ou não souberam arquivar seus documentos de forma adequada, permitindo desta forma a perda de muitas fontes e de uma parte de sua história. Na Escola Normal, desde a sua criação em 1912, a escola passou por diferentes gestões e mudanças causadas por forças políticas e administrativas, infelizmente, muitas fontes foram descartadas sem critérios para a eliminação, não havendo uma preocupação na preservação dos documentos, dados estes já relatados no texto anteriormente.



Figura 34 - Foto do Museu Prof. Conceição Paschoal (3)

Durante a pesquisa realizada na Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, presenciamos projetos de preservação e memória desenvolvidos pelos professores de História, com o apoio da direção, junto à comunidade escolar. Percebe-se que há um envolvimento de funcionários, alunos, professores e direção no esforço que manter vivo a história desta instituição; resgatar sua memória seria devolver a cidade uma parte de da sua história, um período de valorização cultural, social e da educação como motor propulsor do desenvolvimento desta pequena cidade.

Entre os personagens da Escola Normal, destacamos Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, político e advogado que atuou juntamente ao Governo Estadual para a criação e instalação da escola em Casa Branca. Dr. Francisco Thomaz de Carvalho faleceu em 1930, não pode ver a inauguração do prédio próprio da Escola Normal. Em sua homenagem a Escola Normal de Casa Branca através do decreto 10.939 de 14/02/1940 recebeu a denominação de Escola Normal Dr. Francisco Thomaz de Carvalho.

De acordo com memorialista Thomaz (1965, p. 90), também em sua homenagem foi inaugurado em 1944 o seu busto de bronze defronte à entrada principal da escola. A solenidade ocorreu no dia 22 de dezembro às 17 horas na “Praça Dr. Barreto”, quando na visita do Sr. Dr. Sebastião Nogueira de Lima, Secretario da Educação, paraninfo da turma de formandos da Escola Normal daquele ano.

A Câmara municipal também em homenagem ao Dr. Francisco Thomaz de Carvalho alterou, através da Lei n 174 de 21 de dezembro de 1953, o nome da praça onde foi construída a Escola Normal, praça “Dr. Barreto” para Praça Dr. Carvalho.

Neste capítulo problematizamos os espaços escolares, pudemos acompanhar a locação dos 4 casarões que foram utilizados para abrigar a comunidade escolar e a construção do seu prédio próprio.

Através do levantamento das fontes, concluímos que os prédios locados não apresentavam condições de higiene e de infraestrutura, apresentando rachaduras, mofo, bolor, morcegos entre outros, causando transtornos para a comunidade escolar. Além dos problemas estruturais, a direção da Escola Normal enfrentava dificuldades na sua gestão, com seus cursos e seções distribuídos em 4 casarões locados distantes uns dos outros e poucos funcionários para atender uma demanda crescente de alunos.

A construção do edifício da Escola Normal que teve início em 1920 se prolongou por vários anos, sendo ocupada pela comunidade escolar em 1932, ainda com o prédio inacabado.

Edificado na praça Dr. Barreto, hoje Praça Dr. Carvalho, no centro da cidade, destacava-se pela sua imponência, conforme já citado no texto em Wolff (1992), simbolizava a importância dada à educação na república, divulgando a imagem de estabilidade e nobreza das administrações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a reconstrução do percurso histórico da Escola Normal de Casa Branca, da autorização em 1912 perpassamos pela sua instalação, pelos agentes escolares e suas práticas, a locação dos casarões que a abrigaram até a construção do seu edifício próprio entregue em 1932.

A riqueza das informações obtidas nas fontes contribuiu para a compreensão do contexto no qual a Escola Normal estava inserida e suas relações com o seu entorno, estado e país.

O referencial teórico utilizado foi Chartier e a História Cultural, o autor (1991, p. 178) define História Cultural como o estudo dos processos com os quais os sujeitos constroem sentidos para as suas ações, formulando a noção de representação.

Para Chartier a preocupação do historiador ao ler um documento historiográfico deve estar com aquele que o produziu, os fatos não chegam para ele “puro” e sim passado pelo olhar de quem os selecionou, para ele o historiador poder capaz de organizar suas fontes sem abrir mão do rigor acadêmico científico. Levantamos junto as fontes a trajetória da Escola Normal Primária de Casa Branca.

Utilizamos Nóvoa e Magalhães para a abordagem da história da Educação e na análise das instituições educativas, buscando uma renovação na forma de construir a identidade da escola, fazendo um cruzamento e um alargamento das informações, através da meso-abordagem, que emerge entre a macro e a micro história.

Durante a pesquisa foi de fundamental importância a contextualização da Escola Normal no Brasil, no Estado de São Paulo até sua criação e instalação na cidade de Casa Branca, pudemos compreenderas relações institucionais entre o nacional e o local.

Uma das hipóteses levantada através da pesquisa para a instalação da Escola Normal em Casa Branca foi sua localização privilegiada, ficando a nordeste do São Paulo, próxima ao sul de Minas Gerais, fazendo divisa com as cidades de Itobi, Vargem Grande do Sul, Tambaú, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa e Aguaí.

Atendendo 106 alunos em duas seções: feminina com 60 alunas e masculina com 46 alunos, autorizada em dezembro de 1912, iniciou suas atividades em 1913.

Foi possível através das fontes, planificar o número de inscritos nos exames de suficiência, matrículas, formandos, assim como as grades utilizadas no período do recorte de nossa pesquisa.

Verificou-se a presença de alunos várias cidades vizinhas, assim como professores, diretores e funcionários de diversas localidades, proporcionando a cidade uma maior visibilidade regional e a condição de “polo educacional”.

Sobre o cotidiano escolar, entre eles as festas comemorativas e cívicas, visitas, inspeções, exposições, encontramos fontes nos arquivos dos jornais locais, infelizmente, nos arquivos da Escola Normal não localizamos tais registros.

Dos materiais utilizados pelos professores e alunos, apenas alguns cadernos foram identificados nos arquivos da escola. Relembrando que com o descarte permitido de tempos em tempos e com a falta de orientação sobre a importância dos arquivos escolares, muitos documentos históricos foram perdidos ou danificados deste período.

Nas fontes pesquisadas não foi possível identificar as inovações didáticas e pedagógicas implantadas nas reformas da instrução pública que ocorreram entre 1912 a 1932, assim como os movimentos potencializador da formação de professores. Não localizamos nos arquivos escolares registros da utilização dos laboratórios, das aulas experimentais e do gabinete de psicologia experimental; não foi possível identificar nenhuma fonte versando sobre os saberes e práticas aplicadas a Escola Normal deste período.

Pesquisamos os espaços escolares que abrigaram a Escola Normal, percorremos pelos quatro casarões alugados, seus problemas físicos e administrativos até que, por volta de 1920, inicia-se o movimento em pró a construção do edifício para a Escola Normal de Casa Branca.

Cesar Marchisio, experiente arquiteto em projetos escolares, projeta a Escola Normal de Casa Branca utilizando a planta da Escola Normal de Campinas, alterando sua fachada.

Marcada por paralisações, falta de verbas e alterações no seu projeto inicial, a obra levou por volta de 12 anos para ser concluída e em 1932 com o prédio ainda inacabado, recebeu seus cursos anexos e seções da Normal em um único edifício.

Um “majestoso” edifício construído no centro da cidade, a Escola Normal destaca-se entre as construções da época, sendo motivo de orgulho para os casabranquenses, de acordo com notas publicadas no jornal local.

Durante a pesquisa, acompanhamos a trajetória da Escola Normal de Casa Branca de 1913 a 1932, seus alunos, professores, práticas e saberes escolares, assim como os prédios que abrigaram a sua comunidade escolar.

Acompanhamos a apropriação das representações difundidas no início da República pelos casabranquenses, atribuindo à instrução pública o projeto civilizador, o progresso e o desenvolvimento da cidade, do estado e do país.

O edifício da Escola Normal ainda hoje é um dos mais imponentes da cidade ao lado da santa Casa e da Igreja Matriz, sendo provocador de constantes discussões sobre sua ocupação e conservação e preservação.

A Escola Normal sofreu alterações durante as reestruturações educacionais do estado de São Paulo e hoje acolhe a Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho atendendo alunos do Ensino Fundamental II e Médio, EJA, nos três períodos.

O nome Dr. Francisco T. de Carvalho foi atribuído a Escola Normal em 1940, em homenagem a um dos colabores da criação da Escola Normal em Casa Branca.

O antigo prédio foi tombado pelo CONDEHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turismo do Estado de São Paulo, sendo recentemente restaurado pelo governo estadual, entregue em 1914. Juntamente com a entrega de restauração, foi inaugurado o Museu Conceição Paschoal que abriga os arquivos da Escola Normal Primária desde sua criação até a presente data.

Nesse sentido, acredito que este trabalho ofereça significativa contribuição para a reconstrução histórica da Escola Normal de Casa Branca e sirva de reflexão sobre as representações e discursos atrelados a ela no período de 1912 a 1932. Para a educação, espero que esta pesquisa contribua com os futuros trabalhos acadêmicos, especificamente, na formação de professores pelas Escolas Normais no estado de São Paulo, especialmente a Escola Normal de Casa Branca.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. Currículos da Escola Normal Paulista (1846 – 1920) Revendo uma trajetória (UNESP), Revista Brasileira Est. Pedagógica, Brasília, v.76, n.184, p. 665-689, set/dez. 1995.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. Estudos Avançados, São Paulo, v.5, n.11, 1991, p.173 – 191.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; NEVES, Helia Maria Vendramini; MELLO, Mirela Geiger de – Arquitetura Escolar Paulista – São Paulo: FDE. Diretoria de Obras e Serviços, 1991.

DEMARTINI, Zeila de B.F.; ANTUNES, Fátima F. Magistério Primário: profissão feminina, carreira masculina. Cad. Pesq. São Paulo, n. 8, p.5-14, ago 1993.

GOFF, Jacques Le, História e Memória, Editora UNICAMP, Campinas/SP, 1990

FURLANI, Geraldo Majella, O Município de Casa Branca, 2<sup>o</sup> Edição – 2003, Impressos São Sebastião Editora e Gráfica Ltda., 2003, livro do acervo do Museu da Escola Estadual Dr. Francisco Thomaz de Carvalho.

HONORATO, Tony A Escola Complementar Paulista (1890-1911). Revista Educação e Fronteiras online, Dourados/MG, V.3, n°9, p. 58-72, maio/agos, 2013.

\_\_\_\_\_. Modelos Escolares para a Formação de Professores no Estado de São Paulo (1897 - 1921): O Poder à Luz de Norbert Elias. Revista Comunicações, Piracicaba/SP, ano 22, n.2, p.123 – 136, jul-dez, 2015.

\_\_\_\_\_. Escola Complementar (1897- 1911): Indisciplina, Poder e Civilidade. Campinas/SP. UNICAMP, 2007

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Tecendo nexos: História das Instituições Educativas. Ed.Universitária São Francisco. Bragança Paulista, 2004.

\_\_\_\_\_. Para a História do Ensino Liceal em Portugal – Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894 – 1895), Universidade do Minho, Braga/Portugal, 1999.

\_\_\_\_\_A construção de um objeto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. Educação Unisinos, volume 11, número 2, maio/agosto, 2007.

MONARCHA, Carlos. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1999.

MOREIRA, Regina da Luz. São Paulo pega em armas: a Revolução Constitucionalista de 1932. MÍMEMO, CPDOC, 2002.

NERY, Ana Clara Bortoleto PRÁTICAS ENQUANTO ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO: O ASSOCIATIVISMO DISCENTE. In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação, 2011, Vitória/ES. Invenções, Tradições e Escritas na História da Educação no Brasil. Vitória: UFES, 2011. v. 1. p. 1-10.

SCACABAROZZI, Sérgio A. E.E.Dr Francisco Thomaz de Carvalho (Escola Normal), edição comemorativa – 90 anos. Casa Branca/SP, 2003.

SOUZA, Rosa Fátima de Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890 – 1910). Fundação Editora UNESP, São Paulo, 1998.

TANURI, L. M. A formação docente no Brasil: História e Política, Educação e Filosofia, v.17, n 34, jul/dez 2003, p.253-264.

\_\_\_\_\_História da Formação dos Professores, Revista Brasileira de Educação, n. 14, maio-agosto 2000, p. 61-88.

TEIXEIRA, Anísio. A crise educacional brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.19, n.50, abr./jun. 1953. p.20-43. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/produde.htm>.

\_\_\_\_\_A educação e a constituição de 1946. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.33, n.77, jan./mar. 1960. p.68-82. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/produde.htm>.

\_\_\_\_\_Condições para a reconstrução educacional brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.18, n.49, 1953. p 3 - 12. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/produde.htm>

THOMAZ, Juca. Francisco Thomaz de Carvalho criador e patrono do Instituto de Educação de Casa Branca. Associação dos Antigos Alunos do “I.E. Francisco Thomaz de Carvalho”, Casa Branca/SP, 1965.

TREVISAN, Amélia Franzolin, Casa Branca, a povoação dos Ilhéus, 1979, SP, monografia de Mestrado apresentado ao Departamento de História da Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA , Rosa Fátima. VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**, Campinas, Autores Associados, 2005.

WOLFF, Sivia Ferreira Santos. Escolas para a República: os primeiros passos da arquitetura das Escolas Públicas Paulistas. SP: EDUSP, 210.

#### **FONTES:**

Anuários do Ensino do Estado de São Paulo. Publicação organizada pela Inspeção Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1914 – 1936.

ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL, Casa Branca - período de 1890 a 1934. Livros de registros de Atas da Câmara Municipal de Casa Branca

BRASIL. Lei de 15/10/1827. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm)

BRASIL. Lei Estadual N. 1.359 , DE 24 DE DEZEMBRO DE 1912. <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1912/lei-1359-24.12.1912.html>

BRASIL. Constituição (1834). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1834.

BRASIL. Constituição (1937). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1937.

BRASIL. Decreto Estadual n. 1.216 de 27 de abril de 1904. Dispõe: Approva e manda observar o Regimento Interno dos Grupos Escolares e das Escolas Modelo. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1904/decreto-1216-27.04.1904.html>.

BRASIL. Decreto Estadual n. 2.367 de 14 de abril de 1913. Dispõe: Approva o Regulamento das escolas normaes de curso secundario e escolas annexas. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1913/decreto-2367-14.04.1913.html>.

BRASIL. Lei Estadual n. 88 de 8 de setembro de 1892. Dispõe sobre a Reforma a instrução publica do Estado. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1892/lei-88-08.09.1892.html>.

BRASIL. Lei Estadual n. 1.750 de 8 de dezembro de 1920. Dispõe sobre a Reforma da Instrução Publica do Estado. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1920/lei-1750-08.12.1920.html>

BRASIL. Decreto Estadual N. 2.025, DE 29 DE MARÇO DE 1911. Converte as actuaes Escolas Complementares do Estado em Escolas Normaes Primarias e dá-lhes regulamento. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1911/decreto-2025-29.03.1911.html>

BRASIL. Decreto 5.882 de 21/04/1933. Institue o Codigo de Educação do Estado de São Paulo. Disponível em:

<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1933/decreto-5884-21.04.1933.html>

BRASIL. LEI N. 9.394, DE 16 DE OUTUBRO DE 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em:

<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1996/lei-9394-16.10.1996.html>

JORNAL "O CASA BRANCA", Casa Branca: período de 1912 a 1934. Hemeroteca de Casa Branca.

JORNAL "O TEMPO", Casa Branca: período de 1912 a 1934. Hemeroteca de Casa Branca.

JORNAL "A Tribuna", Ed. Especial, 09/07/1954